

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

VERA REGINA DE AQUINO VIEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DOS FATOS NO JORNALISMO E SUAS
RESPECTIVAS TRADUÇÕES NOS ENTORNOS CULTURAIS
BRASILEIRO, ESPANHOLE ARGENTINO: A PRODUÇÃO DE
SENTIDOS ATRAVÉS DO CONTEXTO E DO PRINCÍPIO DE
COOPERAÇÃO**

**Florianópolis
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

VERA REGINA DE AQUINO VIEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DOS FATOS NO JORNALISMO E SUAS
RESPECTIVAS TRADUÇÕES NOS ENTORNOS CULTURAIS
BRASILEIRO, ESPANHOLE ARGENTINO: A PRODUÇÃO DE
SENTIDOS ATRAVÉS DO CONTEXTO E DO PRINCÍPIO DE
COOPERAÇÃO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^a. Meta Elisabeth Zipser, Dr^a.

**Florianópolis
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

VIEIRA, VERA REGINA DE AQUINO
A REPRESENTAÇÃO DOS FATOS NO JORNALISMO E SUAS
RESPECTIVAS TRADUÇÕES NOS ENTORNOS CULTURAIS BRASILEIRO,
ESPANHOLE ARGENTINO: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DO
CONTEXTO E DO PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO / VERA REGINA DE
AQUINO VIEIRA ; orientadora, Meta Elisabeth Zipser -
Florianópolis, SC, 2015.
176 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3. Jornalismo. 4.
Pragmática. I. Zipser, Meta Elisabeth . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. III. Título.

Vera Regina de Aquino Vieira

Dedico este trabalho a minha mãe
(in memoriam), ao meu pai e à Rosa
(in memoriam), sempre amor.

AGRADECIMENTOS

No percurso de uma atividade que demanda tanto tempo e tantos movimentos transitam pessoas de fundamental importância para a sua realização. Nominar a cada uma dessas pessoas que participaram direta ou indiretamente para a conclusão desta tese é tarefa quase impossível, mas há algumas que é preciso mencionar e agradecer especialmente.

Agradeço à Meta pela confiança, amizade e disposição em abraçar comigo esta empreitada. Sua orientação e paciência me proporcionaram a liberdade e a segurança necessárias para percorrer diversos caminhos e acertar o compasso, dede a largada até a reta final. Muchísimas Gracias!

À Raquel D'Ely pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. Muchas Gracias!

À Maria José Baldessar também por sua leitura minuciosa, por suas valiosas contribuições no exame de qualificação, pela disposição em trocar ideias sobre questões relativas ao jornalismo. Muchas Gracias!

Aos colegas Andréa Guerine e Walter Costa pelo apoio e pela acolhida em meu ingresso no programa de doutorado da PGET. Muito obrigada!

À Myrian pela amizade, disposição, bom humor e fundamental participação durante todas as etapas do trabalho. Gracias, guapa!

Ao Andrey pelo apoio constante na coordenação de EaD, que me permitiu dedicar mais atenção à tese. Muito obrigada!

À Morena, Paula, Ane, Maíra pelo apoio e ajuda, ainda que indireta. Muito obrigada!

Ao Fernando pela atitude sempre prestativa na secretaria da PGET. Obrigada!

À Verônica, pela ajuda com o índice e pelas boas risadas! Gracias, guapetona!

À minha família e em especial à Blandina, pelo apoio e amizade permanentes e incondicionais desde sempre. Obrigadíssima!

À Universidade Federal de Santa Catarina, por tudo o que representa. Obrigada!

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida?

João Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma interface entre tradução, jornalismo e pragmática, para poder compreender se o jornalista/tradutor consegue transportar para o texto jornalístico o contexto real dos fatos, para situar a audiência, e se essa audiência consegue preencher as eventuais lacunas surgidas em função da falta de contexto e compreender as sutilezas linguísticas e seus propósitos na configuração do contexto e na recontextualização do evento comunicativo. Perseguindo este interesse, para analisar a tradução do fato noticioso nos orientamos por Zipser (2002), quem concebe que ao transformar um fato em notícia o jornalista atua como tradutor da realidade, imprimindo no texto a sua interpretação da situação. Igualmente nos guiamos por Nord (1991), para quem a tradução é uma intermediação intercultural, estando cada texto inserido em um contexto, voltado para um público com um propósito. Em Bakhtin (2003), nos apoiamos no que respeita às concepções de língua/linguagem enquanto fenômeno social da interação verbal que se realiza através da enunciação e do texto entendido como prática de linguagem entre sujeitos em contexto sociohistoricamente inseridos e arraigados à vida cultural. As noções de Van Dijk (2000), sobre modelos de contexto ampliam e complementam o entendimento sobre os contextos, ao concebê-los como modelos mentais das experiências pessoais dos eventos comunicativos que atuam no controle da produção discursiva, sendo dinâmicos, históricos e culturalmente variáveis. E de Grice (1982), nos servimos de seu Princípio de Cooperação que rege as interações comunicativas expressas em Máximas Conversacionais, que podem comprometer a compreensão dos enunciados por parte dos sujeitos em interação. O corpus de análise são notícias online extraídas dos jornais Folha de São Paulo do Brasil, El País da Espanha e Clarín da Argentina e trata da Copa das Confederações realizadas no Brasil em 2013. O percurso metodológico seguido compreende uma abordagem qualitativa, exploratória, o que motivou e permitiu incursões diversas no intento de caracterizar e categorizar o contexto nos textos, objeto de análise. Os resultados advindos da análise sistemática dos textos nos permitiram elencar os temas e intertemas enquanto ativadores e configuradores de contexto e as Máximas Conversacionais enquanto normas que orientam os sujeitos nas interações comunicativas. O cotejamento dos dados e os resultados conduzem à conclusão de que o contexto local, quando acessível, apresenta-se facilmente contextualizado e recontextualizado, mas

quando levado a entornos linguísticos, históricos, culturais e sociais distantes compromete a compreensão.

Palavras chave: Tradução. Jornalismo. Pragmática

ABSTRACT

This research is a link of translation, journalism and pragmatic with the purpose of understanding whether the journalist/translator is able to convey the actual context of facts to a journalistic text by situating their audience. Thus, we observe whether or not the audience can fill occasional gaps that arise whenever there is a lack of context in order to understand linguistic subtleties and the purposes within the context configuration and recontextualization of the communicative event. Having this objective in mind, we are guided by Nord (1991) whose perspective of translation is based on an intercultural mediation where each text is inserted in a context that faces the audience with a purpose. Similarly, in order to analyze the translation of news fact, we are based on Zipser (2002), with the conception that the journalist who transforms a given fact into news is actually a translator of reality, printing in the text their own interpretation of the situation. We are also supported by Bakhtin (2003) with regard to the concept of language as a social phenomenon of verbal interaction that happens through enunciation and text. This is conceived as practice of language among individuals who belong to specific socio-historical contexts and are ingrained in cultural life. Van Dijk's (2000) context models also extend and complement our understanding of contexts when we conceive them as mental models of personal experiences of communicative events that control discursive production which are dynamic, historical and culturally variable. Finally, Grice's (1982) contributes to this research with the Cooperative Principle that governs communicative interactions expressed in Conversational Maxims, which may compromise the enunciation understanding when individuals interact. Our corpus of analysis corpus comes from online news of 'Folha de São Paulo' -Brazil-, 'El País' -Spain-, and 'Clarín' -Argentina. The theme selected for this analysis concerns the Confederations Cup held in Brazil in 2013. In methodological terms, we comprise a qualitative and exploratory approach, which motivated and enabled us to explore several attempts in order to characterize and categorize the context in the text, our object of analysis. The results from the systematic analysis of the texts allowed us to list the themes and inter themes as context activators and configurators. Also, the Conversational Maxims are the rules that guide the subject in communicative interactions. The data readback and the results lead to the conclusion that the local context, when available, is easily contextualized and recontextualised. However, when this local

context is brought to distant linguistic, historical, cultural and social environments, it may affect the readership understanding.

Key-words: Translation.Journalism.Pragmatic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelo de Esser	50
Figura 2. Mapa da notícia no site da Folha	114
Figura 3. Mapa da notícia no site do El País.....	115
Figura 4. Mapa da notícia no site do Clarín.....	116
Figura 5. A notícia no site da Folha (a)	118
Figura 6. A notícia no site da Folha (b)	119
Figura 7. A notícia no site da Folha (c)	120
Figura 8. A notícia no site da Folha (d)	121
Figura 9. A notícia no site do El País (a)	126
Figura 10. A notícia no site do El País (b).....	127
Figura 11. Foto extraída do jornal El País.....	129
Figura 12. A notícia no site do Clarín (a)	135
Figura 13. A notícia no site do Clarín (b)	136
Figura 14. A noticia veículada no Brasil e seus intertemas	148
Figura 15. A noticia veículada na Espanha e seus intertemas	149
Figura 16. A noticia veículada na Argentina e seus intertemas	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. O corpus	28
Quadro 2. Modelo de Nord	48
Quadro 3. Manchetes através dos hiperlinks	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIFA	Federação Internacional de Futebol
FSP	Folha de São Paulo
PM	Polícia Militar
PT	Partido dos Trabalhadores
MG	Minas Gerais

SUMÁRIO

PRELIMINARES	27
1 INTRODUÇÃO	29
1.1 OBJETIVO GERAL.....	36
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	36
1.3 JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÕES	37
1.4 HIPÓTESES	39
1.5 TRABALHOS RELEVANTES	39
2 TRADUÇÃO	43
2.1 A TEORIA FUNCIONALISTA DE NORD.....	45
3 TRADUÇÃO E JORNALISMO	49
4 LINGUAGEM E SIGNO LINGUÍSTICO	53
4.1 A LINGUAGEM COMO FORMA DE AÇÃO	55
5 TEXTO, TEXTUALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS 57	
5.1 INTERTEXTUALIDADE	60
5.2 COMPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO	62
5.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS JORNALÍSTICOS.....	63
5.3.1 O GÊNERO NOTÍCIA	63
5.3.2 JORNALISMO ONLINE.....	66
6 PRAGMÁTICA	71
6.1 SIGNIFICADO CONTEXTUAL.....	74
6.2 A TEORIA DOS ATOS DE FALA	75
6.3 GRICE: O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO E AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS	76
6.4 AS IMPLICATURAS	80

6.5 VIOLAÇÃO ÀS MÁXIMAS	83
6.6 A TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	84
6.7 PRAGMÁTICA E JORNALISMO	85
6.8 ATOS VERBAIS JORNALÍSTICOS	88
7 OS CONTEXTOS.....	95
7.1 CONCEPÇÕES DE CONTEXTO.....	95
7.2 MODELOS DE CONTEXTO	98
8 TEMAS E INTERTEMAS.....	103
8.1 O TEMA DO TEXTO	103
8.2 TEMA – REMA.....	103
8.3 TEMA – INTERTEMAS.....	104
9 MATERIAL E MÉTODO.....	107
9.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	108
9.2 CONTEXTUALIZANDO AS NOTÍCIAS E OS ACONTECIMENTOS.....	109
9.3 A PESQUISA	110
10 ANÁLISE E DISCUSSÃO	113
10.1 TEMAS, INTERTEMAS E CONTEXTO.....	113
10.2 AS MÁXIMAS	138
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS.....	155
ANEXOS.....	165

Al concebir el lenguaje como retórico Nietzsche nos dice no sólo que la palabra es expresión y representación en vez de reproducción, sino también que tal expresión tiene inevitablemente un carácter figural, es decir, metafórico-simbólico. La palabra es siempre tensión entre el concepto unívoco (logos) y la imagen equívoca (mythos), expresa siempre de modo figurado: imperfecto, incompleto, alusivo, borroso. Por su naturaleza eminentemente simbólica, el lenguaje a un tiempo revela y oculta, alumbra, insinúa y oscurece: hay una zona de borrosidad y de claroscuro inevitable entre las palabras y su sentido.” (Chillón, Albert)

PRELIMINARES

A presente pesquisa tem sua origem nas minhas inquietações enquanto sujeito social, professor, leitor atento, crítico, pesquisador que acompanha e se preocupa com o fazer didático pedagógico e tem a prática de ensino aprendizagem de línguas estrangeiras pautada em uma concepção de língua como um instrumento e veículo de comunicação entre sujeitos agentes que ao atuarem dialogicamente produzem textos nas manifestações linguísticas, em suas práticas sociais que se realizam na e pela linguagem.

No entanto, o que fez surgir esta tese de doutorado foi mais precisamente a situação vivenciada em maio e junho de 2011 em Madri/Espanha. Na ocasião, estando de passagem pelo país, me dei conta de que as notícias do dia giravam em torno a “pepinos”: *‘Crisis del pepino’: la alarma se desata en Alemania mientras daña al sector agrario; Pepinos españoles provocan un brote letal de ‘E. Coli’ en Alemania; La UE compensará a España por la crisis de los pepinos*”.

Como estrangeira, apesar da familiaridade com o idioma e com o país, me perguntava o que de fato estaria havendo e tentava me informar, mas a mídia local trazia muitas questões à tona a partir do suposto episódio dos pepinos contaminados, o que acabava me confundindo por mais que eu fosse atrás de notícias linkadas. Os noticiários e jornais divulgavam uma crise diplomática e comercial delicada entre Espanha e Alemanha e alertavam à população sobre o consumo de pepinos e legumes crus em geral em razão de suspeitas de contaminação. A Alemanha havia deflagrado o bloqueio de importação e consumo de pepinos e tomates originários da Espanha, acusava o país vizinho de ser o culpado pela contaminação e disseminação da bactéria E. Coli e a União Europeia já manifestava a preocupação com alguns casos registrados em países do continente europeu. O que chamava a atenção e inquietava era a repercussão que o acontecimento havia tido e os desdobramentos do alarme, da acusação por parte dos alemães, o sentimento de indignação e mal estar geral, comentários nos restaurantes e mercados, onde a oferta dos produtos se mantinham, mas o consumo havia diminuído. Como brasileira achava certa graça ao pensar no assunto porque creio que Brasil a bactéria E. Coli não causaria essa tempestade, caso ocorresse algo semelhante aqui com um país vizinho, em virtude dos problemas de higiene diariamente registrados e divulgados nos jornais dos países vizinhos, envolvendo a bactéria E. Coli.

Então, ao pensar na pesquisa, os textos jornalísticos para análise de jornais da Espanha e Brasil seriam sobre “o caso dos pepinos”, iniciando a busca por notícias na mídia dos dois países. Entretanto, depois de muita procura percebi que a repercussão do caso era muito frequente na Europa, por razões comerciais e de consumo, sobretudo na Espanha e Alemanha onde as críticas se agudizavam, mas que no Brasil havia pouca alusão ao fato, com escassas notas, sempre numa condição de distanciamento e pouco interesse, e também alguma matéria em revistas semanais sem grandes destaques.

Como o interesse nos questionamentos que a notícia dos pepinos havia suscitado, foi mantido o foco da busca por um corpus que apresentasse elementos para a análise, persistindo o mesmo interesse na pesquisa, no texto jornalístico, gênero notícia, que retratasse um evento local de repercussão internacional e como seria traduzido esse fato para outro entorno linguístico, cultural, histórico, social, ao levar em conta os modelos de contexto disponíveis aos sujeitos em interação.

Ao final da busca, a opção foi pelo tema Copa das Confederações – Brasil – 2013 e foram selecionados 3 notícias online, de importantes jornais dos países Brasil, Espanha e Argentina, sobre o mesmo episódio divulgado, com as respectivas manchetes

Quadro 1. O corpus

Notícia	País	Meio	Data
Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são presas pela PM	Brasil	Folha de São Paulo	15/06/2013
Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior	Espanha	El País Internacional	15/06/2013
Un torneo envuelto en un marco político potente	Argentina	Clarín	16/06/2013

Fonte: Elaborado pela autora

1 INTRODUÇÃO

Os estudos da tradução, nas últimas quatro décadas, têm sido revigorados em razão do desenvolvimento de teorias, metodologias, pesquisas, firmando esta área como um campo autônomo e consolidado no meio acadêmico. Também podemos afirmar que muitas das áreas e disciplinas afins a estes estudos, como é o caso da filosofia, antropologia, psicanálise, ciências da comunicação, sociologia, linguística, literatura, produzem ricas interfaces e geram linhas de investigação que sinalizam para a sua diversidade, abrangência e interdisciplinaridade, contribuindo assim para ampliar, aprofundar e amadurecer o conhecimento e a produção científica.

Neste estudo, no entanto, interessa-nos especialmente o par tradução/jornalismo na visão de Zipser (2002), quem concebe o texto jornalístico como a tradução do fato noticioso, ou seja, a sua compreensão cultural. A autora, portanto, inaugura um novo conceito de tradução, ao propor que:

Partimos não necessariamente de um TF (texto-fonte), mas de um FF (fato-fonte) ou fato gerador que se constitui no próprio evento noticioso, ou seja, o fato-gerador da notícia. Essa noção ampliada de texto permite compreender o fazer tradutório como um ato inserido em contexto real de situação e cultura e, por extensão, como um produto jornalístico que reflete a integração de diferentes esferas de influência e atua, também, como formador de opinião (ZIPSER, POLCHLOPECK, 2009, p.9).

Esta relação tradução/jornalismo encontra eco em estudos e pesquisas que concebem a linguagem e suas dimensões para além da forma e do conteúdo, ao levar em conta, primordialmente, os sujeitos e as culturas em interação na e pela linguagem. Deste modo, a reflexão da linguagem e da cultura e o papel exercido por ambas na tradução dos fatos que são notícia, sobretudo quando levados a outros entornos sócio, histórico e cultural, leva em consideração que o jornalista, ao escrever seu texto, para ser publicado no jornal e lido por um grande número de pessoas, está atuando como tradutor, pois na condição de intermediador, o jornalista traduz fatos e o faz tendo em vista seu destinatário, seu momento cultural e seu contexto situacional (ZIPSER, 2002).

Assim, pois, nesta perspectiva da tradução como representação cultural, os contextos de partida e de chegada do texto jornalístico devem preponderar nas escolhas linguísticas e na proposição de

informações que contribuam para a recontextualização da notícia por parte da audiência.

As notícias veiculadas na mídia, ao portarem e constituírem significados, requisitam o leitor/ouvinte a participar ativamente na reconstituição e recontextualização do fato a partir do relato feito pelo jornalista tradutor, pois em palavras de Koch, (2006), "o significado é uma relação, não há significado sem algum tipo de troca" (KOCH, 2006, p.17). Nesse sentido, o leitor precisa ativar seus conhecimentos prévios, que se apresentam em forma de modelos mentais de situação e de contexto, para acessá-los e colocá-los em funcionamento para poder compreender o relato de forma eficiente, gerando sentido e significado.

A este respeito, alguns autores manifestam suas concepções de maneira bastante próxima e complementar. É o caso de Johnson-Laird (1983), para quem os modelos mentais são representações analógicas da realidade, entendidas como qualquer notação, signo ou conjunto de símbolos que representa algo que é tipicamente um aspecto do mundo exterior ou do interior em sua ausência, ou seja, de nossa imaginação. São essenciais para o entendimento da cognição humana, pois nossa percepção do mundo não se dá diretamente e sim por meio das representações que construímos em nossa mente. Já para Kintsch (1988) os modelos de situação equivalem aos modelos de construção e/ou integração e segundo ele, com base neste modelo são três os níveis de representação cognitiva, gerados a partir da compreensão de um texto: o código de superfície, o texto-base e o modelo de situação. E Van Dijk (2000), por sua vez, considera que a representação mental da situação comunicativa se faz com um modelo mental específico chamado modelo de contexto ou simplesmente contexto. O contexto não é algo externo ou visível, ou fora dos participantes, mas sim algo que os participantes constroem como representação mental. (VAN DIJK 2000)

Nessa perspectiva, o ambiente cultural em que se desenrolam os acontecimentos e seu contexto, global e local, são fatores que agem de modo decisivo na compreensão do texto em seu contexto real¹, sendo o contexto de situação e o ambiente no qual se insere norteadores tanto para o leitor quanto para o jornalista ao transpor para seu texto a sua visão dos fatos, uma vez que a notícia é um registro

[...] da realidade social e um produto dela, já que proporciona aos consumidores das notícias uma abstração seletiva desenhada de forma tal que

¹ Contexto real entendido como aquele em que se desenrolam as situações sociais de forma verossímil.

tenha coerência, apesar dos eventuais descuidos com alguns detalhes. Ela, a notícia, está definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo permanentemente os fenômenos sociais. (MARCONDES FILHO, 1986, p.18)

Os contextos, por sua vez, são construtos mentais, através dos quais os interlocutores podem reconhecer as experiências, percepções, opiniões, conhecimentos, pontos de vista e emoções em relação com a situação comunicativa. Procedem de modelos de experiência e neste sentido são subjetivos e únicos. Simultaneamente, são representações sociais das quais dispõem os participantes da ação comunicativa, em relação com conhecimentos comuns, ideologias, sendo, portanto, intersubjetivos. (VAN DIJK, 1984)

É importante destacar que os contextos, nesta concepção, são dinâmicos, sendo que os indivíduos interpretam, adaptam e modificam as situações em curso e estão, permanentemente, atualizando esses modelos mentais dos quais dispõem, armazenados na memória, e os ativam sempre e quando se fazem necessários, em um permanente processo de construção e reconstrução, ora com mais ou menos elementos disponíveis. Entendemos, assim, que os contextos, tal qual os textos, também organizam as atividades humanas em suas práticas sociais diárias e são igualmente sócio historicamente construídos e de certa forma guiam os sujeitos no uso da linguagem, seja na produção ou na compreensão dos discursos/textos. (BAKHTIN 2003)

Sabemos também que o jornalista/tradutor², além do compromisso com a veracidade dos fatos e a postura que o gênero e a empresa/agência exigem e ao retratar com a devida fidelidade os acontecimentos e reportá-los a outros entornos sócio, históricos e culturais, experienciais, faz uso de filtros culturais³, que precisarão sintonizar-se aos filtros culturais do leitor/ouvinte que está na outra ponta da ação jornalística.

Nesse sentido, conforme argumenta Nord (2009), o tradutor ideal é bi cultural, tendo um domínio das línguas e culturas fonte e meta, sendo sua familiaridade com a cultura fonte o que o permite vivenciar por si mesmo as possíveis reações dos receptores do texto fonte, e o conhecimento da cultura meta propicia ao tradutor antecipar as reações da audiência. (NORD, 2009))

2 Conforme Zipser, 2002, o jornalista exerce o papel de tradutor ao traduzir para o texto jornalístico os fatos e usa os termos jornalista/tradutor para designar o profissional que desempenha a atividade jornalística.

3 Relacionado com nossa formação cultural: tradição, história, valores, crenças, etc.

No entanto, é sabido que o jornalista/tradutor utiliza em sua narrativa algumas expressões ou construções discursivas que podem não ser entendidas pelo leitor/ouvinte, uma vez que este pode não ter em seu inventário de registros, de modelos mentais, os elementos e recursos necessários para captar as nuances subjetivas dessa linguagem, encontrando dificuldades na interpretação e compreensão textual, sendo levado muitas vezes a incompreensões e a ativar modelos de contexto equivocados que distorcem os fatos, contextualizando situações que não fazem sentido em seu universo de conhecimentos.

Outro elemento que levamos em conta no cotejamento dos textos, objeto de análise, são os temas, termo aqui usado como sinônimo de assunto, que cobram a devida importância nesta pesquisa. Segundo muitos autores, o tema de um texto é uma categoria pragmática, que recebe diferentes denominações entre os teóricos, como temática, núcleo temático do significado, conteúdo. (NORD, 201). Para Bronckart (1997), “o conteúdo temático ou referente de um texto pode ser definido como o conjunto das informações que nele são traduzidas” (BRONCKART 1997, p. 67).

A esses temas que se ligam a outros temas e assim sucessivamente como uma teia hipertextual, em que os fios da trama se interconectam e entrelaçam, formando os contextos, passamos a chamar de intertemas.

Assim, como parâmetros do contexto analisado, os temas e as informações nele contidas ou a partir dele relacionadas, como uma rede e que por sua vez constroem os enunciados/textos, são representações construídas pelo agente produtor, conhecimentos esses que variam em função de suas experiências, armazenadas em sua memória como subconjuntos de conhecimentos a ser mobilizados ao produzir ou interpretar um texto ou uma ação de linguagem⁴. Assim, a noção de ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático (Bronckart, 1997).

Entendemos que as produções de linguagem devem ser consideradas em sua relação com a atividade humana em geral, sendo que, conforme afirma Bronckart,

Cada novo texto empírico contribui para a transformação histórica permanente das representações sociais referentes não só a gêneros

4 Ação humana em nível sociológico entendida como porção de atividade de linguagem do grupo e em nível psicológico como conhecimento disponível em um organismo ativo nas diferentes facetas das intervenções verbais. BORONCKART (1997)

de textos (intertextualidade), mas também à língua e às relações de pertinência entre texto e situações de ação (BRONCKART, 1997, p.109).

A propósito de tema e tradução/compreensão, muitos teóricos consideram ser elemento de importância fundamental em todos os estudos teóricos realizados, tendo sido concebido sob diversas denominações: tema, temática, núcleo temático do significado, conteúdo e coincidem em suas considerações quanto a esta categoria pragmática de análise, identificando um potencial adicional de sentido no tema. No entanto, conforme esses mesmos teóricos, se um texto traz uma combinação de temas, essa variedade de temas pode suscitar problemas, sobretudo quando unida a uma variedade de condições situacionais, no que se refere à bagagem de conhecimentos dos receptores. (NORD, 2009)

Os temas e intertemas⁵, nesse sentido, exercem um papel importantíssimo na configuração da notícia e de sua informação, pois o leitor precisará articular seus conhecimentos e ativá-los na recontextualização dos fatos. Para isto é fundamental considerar os temas e intertemas nas relações que o leitor/ ouvinte possa estabelecer para complementar e preencher as lacunas textuais que surjam, sobretudo em entornos sócio-culturais distantes e diferentes geográfica e historicamente.

Com respeito a isto, pondera Nord (2006) que para compreender um enunciado é necessário coordenar a informação verbalizada no texto com a manifestação da realidade em geral ou alguma em particular, fazendo associações ou conectando a informação nova que o texto porta através de sua compreensão linguística, com os conhecimentos armazenados em sua memória e que são parte de sua bagagem cultural. Quando o leitor não tem experiência própria do que está lendo, estabelece analogias. Sobre o acervo de conhecimentos do leitor/ouvinte, Nord (2006) faz referência à bagagem geral e cultural do horizonte do receptor como sendo

[...] aquelas conotações que se associam a algumas expressões em um determinado contexto, referindo-se a uma atitude pessoal, frente ao fenômeno designado ou baseando-se no conhecimento de determinadas situações sociais, políticas, históricas (NORD, 2010 p. 95, tradução nossa)

5 Consideramos os intertemas como os vários temas/assuntos que se ligam e se cruzam em um texto e que afetam diretamente sua compreensão.

São, portanto, os temas e intertemas eixos centrais nas interações comunicativas, responsáveis por situar aos envolvidos nas situações ou eventos, atuando no acesso e resgate de informações prévias, a partir dos modelos mentais, episódicos e na atualização dessas informações dos textos, dos contextos e dos sujeitos.

Entretanto, para mais subsídios de encontro a nossa proposta, nos servimos do Princípio de Cooperação de Grice (1982), quem considera haver nas interações verbais um acordo implícito que os produtores textuais supostamente seguem em suas trocas e que se manifesta em uma série de Máximas. Conforme o autor, os interagentes devem fazer de sua contribuição à conversa a mais apropriada possível para cumprir o propósito de intercâmbio comunicativo no qual estão implicados. GRICE (1982)

Grice, em seu intento de construir a base para um enfoque da Implicatura conversacional, ou seja, do conhecimento transmitido quando os interlocutores implicam, sugerem, querem dizer algo diferente daquilo que realmente dizem, desenvolveu o Princípio de Cooperação. Para ele, se os interlocutores cumprem o Princípio de Cooperação e respeitam as Máximas Conversacionais de quantidade, qualidade, relação e maneira fica fácil determinar o que tentam transmitir mediante sua contribuição à conversa. Agora quando esses interlocutores violam ou ignoram uma Máxima surgem as Implicaturas.

Com base nisto, esta pesquisa apresenta uma interface entre tradução, jornalismo e pragmática para poder compreender se o jornalista tradutor consegue transportar para o texto jornalístico o contexto, a situação real dos fatos, para situar sua audiência e se essa audiência consegue preencher as lacunas, eventualmente surgidas em função da falta de contexto e compreender as sutilezas linguísticas e seus propósitos na configuração do contexto e na recontextualização.

Entendemos que ao transpor e traduzir o fato noticioso a outro público, outra cultura, outro entorno, outra língua, o jornalista tradutor precisa considerar muitos elementos que podem se conflitar nas duas realidades, evitando assim que a audiência faça uma ideia equivocada daquilo que quer noticiar e para que as interpretações aproximem-se ao máximo à realidade dos fatos. Um desses elementos são os filtros culturais que permeiam as interações discursivas.

Seguindo esta orientação, para analisar a tradução do fato noticioso interessa-nos tecer reflexões acerca da língua/linguagem como enunciação, atividade social que os sujeitos realizam conjuntamente, instrumento simbólico de natureza dialógica, permitindo-nos organizar o pensamento e tratar a realidade em sua ausência. Da tradução como

representação cultural de um evento noticioso, tendo-se em conta que tanto o tradutor quanto o jornalista são influenciados por variáveis externas e internas em sua produção textual, podendo tratar sob diferentes perspectivas um mesmo evento noticioso, dependendo do contexto cultural de origem e de destino do fato. E da atividade jornalística como a tradução do fato, marcada por condições sociais, padrões e bases históricas, jurídicas, econômicas, éticas e profissionais das agências (ESSER, apud ZIPSER 2002). E do interlocutor, leitor/ouvinte, quem estabelece diálogo para gerar sentido, pois “o texto é lugar de interação entre sujeitos sociais, os quais dialogicamente, nele se constituem e são constituídos” (KOCH, 2006, p.7)

Para a autora,

[...] a leitura de um texto exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores: o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção de sentido. Nesse processo, autor e leitor devem ser vistos como ‘estrategistas’ na interação pela linguagem (KOCH, 2006, p.9).

Entendemos que ao evidenciarmos esta dimensão linguística poderemos compreender melhor por um lado se as notícias como representação cultural dos fatos e seus produtores, enquanto espectadores e intermediadores entre evento e leitor, proporcionam à audiência as informações necessárias ao seu propósito. Por outro lado, como essa representação dos fatos, a partir de escolhas linguísticas e propósitos/intenções do jornalista tradutor se dá para a audiência, na medida em que vai recontextualizar os acontecimentos, levando-se em conta seus entornos culturais próximos e distantes de modo a gerar sentido e a compreensão dos fatos de forma eficiente.

Tais preocupações atêm-se ao fato de que o leitor, ao não compartilhar os conhecimentos necessários para compreender um fato em outro entorno cultural pode ser conduzido a caminhos que o distanciam ainda mais da realidade dos acontecimentos, e que podem levá-lo, conseqüentemente, a distorções em suas representações mentais, tanto para acesso e resgate de seus modelos de situação quanto na contextualização e atualização de seus arquivos mentais.

Par dar conta de compreender as questões suscitadas, escolhemos para nosso corpus três notícias nos países Brasil, Espanha e

Argentina, nos jornais *Folha de São Paulo*, *El País* e *Clarín*, respectivamente, em sua versão on line. Os três jornais em questão são veículos de grande repercussão e alcance na mídia global. As notícias, por sua vez, versam sobre a Copa das Confederações⁶ do Brasil em 2013 como pano de fundo, dando destaque aos protestos e a outros temas e intertemas relacionados, que acabam roubando a cena do evento esportivo na mídia de todo o mundo.

A partir das notícias selecionadas para a análise e levando em consideração os contextos dos sujeitos de produção e de recepção, em cada uma delas identificamos alguns elementos linguísticos e extralinguísticos que podem responder as nossas perguntas de pesquisa, categorizamos e ampliamos alguns conceitos para serem levados em consideração no ato tradutório.

1.1 OBJETIVO GERAL

Verificar se o jornalista, como um leitor da realidade, ao transpor para o texto a sua visão e interpretação dos fatos o faz de forma verossímil, a fim de permitir à audiência recontextualizar o evento relatado para poder compreendê-lo, através da análise de notícias online em contextos brasileiro (*Folha de São Paulo*), espanhol (*El País*) e argentino (*Clarín*), sobre a Copa das Confederações de 2013 no Brasil.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para alcançarmos o objetivo geral, esta pesquisa compreende os passos a seguir:

1. Distinguir os diferentes elementos que compõem a superfície textual, como títulos, imagens, vídeos, hiperlinks;
2. Identificar os temas e os intertemas em cada notícia selecionada;
3. Investigar a relevância dos temas e intertemas para a contextualização dos fatos por parte da audiência;
4. Averiguar se o texto/jornalista respeita o *Princípio de Cooperação* de Grice, através da análise das *Máximas de Relação* (pertinência ou relevância) e de *Modo*(uso de

6 Torneio que se realiza no país em que acontece a Copa do Mundo um ano antes, tratando-se de uma prévia e termômetro que dão uma ideia aproximada de como será o evento do ano seguinte – neste caso o Mundial de futebol de 2014 no Brasil.

expressões obscuras e ou ambíguas, ser breve e ser organizado)ou se viola as Máximas;

5. Identificar as Implicaturas Conversacionais, no caso de ser constatada violação a alguma Máxima.

1.3 JUSTIFICATIVA E CONTRIBUIÇÕES

Partindo-se do princípio de que as línguas, ao contrário dos espelhos, não reproduzem ou descrevem com fidelidade o universo, é possível afirmar, igualmente, que o texto jornalístico não é claro, simples, objetivo, imparcial, de modo a apresentar para a audiência as informações mais importantes e novas sobre um fato. Isto se agrava um pouco mais quando o texto jornalístico é levado a outros entornos linguísticos, históricos, sociais e culturais. Em palavras de Motta (2006), mesmo não sendo a realidade, o texto jornalístico produz efeito de real, fazendo, para isto, uso de recursos linguísticos para parecer verdadeiro e objetivo. A este respeito, W. Iser (1999, 28) argumenta que “como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos a ser negociados na leitura”. Este exercício ativará no leitor os conhecimentos enciclopédicos de que dispõe para poder estabelecer conexões entre o expresso e o não expresso e tentar organizar as unidades significativas, “um movimento cognitivo de reconhecimento e identificação” para, a partir daí, reconhecer, acessar e reconstruir o evento. (SAUTCHUK 2003, p.40-46).

Como sabemos, os jornalistas evidenciam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos violam algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural. “A notícia representa sempre uma ruptura ou transgressão a algum significado estável.” (MOTTA, 2006, p.14) Em razão das situações inusitadas relatadas que são notícia, o leitor/ouvinte precisará fazer a conexão das partes informativas com a ajuda da memória para poder tecer os laços de significação e preencher esses espaços vazios, indeterminações, pressuposições e implicaturas, tecendo, a partir daí, uma rede/trama de significados que possam fazer sentido e assim validar essa verdade dos fatos que acreditam estar lendo. (MOTTA, 2005)

Com base nesses argumentos, parece-nos relevante dedicar atenção ao estudo dos contextos das notícias internacionais publicadas nos jornais, que apresentam em seu conteúdo temas que se ligam a outros temas e que são fundamentais para a configuração desses contextos, uma vez que “a partir dessas unidades de sentido difusas e

instáveis que são os temas, os usuários textuais constroem uma configuração que gere a criação de um Mundo Textual”. (BEAUGRANDE, 1998, p. 148) A coerência gerada a partir daí resulta da combinação dos conceitos e das relações em uma rede composta por espaços de conhecimento orbitando ao redor do tema principal/central, ou em palavras dos autores, “centro de controle textual”. (BEAUGRANDE, 1998, p. 163)

Nos estudos tradutórios e nos estudos linguísticos, encontramos pesquisas que aludem ao *contexto* do texto jornalístico dando importância a elementos nele explícitos, mas sem dedicar a devida importância que o assunto merece e desempenha nas interações comunicativas, nos atos de linguagem, e que interferem diretamente na recontextualização e compreensão do relato por parte da audiência em entornos linguísticos, culturais, históricos, geográficos e sociais diferentes. Mais séria ainda é a ausência de trabalhos científicos/bibliografia que deem destaque ao *tema* como centro ou eixo ativador de contexto para a recontextualização e compreensão dos eventos, o que justifica a importância que se dá a esta categoria de análise, sobretudo no recorte proposto neste trabalho. No entanto, é frequente encontrarmos pesquisas voltadas para a análise do/s tema/s e ou temática/trama textual de cunho literário, mudando completamente o foco e o interesse por serem mundos diversos, o ficcional e o real, ainda que muitos autores considerem que um imita o outro.

Deste modo, esta pesquisa se justifica enquanto produção e compartilhamento de conhecimentos, contribuindo assim para:

1. Legitimar e ampliar o prisma acadêmico-científico no que respeita à tradução como representação cultural a partir de um fato fonte e não necessariamente de um texto fonte;
2. Ratificar, através da análise de aspectos pragmático-linguísticos da notícia, que o entorno cultural dos sujeitos, os contextos (explícitos e implícitos – temas e intertemas) e os modelos de contexto, são fundamentais para a reconfiguração do fato e sua compreensão;
3. Demonstrar que o uso do Princípio de Cooperação e o respeito às Máximas de Modo e de Relação/Relevância por parte do jornalista tradutor em sua produção textual colaboram para uma compreensão eficiente e que a violação às Máximas/Princípio de Cooperação tem/produz efeito contrário;
4. Corroborar, através da análise de aspectos pragmático-linguísticos da notícia jornalística como o contexto, a partir dos temas e intertemas, e o Princípio de Cooperação, que a compreensão

destes elementos validam a hipótese de pesquisa de que há implicações na compreensão final do texto.

1.4 HIPÓTESES

1. As notícias, como a tradução do fato ou o relato das situações da vida diária, para serem compreendidas precisam de um contexto informativo, com alguns detalhes importantes, para que a audiência consiga situar-se minimamente e reconstruir a cena/episódio, sob pena de invalidar todo o processo interpretativo da interação/enunciação;
2. É com base nas informações contextuais, locais e globais, que os sujeitos acessam e ativam seus arquivos mentais, seu acervo cultural, guardados em forma de modelos mentais, para poderem recontextualizar os fatos e compreendê-los.
3. Quando o entorno sócio cultural/experiencial do fato/sujeito é próximo fica mais fácil ativar e atualizar seus conhecimentos armazenados não chegando a comprometer a compreensão/interpretação. No entanto, quando os entornos sociais, culturais e experienciais dos sujeitos, tanto na produção quanto na recepção, são distantes de seus conhecimentos gerais e locais e quando o texto/tradutor não coopera há implicações no resultado final, de produção e compreensão.

1.5 TRABALHOS RELEVANTES

A partir de pesquisa realizada em bancos de teses e dissertações, com o propósito de fundamentar a pesquisa e a análise e nosso interesse no tema proposto neste trabalho, foram selecionadas referências resumidas nos parágrafos a seguir, posto que a interface entre a tradução e o jornalismo é relativamente nova e vem sendo trabalhada com frequência no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, o qual abriga este trabalho.

Sabrina Sachet defendeu seu trabalho em 2005, com o título “*A interface tradução-jornalismo: marcas culturais no texto de revista*”. Em sua pesquisa a autora objetivou analisar, as marcas culturais presentes textos levando-se em conta seu público-alvo já previamente estabelecido e a cultura em que cada texto está inserido. A hipótese da

existência de marcas culturais nos textos foi mostrada pela escolha lexical que serviram de ferramenta para atingir os propósitos do estudo.

Hutan do Céu de Almeida trabalhou “Brasil e Canadá: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas VEJA e MACLEAN’S”, pesquisa defendida em 2005 e com base nas propostas de Nord (1991) e Zipser (2002), demonstrou como o texto jornalístico de revista enquanto tradução cultural apresenta-se como um facilitador que molda a forma como seus leitores vêem determinado fato.

Silvana Ayub Polchlopek em 2011 defendeu sua tese de doutorado que se derivou da dissertação na mesma linha de pesquisa com o título “O Mundo pós 11 de Setembro: tecendo fios/textos entre a tradução e a narratividade jornalística”. Silvana, partindo de um conceito ampliado de texto deslocado para o fato noticioso a pesquisa contextualiza os desdobramentos do “11 de Setembro” propondo um estudo que se desprende igualmente do texto e se volta para o título que apresenta o tema e abre o texto para o leitor. A sequencialidade evidenciada pelos títulos constrói um novo texto/tradução que resgata a historicidade do fato e gera deslocamentos de enfoque que representam culturalmente os eventos. O corpus, constituído de títulos de reportagens sobre o “11 de Setembro” publicados nos jornais The New York Times e Folha Online marca os desdobramentos do fato entre 2001 e 2009 fundamentado em três vértices: o funcionalismo alemão (NORD, 1991), a teoria enunciativa de Bakhtin (2000) e a teoria da representação cultural (ZIPSER, 2002) em tradução.

Fabíola Teixeira Ferreira, em 2012 apresentou sua dissertação “A Representação Cultural Do Fato Noticioso: A Tradução E Suas Refrações”, e em sua pesquisa analisou as notícias de capa sobre a eleição da candidata Dilma Rousseff à presidência, veiculadas pelos jornais impressos Folha de São Paulo (contexto brasileiro) e La Nación (contexto argentino) em 01/11/2010, para verificar as possíveis refrações ocorridas tanto no exterior como no interior destes textos, principalmente àquelas presentes nas escolhas lexicais feitas pelos respectivos jornalistas/tradutores (ZIPSER, 2002) ao construírem o perfil ideológico e político da presidente nestas traduções.

Gabriela Hessmann, 2013, com o título Tradução Jornalística: Alusões Na Tradução Como Fator Cultural No Texto Telejornalístico pesquisou e discutiu as marcas culturais em dois textos telejornalísticos, referentes a um mesmo fato-notícia, divulgados para públicos de países

diferentes: França e Brasil. Como recurso delimitador, selecionou e o fenômeno da alusão.

Myrian Vasques Oyarzabal, 2013, *O Carnaval E Suas Traduções: Os Desafios Da Resignificação Dos Culturemas*. Identificou os culturemas, barreiras tradutórias e categorizou bem como as técnicas tradutórias adotadas por cada jornalista/tradutor (ZIPSER, 2002) a fim de ressignificar tais barreiras em prol de atingir sua audiência.

Verônica Rosarito Ramirez Parquet Rolón, 2014, defendeu sua dissertação intitulada *O cenário cultural na tradução de um fato noticioso: uma ponte entre o espanhol e guarani ao analisar uma notícia traduzida para duas diferentes vertentes da cultura paraguaia respeitando o bilinguismo guarani/espanhol e abordando a tradução como representação cultural* (ZIPSER, 2002). Evidenciou as marcas intertextuais alusivas culturais em dois textos telejornalísticos, referentes a uma mesma notícia, categorizar as alusões presentes nessas notícias.

2 TRADUÇÃO

Para compartilharmos e contextualizarmos os preceitos da Teoria Funcionalista da Tradução, a qual é um dos pilares deste trabalho, cabe fundamentar que seu advento deu-se após o abandono das concepções estruturalistas com respeito ao texto como um todo, dotado de significados por seu receptor e não mais pelo autor, proporcionada pelos estudos da linguagem em meados dos anos 70. A partir desta mudança de paradigma, o texto, até então concebido como estático, passa a ser entendido como uma situação comunicativa não padronizada que é transformada e alterada pelos fatores culturais. E a tradução, entendida até ali como uma transcodificação pela teoria estruturalista, passa a ser compreendida como uma intermediação cultural.

Deste modo, o ato tradutório, concebido pelo estruturalismo como um intercâmbio de palavras por seus equivalentes léxicos deixa de ser assim concebido em razão de sua não atenção aos fatores sócio, histórico, culturais. O foco tradutório passa a ser o ato da comunicação humana e seus entornos comunicacionais, a partir de uma perspectiva sociocultural, deixando de centrar-se nos aspectos sintáticos e semânticos do texto e passando a preocupar-se com suas relações funcionais para a construção do texto traduzido ou texto meta.

Portanto, a tradução na perspectiva funcionalista é uma ação, uma interação comunicativa que se orienta para determinado público pertencente a uma determinada cultura. E cultura, conforme Nord é toda comunidade que se distingue das outras por formas comuns de comportamento e ação. Para a autora “os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, linguísticas ou mesmo políticas”. (Nord 1991, apud ZIPSER, 2002, p.38).

Na abordagem funcionalista, os precursores são os alemães Katherina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord. Assim, Reiss (1971) pautando-se nas relações funcionais entre texto fonte e texto meta desenvolveu o que denominou como tipologia textual ou situações comunicativas a partir dos estudos de Karl Bühler⁷, que compreende três funções da linguagem: cognitiva, expressiva e conativa, correspondendo aos três protagonistas da comunicação, quais sejam: mundo, locutor e interlocutor.

Para a autora, todo texto mesmo sendo heterogêneo em sua composição é dotado de uma função comunicativa básica e

7 Karl Bühler, psicólogo alemão, que publicou em 1934 uma síntese sobre a linguagem. (PAVEAU&SARFATI 2006, pág. 124)

predominante que ditará suas características mais marcantes. As três funções levantadas por Reiss (Reiss & Vermeer, 1996) e que identificam a tipologia textual são a função apelativa, a expressiva e a informativa, as quais determinarão a estratégia tradutória a ser seguida em prol de alcançar a equivalência textual, ou seja, fazer com que os textos, tanto o fonte quanto o traduzido, atinjam a mesma função comunicativa.

Nesta perspectiva, o tradutor deve avaliar o significado do texto fonte, interpretá-lo, tendo ciência de pertencer a um determinado contexto sócio histórico cultural. A tradução, assim, tem por princípio preservar as funções predominantes no texto fonte já que, para Reiss, é um fator decisivo para avaliar a adequação do texto traduzido.

A tradução ideal, para Reiss, é aquela na qual o propósito é equivalente em relação ao contexto conceitual, à forma linguística e à função do texto fonte. Ou seja, o propósito do texto traduzido deve ser equivaler a função comunicativa do texto fonte, à formação linguística e ao conteúdo conceitual, sendo que a tradução está sempre atrelada a uma intencionalidade, uma função, um propósito.

Mesmo criticada por dar prioridade ao texto fonte, o mérito de Reiss está em definir a importância do TT para além de estruturas linguísticas em condição de simples equivalência. (ZIPSER, POLCHLOPEK, 2008, p. 61)

Porém cabe salientar que em trabalhos posteriores, em parceria com Vermeer, Reiss passou a conceber que a função comunicativa do texto traduzido pode diferenciar-se da função do texto fonte, já que o contexto, o público e o tempo serão diferentes.

Vermeer (1996), que foi aluno de Reiss e desenvolveu alguns trabalhos com a autora, concebe que traduzir não é um ato restritamente linguístico, visto que objetiva transpassar as possíveis barreiras lexicais entre as línguas, através da intermediação cultural e da aproximação por meio de signos verbais e não verbais de um texto para outro, de uma língua para outra língua, de uma cultura para outra. Com Reiss, o autor postula que “cultura é a norma social válida numa sociedade, é também sua expressão” (Reiss e Vermeer, 1984 apud Zipser 2002). Diante disto, as particularidades dos contextos – tanto fonte quanto meta- devem ser levadas em consideração no processo tradutório, já que todo texto, seja ele traduzido ou não, carrega consigo as marcas culturais específicas do contexto em que se encontra, em que foi produzido e só posteriormente será recebido. Vermeer percebe a tradução como uma ação humana, uma comunicação efetiva cujos propósitos estão definidos, estando inserida em uma situação real e em um contexto cultural específicos. E

“a ação humana é intencional, já que há no mínimo a existência de um desejo livre e uma escolha de no mínimo duas possibilidades de forma de comportamento” (NORD, 1998).

Rompendo com a visão inicial trazida por Reiss, cujo foco voltava-se à análise do texto fonte, Vermeer (1996) sugere que os tradutores passem a considerar o contexto de recepção do texto traduzido. Segundo ele o texto fonte por si só não oferece todo o suporte para guiar a tradução, por isso ele deve ser considerado como um todo em seu contexto cultural e o contexto em que o texto traduzido será recebido assumirá o papel principal. Assim, o *Skopos* (propósito) que se busca atingir com o texto traduzido servirá como guia norteador dos objetivos e estratégias tradutórias voltadas para cada contexto, o que permitirá um resultado funcionalmente adequado.

Vermeer (1996) percebe que a figura do *Addressee – leitor em prospecção* – deve ser considerada durante toda a tessitura textual, já que a compreensão do mesmo estará diretamente ligada aos contextos, aos conhecimentos prévios e aos compartilhamentos do receptor. O texto só atingirá seu propósito comunicacional se compartilhado por seu receptor, funcionando no contexto de recepção adequado.

2.1 A TEORIA FUNCIONALISTA DE NORD

Nord (1991) ao compartilhar o conceito de tipologia postulado por Reiss e os conceitos sobre *skopos* e *addressee* de Vermeer, percebe a tradução como um exercício constante tanto de leitura quanto de análise, seja do texto fonte ou do texto meta. Desta forma, e levando-se em consideração que cada texto está inserido e voltado a um determinado contexto e escrito para leitores que compartilham de códigos linguísticos distintos, o contexto ou a situação em que os usuários da língua se encontram definirá a função do texto e as estratégias adotadas para sua elaboração. Nord defende que a análise minuciosa do texto fonte deve preceder à tradução, pois tal análise facilitará a compreensão e interpretação do texto por parte do tradutor.

A interpretação do texto base a que chega ao tradutor (como resultado não como processo) está determinada pelas necessidades comunicativas do enunciador ou do destinatário do TM, como se lesse o TM através das lentes do outro. (NORD, 2010, p.11 tradução nossa)

Do ponto de vista de Nord o tradutor é um produtor de um texto na cultura meta, já que para isso torna sua as intenções comunicativas do emissor original e cria um instrumento facilitador do ato comunicacional entre as línguas fonte e meta. Para a autora, a tradução funcional é realizada como uma intermediação intercultural feita pelo tradutor por meio de seu texto, e a função do texto só é cumprida se funcionar para a audiência a que se propôs. É o contexto, portanto, que auxiliará na definição da função textual, e para isto, além de bilíngue o tradutor deve ser bicultural, pois é importante transitar bem tanto no contexto cultural do texto fonte quanto no de chegada e saber realizar a intermediação funcional entre estes dois, já que cada texto está destinado a funcionar para um determinado público e contexto social. Sendo, portanto de se considerar que o tradutor consiga produzir um texto funcional de acordo com o texto fonte e conforme a função pretendida no contexto meta (NORD, 2010).

Cabe salientar que para Nord (2010) o processo tradutório não é linear, limitado, progressivo e sim circular, pois o tradutor sentirá necessidade, ao longo de seu processo tradutório funcional, de retomar os primeiros estágios de análise dos textos.

Conforme alerta Nord (2010) para que o autor identifique as informações necessárias sobre a função textual ele pode recorrer aos seus conhecimentos sobre o gênero do texto fonte ou recorrer às suas experiências leitoras. A autora também oferece algumas perguntas para ajudar na obtenção de informações que podem ser colhidas tanto no texto fonte quanto no texto meta:

- Sobre qual tema?
- Informação ou conteúdo presente: o quê?
- Pressuposições feitas pelo autor: o que não?
- A composição do texto: em qual ordem?
- Os elementos não linguísticos do texto: quais elementos não verbais?
- As características lexicais: com quais palavras?
- A estrutura sintática: qual tipo de oração?
- Marcas suprasegmentais: em qual tom as informações são veiculadas?

Nord, (2010) com vistas a auxiliar aos profissionais da tradução e a possibilitar a aplicação de sua teoria em sala de aula, elaborou um modelo com foco no processo tradutório. Em seu modelo afirma que

tanto os aspectos extratextuais e intratextuais devem ser avaliados a favor de nortear o processo tradutório, a análise, que deve se dar em três etapas:

- 1 análise do skopos
- 2 análise do texto fonte
- 3 estruturação do TM escolha de elementos para atingir função pretendida

É proposta do modelo de Nord que o processo tradutório, o texto fonte e o texto meta possam ser analisados, de forma sistemática, pelo tradutor, propiciando esta análise uma reflexão sobre o próprio processo, o que permite ao tradutor avaliar a qualidade de seu trabalho. Além disso, o modelo de Nord (1991) possibilita a identificação das marcas culturais no texto fonte e guia os desdobramentos destas marcas na construção do texto meta. O modelo segundo ela foi elaborado no intuito de abrigar qualquer exemplar de texto ou qualquer tarefa tradutória, auxiliando o tradutor a compreender de maneira funcional suas composições e alcançar o objetivo em sua intermediação cultural. A sistematização e as variáveis propostas por Nord dão, ao tradutor, autonomia para tomar decisões em seu trabalho e permitem ver a complexidade do ato tradutório.

Em sua proposta de análise, Nord (2010) estabelece que os fatores externos ao texto estão ligados à situação comunicativa e ao entorno histórico-social de chegada do TF e de produção do TM. Estes fatores segundo a autora são: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função. Já os fatores intratextuais são os elementos internos, os quais se articulam para veicular a mensagem. São: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra segmentais e efeito do texto.

O conjunto de elementos ou fatores tem uma relação de interdependência e atua de forma constante e dinâmica, sendo que qualquer modificação feita pelo tradutor em um dos dois níveis afeta os demais. No entanto, este seu caráter recursivo permite que o tradutor acompanhe e avalie o processo e suas decisões a cada etapa do percurso e da atividade como um todo. O modelo proposto por Christiane Nord (1991) pode ser visualizado abaixo:

Quadro 2. Modelo de Nord

Texto 1			
Texto 2			
Texto Fonte	Questão de tradução	Texto Meta	
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função Textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos suprasegmentais			
Efeitos do texto			

Fonte: Nord (1991)

No que respeita à ordem dos fatores, a escolha é puramente didática posto que a autora estruturou o modelo para ser de uso didático, e segundo Zipser, o modelo “pressupõe ajustes que devem ser feitos ao logo do processo inicial de determinação da estratégia de tradução”. (ZIPSER, 2002, p.57) Logo, há que se ter claro que sendo a tradução um processo de intermediação cultural, “sofre as influencias do contexto na qual é produzida e para o qual é produzida.” (Zipser 2002, p.27), ou seja, parte de uma cultura para outra.

3 TRADUÇÃO E JORNALISMO

Com base nas reflexões anteriores, Zipser 2002 propõe um paralelo da teoria da tradução de Nord (1991) com a teoria do jornalismo proposta por Frank Esser (1998) que através de um modelo de estudo do jornalismo sintetiza os fatores externos e internos que influenciam o fazer jornalístico e que conferem a ele identidade cultural.

Frank Esser (1998), jornalista e acadêmico alemão, aproxima as concepções de cultura e jornalismo a partir do conceito de interculturalidade, que é a interação horizontal e sinérgica entre duas culturas. Assim, desenvolve um modelo a favor do entendimento da dinâmica da construção e de atuação do jornalismo, pois Esser defende que o jornalismo de todos os países possui identidade cultural singular, presente também na forma em que as notícias são abordadas, influenciando a opinião dos leitores. Sendo, portanto, todo discurso jornalístico carregado de ideologia e dotado de uma carga de interferência social.

O Modelo Pluriestratificado Integrado ou Metáfora da Cebola, proposto por Esser, sintetiza e apresenta as influências no fazer jornalístico, podendo estas influências pertencer a qualquer esfera do entorno na construção do texto jornalístico que são:

- Esfera social: nesta esfera incluem-se todos os fatores de ordem histórico-cultural, tais como a liberdade de imprensa, história, natureza e tradição jornalística, a cultura, a política.
- Esfera estrutural da mídia: refere-se ao caráter normativo do jornalismo e tal caráter é influenciado pelas situações econômicas do mercado midiático, direitos da imprensa, padrões éticos, sindicatos e associações profissionais do sistema jornalístico.
- Esfera Institucional: trata-se da parte prática do jornalismo, retrato da profissão e tecnologia de redação.
- Esfera subjetiva: diz respeito aos fatores individuais e subjetivos do fazer jornalístico, como posicionamento político, temas de desempenho, profissionalização, e o modo como o próprio jornalista compreende seu papel no grupo de atuação.

O Modelo proposto por Esser pode ser visto abaixo:

Figura 1. Modelo de Esser



Fonte: Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER, 1998, tradução Zipser, 2002, p. 5)

Conforme Zipser (2002), tanto Nord (1991) quanto Esser (1998) ressaltam o princípio da *interculturalidade* ao qual os textos são expostos, vinculando a produção de sentido também à noção de cultura. A autora salienta que assim como a tradução carrega consigo as marcas

culturais dos contextos fonte e meta, também o jornalismo é influenciado por tais fatores.

[...] a ‘transcodificação isenta’ é para a tradução o que a ‘neutralidade’ representa para o jornalismo. Entretanto, considerar a possibilidade de que existam textos neutros e imparciais significa desconsiderar a linguagem como manifestação cultural, resultando na sua desvinculação como produto de um meio social e como processo formador de sentido (ZIPSER, 2002, p32).

Zipser (2002) defende que para que exista a tradução não se faz necessário existir um texto fonte (TF), bastando que haja um fato fonte (FF) a ser traduzido que por sua vez, ao ser relatado, sofre influências do contexto sociohistorico-cultural que o cerca e será traduzido conforme as lentes do narrador- tradutor. Cabendo assim tanto ao jornalista quanto ao tradutor o papel de aproximar o fato de origem para a audiência meta que não compartilha o contexto sociohistorico-cultural de origem.

A autora compreende a tradução jornalística como uma representação cultural cujo leitor final em prospecção não compartilha do contexto da notícia, sendo o resultado final do processo tradutório uma soma de múltiplas variáveis: políticas, sociais, econômicas, históricas, liberdade de imprensa, entre outras.

Em síntese, a tradução e o jornalismo são diretamente influenciados pelo contexto em que se encontram, ou seja, pelas orientações políticas, sociais, históricas e culturais da sociedade, pois tanto o jornalista quanto o tradutor ao relatar um fato o fazem a partir de suas lentes, de sua visão do mundo. Ambos, Nord e Esser, no que respeita ao tradutor e à tradução, entendem que o trabalho está pensado e dirigido a determinada audiência, o que justifica as interferências contextuais sofridas e expressas nos textos produzidos.

4 LINGUAGEM E SIGNO LINGUÍSTICO

Em vários momentos, ao longo da história houve uma sucessão de perspectivas e teorias no que respeita às concepções sobre língua e linguagem. Neste trabalho, compartilhamos a visão de Bakhtin, quem concebe a língua como o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, que constitui a realidade fundamental da linguagem, compreendida pelo princípio dialógico: “a palavra constitui justamente o produto da interação entre interlocutores. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN, 1986 p.113).

Nessa concepção, o ser humano usa a linguagem para agir no contexto social, pois língua e linguagem são compreendidas como atividades interativas, como forma de ação social, como espaço de interlocução, possibilitando a prática social dos mais diversos tipos de atos. (RAMOS, 2008)

Segundo Bakhtin (1986), um “signo” não tem um significado, ele receberá tantas significações quantas forem as situações reais em que venha a ser usado por um sujeito social, histórica e culturalmente localizado. Em uso, a língua é muito diferente do seu modelo teórico. Ao falar, nós, os usuários, estamos diariamente acrescentando, excluindo, modificando os significados codificados pela língua.

A língua é sim um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação (...) compreendida como uma réplica do diálogo social (...) a natureza da língua é essencialmente dialógica (...) a enunciação é de natureza social, ou seja, ideológica” (Bakhtin, 1986, p.152 a 153)

Portanto, para Bakhtin (1986) nada é definitivo ou estabelecido de forma permanente, tudo oscila com as alterações do quadro histórico em que as ações humanas se desenrolam. Ele parte do princípio de que o mundo está em constante movimento e em perene transformação e seu objeto está sempre em processo, não podendo submeter-se a uma forma fixa e imutável. (RIBEIRO, 2006, p. 8)

Bakhtin entende que a unidade básica não pode ser o signo, mas o enunciado. Um enunciado não é um signo simplesmente pelo fato de que para existir ele exige a presença de um enunciador (quem fala/quem escreve) e de um receptor (quem ouve/quem lê). “A mesma frase, exatamente a mesma, pronunciada em situações sociais diferentes, ainda

que pelo mesmo enunciador, não constitui um mesmo enunciado e não pode constituir” (RIBEIRO, 2006, p.6).

Seguindo este raciocínio, um enunciado é sempre um acontecimento e nunca um conceito meramente formal, posto que demanda uma situação histórica definida e sujeitos sociais plenamente identificados que compartilham uma mesma cultura, estabelecem um diálogo. “Todo enunciado demanda outro a que responde ou outro que o responderá. Ninguém cria um enunciado sem que seja para ser respondido” (RIBEIRO, 2006, p.6).

Assim, cada enunciado é um ato histórico novo que não se repete e a unidade básica do conceito de linguagem de Bakhtin, uma vez que toda linguagem só pode existir em um complexo sistema de diálogos ininterruptos. E há que se frisar que quando escrevemos precisamos prever um receptor bem definido.

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem e cada texto como enunciado é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido, a sua intenção em prol da qual ele foi criado. (Bakhtin, (1986) E a linguagem, “é sempre usada a partir de um complexo background onde se relacionam de várias maneiras o mundo físico, social e mental.” (VERSHUEREN, 1999 apud OLIVEIRA, 2006)

Deste modo, nenhum enunciado é isento ou imparcial, pois as escolhas das palavras, signos linguísticos, por parte do jornalista tradutor carregam as marcas culturais e ideológicas de sua vivência sócio, histórica, cultural.

Com base neste entendimento situamos este estudo, posto que

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2005, p.02)

4.1 A LINGUAGEM COMO FORMA DE AÇÃO

Ao usar a língua operamos com textos, sejam escritos ou orais, visto que são instrumentos linguísticos que servem à interação social, sendo todos os textos produzidos pelos sujeitos sociais o resultado de escolhas operadas no domínio das significações e decorrem do processo de produção de significados.

As escolhas que fazemos, no momento em que escrevemos e ou falamos, são determinadas por funções: de codificação da linguagem a partir de nossas experiências humanas, ou ideacionais; interpessoais, que dizem respeito aos papéis sociais que assumem os participantes nas interações, sendo aqui necessária a existência de pelo menos dois enunciadores que interagem; e textual, referindo-se mais diretamente à produção do texto e à geração de contextos, posto que os textos só podem funcionar e adquirir significados dentro de um contexto. Assim, seguindo os pressupostos de Bakhtin, todas as nossas escolhas, ao escrever ou falar, respeitam as necessidades comunicativas e são determinadas pelo contexto sócio comunicativo.

Os textos que produzimos são determinados pelas finalidades, propósitos ou funções a que servem, sendo todos os nossos enunciados dialógicos, por remeterem a outros enunciados produzidos anteriormente, ou na medida em que refletem outros enunciados, abrindo espaços discursivos e criando as condições para novas enunciações. Como afirmam Dascal e Weizman (1982),

O texto fornece pistas ou indícios para a identificação da necessidade de preenchimento de lacunas e para a distinção entre opacidade e indiretude; e “chaves”, quer co-textuais, quer contextuais, para a apreensão da significação pretendida pelo autor. (DASCAL e WEIZMAN, 1982, apud KOCH, 1999, p.17)

Para Koch (1999), as pistas fornecidas pelos textos são os elementos nos quais ancoramos nossas interpretações e são fundamentais na produção de sentido por permitirem fazermos inferências, que visam trazer à superfície textual os significados subjacentes ou implícitos e ativar conhecimentos armazenados em nossa memória para a compreensão ou interpretação do texto. O acionamento ou ativação desses conhecimentos se realizam pelas expressões linguísticas, também chamadas pistas textuais.

Há referentes estocados na memória dos interlocutores, que, a partir de “pistas” encontradas na superfície textual, são (re)ativados, via inferenciação. [...] É em grande parte através de inferências que se podem (re)construir os sentidos que o texto implica. (KOCH, 1999, p.17)

Já a coerência textual é um fenômeno que transcende ao texto uma vez que passa a existir na interação entre texto/interlocutor. Trata-se de um princípio de interpretabilidade, é o resultado da conexão cognitiva expressa nas relações conceituais pelas expressões linguísticas do texto e depende de cálculos de sentido, operados pelos interagentes, para a produção de significados em consonância com as necessidades sócio comunicativas.

Para Koch (1999), a partir da interação entre texto/autor/leitor surgem as informações desencadeando emoções de outras experiências que passarão a compor a interpretação e significação do que se relata.

Nessa perspectiva, o leitor deve depreender ou inferir as intenções e propósitos do escritor (jornalista/tradutor) a partir das escolhas textuais ali impressas para que se abra o espaço dialógico entre os sujeitos participantes na ação, o que permitirá a construção de sentido.

Cabe salientar que as notícias de jornal, normalmente, são encabeçadas de um título principal ou manchete e títulos auxiliares que sinalizam o tópico discursivo ou assunto a que se referem, cabendo ao leitor, portanto, ativar e recuperar os conhecimentos prévios para processar sua compreensão e estabelecer sua coerência.

5 TEXTO, TEXTUALIDADE E GÊNEROS TEXTUAIS

Os textos organizam a vida e as atividades humanas dos mais diversos grupos de pessoas que convivem em sociedade, e caracterizam-se como formas de expressão pelas quais os indivíduos executam tarefas e produzem fatos sociais. (BAZERMAN, 2006)

Koch (2008) considera que o conceito que se tem de texto “depende das concepções que se tenha de língua e de sujeito, e é importante ter bem claro a partir de que perspectiva se deseja tratar ou trabalhar”. (DAMIANI, VIEIRA, 2012, p.18)

Seguindo este entendimento, Koch (2008) afirma que concebemos a língua como interação, na qual os sujeitos são protagonistas sociais e o texto como o lugar em que se dá a interação entre sujeitos ativos que no texto, dialogicamente, se constroem e são construídos. (KOCH, 2008).

Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto socio cognitivo dos participantes da interação (KOCH, 2008, p. 188).

Para Hanks, texto pode ser usado para designar qualquer configuração de signos coerentemente interpretável por alguma comunidade de usuários, quando usado genericamente. (HANKS, 2008)

o fato de haver interpretabilidade por parte de uma comunidade de usuários situa o texto não tanto na estrutura imanente de um discurso, mas, principalmente, na matriz social no interior da qual o discurso é produzido e compreendido. Esse fato também sinaliza uma orientação social, segundo a qual o texto, o que quer que este seja, é um fenômeno comunicativo (HANKS, 2008, p. 121).

Já a textualidade refere-se aos elementos ou à qualidade de coerência ou conectividade que caracterizam o texto. Segundo Hanks (2008) é possível que a conectividade dependa das propriedades pertencentes ao artefato textual, dos movimentos interpretativos de uma comunidade de leitores\ouvintes, ou de uma combinação de ambas. Em outras palavras, a textualidade, em uma primeira leitura, é a qualidade de coerência ou de conectividade que caracteriza o texto.

Por conseguinte, texto e textualidade integram vários outros conceitos como o fio discursivo ou cotexto, a interpretação do texto ou metatexto, e o ambiente linguístico, social, psicológico ou contexto, em

referência ao âmbito mais amplo, ao qual o texto responde e sobre o qual ele opera. (HANKS, 2008)

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. (Bakhtin, 2006, p. 279)

A concepção de Bakhtin a respeito dos gêneros do discurso representa uma mudança no paradigma teórico dos estudos da linguagem. O conceito tradicional de gênero em sua maioria voltado aos estudos literários e que pretendiam a identificação dos tipos textuais passa a ter uma nova concepção, sobretudo para conseguir explicar a ligação entre regularidades formais e fenômenos do discurso, em função das mudanças sociais, culturais e disciplinárias para adequar-se às necessidades de análises discursivas não literárias de fala e escrita, o mesmo ocorrendo com os estudos retóricos que se convencionou chamar de Nova Retórica.

Nos anos 80, a concepção de texto como proceso, representando os eventos comunicativos, através dos quais os sujeitos usam a linguagem, tem sua grade virada a partir da vertente socio interacionista de Bakhtin e socio construtivista de Vygotsky. Deste momento em diante, um olhar mais abrangente sobre texto ganha forma, passando a ser concebido como discurso, prática de linguagem e ação entre sujeitos, em um contexto socio historicamente inserido. Muda a direção e a concepção do sujeito social, dialógico e polifônico, quem produz o discurso e a interação, em suas práticas da vida diária com os demais. (DAMIANI, VIEIRA, 2012)

É a partir desse momento que o sujeito social passa a ser visto como o centro das atenções de todos os estudos da linguagem, pois começa a ser percebido como protagonista, dono de suas ações e produtor dos discursos/textos nas interações que estabelece com os demais, gerando significados no uso real da linguagem. Os conceitos com respeito à dialogia, polifonia, contexto sócio histórico, cultural, etc., também passam a merecer especial atenção, pois “o coração da atividade interpretativa está no caráter social da cognição e, portanto, no sujeito interativo – um sujeito que constrói a identidade, o conhecimento na dialogia, no compartilhamento com o outro.” (MIRANDA, 2002, p.59)

A teoria dos gêneros textuais se vê impulsionada na década de 80, a partir dos estudos empreendidos por Bakhtin e da concepção de base sócio interacionista, no âmbito da filosofia da linguagem, em oposição à visão formalista e estruturalista que até então imperava. Sobressai, na concepção bakhtiniana da linguagem, a importância da interação social, estabelecido como o lugar da formação dos enunciados verbais, construções discursivas, relativamente estáveis, social e culturalmente construídas, para atender a diferentes intenções comunicativas, posto que a real substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação da linguagem, que se realiza pelas enunciações. “A interação de linguagem constitui, assim, a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN, 1998, p.135-136).

Portanto, os textos e os gêneros textuais estão arraigados à vida cultural, são o resultado de trabalho coletivo e entidades sócio discursivas, produto da ação criativa, caracterizando-se como eventos dinâmicos, flexíveis e plásticos, uma vez que “surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem” (MARCUSHI, 2002 p.20). Frequentemente nos deparamos com novos gêneros ou gêneros emergentes, que se apoiam em outros gêneros preexistentes, como diz Bakhtin (1998), ao referir-se à assimilação de um gênero por outro, passando a gerar novos, fenômeno chamado de transmutação.

[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer.” (MARCUSCHI, 2002, p. 20-21)

É lícito afirmar, dentro desta perspectiva, que é impossível a comunicação que não se dê através de um texto, que por sua vez nos faz compreender sua estrutura, funcionalidade, condições de realização e contextos de uso. Pois como afirma Bazerman (2006), “são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana.” (BAKHTIN apud BAZERMAN, 2006, p.48).

Seguindo essa linha de pensamento, e por sua condição de relatividade, podemos dizer que o gênero possibilita a flexibilização no que diz respeito a sua composição, propicia subcategorias dentro do próprio gênero ou ainda a criação de subgêneros, na medida em que sua natureza é variada e as denominações recebidas são limitadas, da mesma forma que os eventos e situações comunicativas também o são.

Como afirma Köche (2010) “a interação social ocorre por meio de gêneros textuais específicos que o usuário utiliza, disponíveis num acervo de textos constituído ao longo da história pela prática social” (KÖCHE, 2010, p.11). E a seleção ou escolha do gênero textual depende sempre das intenções do sujeito e do contexto ou da situação sócio comunicativa à qual pertence, levando-se sempre em consideração a finalidade do texto, seu leitor\ouvinte, bem como o entorno sócio histórico em que se desenvolve a comunicação. Para Bazerman (2006), a maioria dos gêneros textuais possuem características próprias, distintas, que facilitam o reconhecimento de suas funções, como é o caso dos jornais, em que muitos recursos e estratégias são usadas para atrair a atenção, direcionando o interesse do leitor.

O gênero textual que usamos neste trabalho é a notícia jornalística, que possui certa regularidade de forma e conteúdo, e que a maioria dos usuários da língua conhece ou reconhece por tratar-se de um texto que circula frequentemente em todos os ambientes e sociedades.

5.1 INTERTEXTUALIDADE

O termo intertextualidade foi originalmente usado por Julia Kristeva, estudiosa da obra de Bakhtin, razão pela qual o termo é associado ao autor. Kristeva, em 1967, ao publicar um artigo no qual discute as teorias bakhtinianas, identifica “discurso como um cruzamento de discursos em que está presente ao menos um outro discurso” e substitui o conceito de intersubjetividade pelo de intertextualidade. Para Kristeva, o discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)” (FIORIN (2006).

Kock, Bentes & Cavalcante (2008) propõem uma distinção entre os conceitos de intertextualidade. As autoras os separam em dois grandes blocos: intertextualidade stricto sensu e intertextualidade lato sensu. Do ponto de vista stricto sensu, podemos fazer ainda algumas delimitações: intertextualidade temática, intertextualidade estilística; intertextualidade explícita, intertextualidade implícita; autotextualidade

ou intratextualidade, intertextualidade intergenérica, intertextualidade tipológica.

Para Kristeva (apud KOCH e Cavalcante, 2008) “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto.” Ou seja, não há texto neutro, puro, original, todo texto remete a outros textos, outros enunciados que faz emergir para a partir daí escrever seu texto empregando seu estilo a partir de sua memória cultura. Em palavras de Koch, 2008,

[...] o texto é repleto de tonalidades dialógicas, é ele que expressa as vivências humanas, constitui-se o representante da visão de mundo de um sujeito [...] estando presentes no texto ao menos duas vozes: o sujeito que escreve e o outro que o autor parodia. (KOCH, 2008, p. 17)

Em outras palavras, ao transmitir para o texto sentimentos, desejos, o “eu” na realidade se torna “outro” e a relação dialógica se estabelece pois somente na interação dos sujeitos é que vão sendo construídos os sentidos para Bakhtin.

Bakhtin, (2003) ao usar o termo diálogo/dialogismo faz referência aos diversos tipos de enunciados aos quais estabelece relações em uma comunicação discursiva. No entanto, há que se ter claro que o discurso nunca está completo já que há sempre ‘brechas’ a ser preenchidas pelo outro, sendo as ideias e palavras do outro as responsáveis por tecer o discurso individual, permitindo que se ouçam as vozes em um discurso monologado, o que nos permite afirmar que todo discurso é dialógico. Assim afirma Bakhtin (2003: 318) todo enunciado exige uma réplica, um direito de resposta, estando presente em um enunciado pelo menos duas vozes porque esperam uma resposta de alguém que os compreenda e que consiga extrair deles algum sentido, que chama de ‘compreensão responsiva’.

Kristeva (1967) chama de texto o que Bakhtin chama de enunciado, tornando isto evidente no conceito de intertextualidade que equivaleria ao conceito de dialogismo criado por Bakhtin. Deste modo,

Toda relação dialógica passou a ser entendida como relação intertextual, porque Bakhtin separa “texto” de “enunciado”. Para Bakhtin, o enunciado procura mostrar a posição de uma voz dentro da sociedade, é um todo de sentido, uma orientação. Já texto é a manifestação do enunciado, a materialização deste, “é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata dotada de materialidade, que advém do

fato de ser um conjunto de signos.” (FIORIN, 2006, p 53).

A partir daí, portanto, entende-se serem os enunciados os sentidos construídos pelos interlocutores em uma troca comunicativa na qual participam, e o texto a forma materializada de sua realização/produção, o que nos faz constatar a existência de relações dialógicas entre textos e enunciados. Assim, chamamos “interdiscursividade” a relação entre enunciados e “intertextualidade” a relação entre textos, podendo ainda haver relações dialógicas entre textos e dentro de textos. (BAKHTIN, 1986)

5.2 COMPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO

Os estudos sobre o processamento e a compreensão textual fundamentam-se em diferentes perspectivas que acabam adquirindo caráter complementar, ao considerarem tanto os processos cognitivos quanto os linguísticos implicados. Vigotsky e Halliday & Hassan foram um pouco além ao conceberem o texto como ação social imersa em situações comunicativas (BRONCKART, 1994).

No que respeita à compreensão textual e aos sujeitos envolvidos no processo, especialmente no que se refere ao gênero textual notícia jornalística, conforme concebemos no âmbito desta pesquisa, os interlocutores apoiam-se em aspectos como o vocabulário para selecionar e ativar seus esquemas mentais⁸. Primeiramente se concentram no título principal e auxiliar, que estão diretamente ligados ao tema/situação/asunto em torno do qual gira o texto e a partir daí passam a construir um segundo universo textual, de caráter essencialmente cognitivo, fase esta em que se baseiam nos seus conhecimentos gerais e específicos para confirmar uma possível representação mental do conteúdo. Para tanto atualizam os esquemas relevantes e passam a elaborar um modelo mental do estado de coisas descrito no texto com o qual estabelecem uma coerência que depende da continuidade referencial do próprio texto e da interpretação por parte da audiência, assentada em seus conhecimentos do mundo, linguísticos e em seus saberes socializados (SÈRÈ, 2000)

Segundo Kintisch, 1996, os modelos ou esquemas mentais realizam uma dupla função: organizar a informação textual e guiar os recursos cognitivos durante os processos de compreensão. Para o autor,

8 Os esquemas mentais surgem na década de 1970, aplicados à noção de compreensão de leitura, sendo definidos como estruturas organizadas hierarquicamente na memória e correspondem aos conhecimentos abstratos do leitor.

os esquemas estão diretamente ligados ao gênero que permite estabelecer uma representação de seu conteúdo a partir da imagem do mundo refletida no texto. Dentro dos esquemas mentais estão os roteiros como sendo representações estereotipadas de ações ou acontecimentos familiares e o leitor elabora modelos mentais mais abstratos, *planos*⁹, para estabelecer uma interpretação de situações menos familiares ou pouco frequentes.

Assim, pois, seria o leitor um sujeito real cuja atividade consiste em compreender e interpretar o texto a partir de sua experiência e de seus conhecimentos do mundo e linguísticos, assumindo assim uma dupla função ou sentido ao ser o leitor um receptor e um produtor/reprodutor da interpretação. Enquanto receptor o sujeito passa por etapas de reconhecimento textual global a partir da sucessão contínua de elementos que vão se relacionando entre si. Já enquanto reprodutor/produtor o sujeito constrói o sentido do texto e o conceitualiza como um objeto de interpretação, sendo esta uma transação difícil entre o texto e a compreensão por parte do leitor. (KINTISCH, 1996)

Eco (1989) afirma que sendo a leitura o resultado de uma atividade mental que permite ter acesso ao sentido a partir da identificação das formas, estando subordinada pela representação linguística e tendo como função principal realizar uma conjetura sobre o significado e sobre a intenção do texto, o que equivale a dizer que cada sujeito, segundo seus conhecimentos e saberes constrói sua própria interpretação.¹⁰ (ECO, 1989)

5.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS JORNALÍSTICOS

Falar em gêneros textuais remete à ideia de que estamos imersos em distintas circunstâncias comunicativas, seja atuando como emissores ou como receptores. Em nossas atividades e interações cotidianas somos bombardeados por uma multiplicidade de informações, sobretudo quando os acontecimentos podem ser transmitidos em tempo real, como é o caso do jornalismo online.

5.3.1 O GÊNERO NOTÍCIA

⁹ Termo polissêmico, podendo designar a estrutura linguística de um texto, mas refere-se aqui ao nível cognitivo.

¹⁰ Nos estudos e trabalhos experimentais sobre leitura/compreensão postula-se que o leitor ativa suas estruturas mentais – cognitivas e afetivas – e utiliza uma série de processos simultâneos e interativos.

A notícia é o gênero textual jornalístico responsável por vender o jornal, independente do veículo para ela utilizado. Possui estrutura bem definida, no que se refere à forma e conteúdo, embora possam ser modificadas em função do suporte que a veicule, impresso ou digital.

Através das notícias as pessoas conhecem o mundo que as envolve, interagem, se dão conta de sua dimensão central na vida contemporânea, enfim, revoltam-se, comovem-se, sentem-se partícipes, solidarizam sentimentos e emoções. O jornalista, ao noticiar o fato, transcodificá-lo, transportá-lo em palavras dá a seu discurso as cores e tons às cenas a partir da sua percepção, seu olhar, embora saiba e persiga o tom de imparcialidade e isenção que o ofício exige. No entanto, em virtude de seu condicionamento linguístico, via-de-regra revela traços de intersubjetividade. No entanto, como a notícia¹¹ pauta-se por relatar fatos condicionados ao interesse do público em geral, a linguagem necessariamente deverá ser clara, objetiva e precisa, sem termos que permitam ou sugiram múltipla interpretação por parte do leitor/ouvinte. (BALTAR, 2004)

Para Lustosa (1996, p. 17) “A notícia é a técnica de relatar um fato, é o relato do fato, não o fato”. No entanto, para o autor, esse relato pressupõe uma abordagem própria que além de relatar ou descrever fatos que emocionam o leitor/ouvinte devem despertar seu interesse.

Lage (1979, p.30) corrobora o dito, acrescentando que “a notícia só é notícia se trazer informação. Do contrário, ela é um relato do nada”. A informação, por sua vez, é transformada em notícias através da redação jornalística, seguindo uma estrutura característica do gênero e também observando aspectos sócio, históricos, culturais, pertencentes à esfera em que esse gênero circula. Para o autor a notícia é “como o relato de fatos a partir do fato importante ou interessante” LAGE (1979,

¹¹ A notícia é formada pelos seguintes elementos constituintes:

Manchete ou título principal – Geralmente apresenta-se grafado de forma bem evidente, com vistas a despertar a atenção do leitor.

Título auxiliar – Funciona como um complemento do principal, acrescentando-lhe algumas informações, de modo a torná-lo ainda mais atrativo.

Lide (do inglês lead) - Corresponde ao primeiro parágrafo, e normalmente sintetiza os traços peculiares condizentes ao fato, procurando se ater aos traços básicos relacionados às seguintes indagações: Quem? Onde? O que? Como? Quando? Por quê?

Corpo da notícia – Relaciona-se à informação propriamente dita, procedendo à exposição de uma forma mais detalhada no que se refere aos acontecimentos mencionados. A característica pertinente à linguagem jornalística é exatamente a veracidade (verdade) em relação aos fatos divulgados, predominando o caráter objetivo preconizado pelo discurso. A notícia é o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo, em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato. (BALTAR, 2004, p.

p.17). Para se produzir uma notícia é preciso que o redator pesquise, apure os fatos, selecione os dados importantes e os interprete. Sua linguagem, ligada à função referencial, tem estrutura rígida.

Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. (LAGE, 1979, p.30)

No entanto, em se tratando de notícia, o relato é mais importante que o próprio fato, já que o que dará consistência a um acontecimento é o texto. Para tanto, será necessário seguir as características do gênero, como também observar aspectos sócio-históricos e culturais, peculiares à esfera em que circula.

Kauffmann (2004), afirma que há limites entre os gêneros presentes, embora tênues no jornalismo impresso, com base em manuais de redação de jornais diversos, e enumera de 1 a 9 as características da notícia que são:

1) “Relata a informação de maneira mais objetiva possível”.(MR, 2001); 2) “Puro registro dos fatos, sem opinião”.(MR, 2001:88); 3) “Puro registro dos fatos importantes que merecem estar no jornal. Sem comentários, juízos de valor ou interpretação”.(MGR, 1987:156); 4) “É a informação que se reveste de interesse jornalístico”.(MGR, 1984); 5) “... é um relato mais ou menos breve sobre um fato”.(Noblat, 2002:94); 6) “É o relato mais curto de um fato”.(Noblat, 2002:130); 7) “... o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante”.(Lage, 1998:25-26); 8) “De modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. ... A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo.” (MRE, 1997:254); 9) “É o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”.(Melo,1994:65).(KAUFFMANN 2004, p. 3)

Já para Nabantino (1979), a notícia pode ser definida como

(...) a informação concisa de fato jornalístico, com referência, sempre que possível, a lugar, modo, causa, momento, e pessoas ou coisas nele envolvidas. Limita-se à narração do fato, sem

nenhuma análise, interpretação, comentário ou pormenor dispensável. O fato deve refletir-se nela como essencialmente é: bom ou mau, sério ou jocoso, solene ou pitoresco, agradável ou desagradável, sem nenhuma preocupação do autor em ser favorável ou contrário à pessoa ou situação de que se trate. A notícia pode veicular opinião ou apreciação de pessoas que participaram do fato, mas sempre entre aspas.” (NABANTINO, 1970, p. 171)

Ao longo do tempo, o gênero textual notícia jornalística e sua estrutura foram desenvolvendo-se, atendendo às necessidades dos novos suportes. Sua apresentação mudou para poder adequar-se ao jornalismo online.

5.3.2 JORNALISMO ONLINE

O jornalismo online é um fenômeno midiático recente, surgido no âmbito das transformações decorrentes da disseminação das novas tecnologias de comunicação. Segundo Squirra (1998, p.20) este tipo de jornalismo difundiu-se com rapidez, desencadeando alterações profundas de forma e de conteúdo. Em primeira instância, tratava-se de resumir a mesma edição impressa e com o mesmo conteúdo editorial, renovado a cada vinte e quatro horas. Hoje, as notícias chegam aos leitores com ainda maior velocidade, permitindo aos usuários o acesso (saber/conhecer) em tempo real a tudo o que acontece no mundo.

A internet, segundo Sanches (1997, p.35), com as suas características próprias, não pode ser vista apenas como um lugar de circulação das modalidades jornalísticas já consolidadas, e sim como uma mídia específica para uma nova prática jornalística, ou seja, uma nova modalidade, própria para as particularidades e as potencialidades dessa nova mídia – o jornalismo para a Internet.

Rodrigues (1996, p. 86) afirma que no jornalismo digital, ainda que vinculado ao jornalismo impresso, vão se produzindo diferenças, pois a natureza multimidiática apresenta a convergência de várias mídias semióticas (texto oral e escrito, imagem etc.) do jornalismo digital. Os textos escritos passam a ser construídos, dividindo-se em camadas – hipertextos, aliados aos recursos de áudio e vídeo. O parâmetro no que se refere à noção da extensão do texto escrito deixa de ser a lauda, sendo que essa mudança não estabeleça que o texto jornalístico na Internet possa ter qualquer extensão, havendo a tendência por textos mais curtos.

Com respeito à distinção entre Jornalismo online e Jornalismo impresso, Squirra (1998) menciona, entre outras características peculiares, a possibilidade do leitor acessar uma infinidade de informações adicionais graças à interatividade que o meio permite, ou seja, a navegação das diversas edições, agregando informações de interesse. Igualmente, permite que um determinado fato seja apreciado, analisado e, conseqüentemente, reelaborado, com um número imprevisível de opiniões, ampliando a função interpretativa do jornalismo tradicional, pela diversidade que viabiliza.

Segundo Mannarino (2000), o jornal digital, como veículo de comunicação e sistema de informação, representa um fator de inovação e eficiência, e em franco crescimento, sobretudo ao se pensar na informação, seu uso, o usuário, a facilidade e a economia de tempo que isto representa. O autor ainda manifesta os benefícios que o leitor pode usufruir ao fazer uso das inovações que o Jornalismo eletrônico possibilita, como imediata e permanente intercomunicação se comparado à mídia impressa, recursos de áudio, vídeo e animações, armazenamento da informação, etc. Alega que no jornalismo online as notícias podem ser atualizadas e complementadas com informações adicionais que não teriam espaço nas edições em papel de qualquer parte do mundo.

Para Squirra (1998), no meio online o deadline é a todo o momento, e a instantaneidade é o que permite e atualiza e o que o leitor/audiência espera do veículo informativo. A notícia acontece e logo tem que entrar no ar, já no impresso ela só estará disponível para o leitor no outro dia.

O webjornalismo, segundo Mauro Wolf (2001), vem tornando possível novas práticas e caminhos no ofício jornalístico que passa a atuar em um contexto com menos restrições de tempo, espaço e formato, sobretudo ao se comparar com as mídias tradicionais e a produção jornalística ligada a elas. Para o autor, apesar dessas características estruturais não serem as responsáveis pela produção online a prática do que acontece é um pouco diferente.

Os critérios sobre diferenciabilidade e os valores-notícia continuam os mesmos para o jornalista desta modalidade que, por receber muitas informações diariamente tem que recorrer a mecanismos que o ajudem a filtrar o que é noticiável, pois “a principal exigência é, por conseguinte, rotinizar tal tarefa, de forma a torná-la exequível e gerível. Os valores/notícia servem, exatamente, para esse fim”. (WOLF, 2001, p. 174). Os jornalistas das mídias tradicionais eram conhecidos por selecionar o que chegaria até o leitor/telespectador/ouvinte.

Para Traquina, (2012) utiliza-se o termo gatekeeper para definir este trabalho que “refere-se à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões; [...] o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos gates [portões]”. (TRAQUINA, 2012 p.151-2). No entanto, Axel Bruns (2005) questiona se é possível continuar chamando os jornalistas de gatekeepers uma vez que os internautas podem acessar as informações em outros lugares, apesar de que os jornalistas de alguma maneira performatizam as atividades do gatekeeper de selecionar as informações de maior interesse de determinada audiência. (BRUNS, 2005).

Bruns (2005) propõe uma nova abordagem, na tentativa de classificar os profissionais da era digital, usando o termo *gatematching* para referir-se ao profissional ‘selecionador’ das informações que chegam ao leitor/ouvinte. Salaria que ao ser possível ter acesso a conteúdos disponíveis na rede, independentemente da mediação jornalística, esse profissional não mais controla o que chegará à audiência, apenas seleciona o que considera interessante, podendo apresentar uma organização diferente sobre um assunto com uma visão crítica.

Mike Ward (2002), ao falar sobre jornalismo online diz que diante do bombardeio de informações da nova mídia e os recursos que a navegação permite há que se cuidar a narrativa usada, sob pena da audiência não se interessar e deixar o texto por outro mais atrativo, informativo:

Coloque esses dois fatores juntos – o comprometimento necessário para o leitor permanecer na página e a liberdade que eles têm de navegar – e você pode perceber que os jornalistas online e provedores de conteúdo precisam pensar muito em como construir e apresentar suas narrativas. Esse é um ambiente muito diferente da “velha” mídia dos jornais, rádios e televisão. (WARD, 2002, p. 122)

Já Bruns (2005) apresenta dois conceitos: *news publicizing*, uma espécie de coletânea dos assuntos de maior interesse e *news publishing*, que são reproduções de reportagens diferenciadas. Seria assim o jornalista uma espécie de crítico e organizador de informações, “uma pessoa que conseguisse dar sentido aos fatos conjugados e fizesse o leitor permanecer conectado ao seu site, independentemente do mar de informações disponíveis na web” (BRUNS, 2005, p.58)

Nesta pesquisa, para a análise dos dados, optamos por utilizar textos de jornais online, em virtude da facilidade que o recurso oferece de se pesquisar, nos diferentes jornais e países, e selecionar o material para o corpus, como também as muitas possibilidades que os jornais online oferecem ao leitor para poder se atualizar e ampliar a informação da notícia, como hiperlinks, imagens, vídeos, notícias relacionadas, para poder verificar em que medidas esses recursos adicionais¹² contribuem para a recontextualização do evento por parte do leitor, podendo gerar sentido e permitir que se dê a compreensão.

12 Adicionais em relação aos jornais impressos.

6 PRAGMÁTICA

Diariamente usamos a linguagem para nos comunicar e o fazemos de várias formas, nas mais diversas situações. Isso porque, consciente ou inconsciente, fazemos nossas escolhas linguísticas de acordo com a situação comunicativa em que nos inserimos e com o interlocutor ao qual nos dirigimos, sendo ora mais formais, ora mais informais, por vezes imprimimos maior monitoramento à nossa fala e ainda, muitas vezes, até brincamos com as palavras que utilizamos. Todo esse movimento se dá de maneira natural, mas raramente nos damos conta ou paramos para pensar no mecanismo oculto que faz funcionar a comunicação, ou seja, nos princípios que orientam o emprego da linguagem em nossos diálogos e interações com os demais.

Como usuarios da linguagem, sabemos que comunicar-se exige muito mais do que intercambiar significados preestabelecidos, sobretudo quando nos encontramos diante de enunciados que precisamos interpretar para extrair seu significado para poder encontrar/dar sentido às interações comunicativas.

A pragmática, portanto, se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso e pela busca de um entendimento acerca dos princípios que nos permitem contruir sentidos a partir de enunciados concretos produzidos em situações reais de comunicação.

O termo pragmática deriva do grego *pragma*, que significa “coisa”, “objeto”; também pode ser entendido como “fazer”, “agir”. A pragmática ou pragmatismo, como corrente filosófica, tem sua origem no século XIX, embora tenha se desenvolvido no século XX, sendo que como disciplina linguística a pragmática teve sua origem no ano de 1938, quando Charles Morris propôs a divisão dos estudos linguísticos em: sintaxe, semântica e pragmática, definindo a última como a relação dos signos com os usuários. Ainda que essa disciplina venha sendo estudada há aproximadamente dois mil anos, a pragmática é a primeira tentativa de se fazer, no âmbito da linguística, uma teoria do significado das palavras em relação com os falantes e contextos. Somente no início da década de 70 do século passado, porém, a pragmática começou a firmar-se, focalizando o papel das línguas como instrumento sociocultural capaz de proporcionar a comunicação entre os povos.

Mas, o que significa exatamente vislumbrar a língua como instrumento sociocultural? Podemos dizer que, nessa perspectiva, a pragmática procura explicar em que consiste a interpretação de um enunciado, qual a função do contexto, qual a relação entre o significado comunicado e o significado literal, por que falamos utilizando figuras de

linguagem e como a função comunicativa afeta à gramática das línguas. Para que possamos estudar tais fenômenos, precisamos observar o usuário em seu uso efetivo da linguagem, isto é, perceber o que ele faz com a linguagem. Segundo Reyes (1996) “somos nós aqueles que se comunicam, e não nossas mensagens, e é por isso que se pode dizer que a pragmática trata daqueles que impõem significado à mensagem, isto é, dos falantes” (REYES, 1996, p. 7 tradução nossa)

Na atualidade, podemos considerar a existência de várias concepções de pragmática e de pragmatismo, com matizes e origens diversas, sendo possível afirmar, conforme o fazem Marcondes e Souza Filho (1986), que todas as visões dão importância “[...] à prática, à experiência concreta, aos aspectos aplicados do conhecimento e aos contextos concretos de uso, desde signos específicos e seus usuários até teorias científicas e suas aplicações”. (MARCONDES e SOUZA FILHO 1986, p. 40),

Exemplo disto é o que diz Escandell (1996) sobre a matéria, podendo ser definida como uma disciplina que considera os fatores extralinguísticos que determinam o uso da linguagem e cujo âmbito de atuação é o enunciado. Para ele, seu objetivo é o estudo do significado linguístico, mas não de palavras, frases isoladas, senão do significado que as palavras, as expressões, os textos têm na comunicação humana. O autor considera que a pragmática se dedica ao estudo da linguagem tendo em vista os seus usuários, as suas escolhas, as limitações encontradas durante as interações sociais, e os efeitos produzidos pelo uso da linguagem tem sobre os demais participantes nos atos de comunicação.

Reyes (1996), por sua parte diz trata-se da disciplina que se preocupa em estudar como os seres humanos interpretam enunciados em contexto: “as relações entres os participantes do ato comunicativo, o contexto linguístico imediato na situação de comunicação. O texto no contexto”. (REYES, 1994, p.4 tradução nossa).

Já o linguista Teun A. van Dijk (1990) entende a pragmática como o ramo da ciência que se dedica à “análise das funções dos enunciados linguísticos e de suas características nos processos sociais” e considera ser a disciplina que se ocupa da formulação de condições para o êxito dos atos de fala. “[...] o acontecimento (do qual o relato informativo faz parte) é uma forma de processo, com capacidade maior ou menor de desorganização e reorganização social”. (VAN DIJK, 1984, p. 19)

Igualmente, Charles Peirce (1983) considera ser a pragmática o fenômeno das relações dos elementos discursivos com seus usuários e a

explica a partir de três concepções: as relações entre os signos e seus usuários; o efeito dos sinais sobre o comportamento do receptor (lógica funcionalista) e os efeitos comportamentais da comunicação (psicologia).

Argumenta Levinson (1988), que o conhecimento das regras gramaticais de uma língua, seja a língua materna ou uma língua estrangeira, não é suficiente para que se faça uso efetivo e eficaz da linguagem, nem mesmo se pensarmos em diálogos simples. Segundo este autor, é a nossa capacidade pragmática que nos permite construir enunciados, textos que são parte de redes de textos, que por sua vez também nos permitem interpretar outros enunciados.

Horn (1990) comenta que a pragmática é um conjunto de pesquisas difícil de unificar e complementa dizendo que “a pragmática é o estudo dos atos lingüísticos e dos contextos em que se realizam” (HORN, 1990, p. 47, tradução nossa), abrangendo os aspectos do significado que dependem de um contexto. Com esses dizeres, Horn pontua o caráter complexo dessa disciplina e ressalta o importante papel do contexto para o entendimento de enunciados.

Por sua vez, Sperber e Wilson (1994, p. 89) consideram que “[...] a pragmática é o estudo da interpretação dos enunciados [...]”, enquanto que para Jacob Mey (1982), “[...] a pragmática é o estudo das condições de uso da linguagem que são determinados pelo contexto da sociedade em que se inserem” (JACOB MEY, 1982 apud REYES 1996, p. 49, tradução nossa). Novamente, nessas tentativas em definir pragmática fica claro que há dois conceitos-chaves (entre outros): contexto – situação concreta em que os atos de fala são emitidos, proferidos; enunciado – o que é dito, a realização lingüística concreta.

E finalmente Armengaud (2006) que de certa forma condensa todas as demais concepções e ideias ao referir-se à complexidade da pragmática como disciplina de estudo no âmbito da lingüística. Este autor postula que a disciplina trata das relações gerais entre o enunciado e a enunciação, entre as frases e seus contextos além de pontuar sua interdisciplinaridade por natureza, pois estabelece rico cruzamento com a lingüística, lógica, semiótica, filosofia, psicologia e sociologia. Provavelmente, por ser uma disciplina recente e de fronteiras fluidas, Armengaud (2006) ressalva que não há consenso entre teóricos quanto à delimitação de seu campo de estudo, sua metodologia e nem mesmo quanto à sua terminologia. Diz também, por fim que talvez devamos aceitar como fato que a pragmática é disciplina cujo ritmo normal “é o dos encontros e das dispersões” (ARMENGAUD, 2006, p. 16).

São estes apenas alguns dos muitos autores e concepções em torno à matéria, mas em síntese todos concordam que para a pragmática o essencial é a linguagem em uso e a relação entre sua produção e seus produtores/usuários, a partir de sua perspectiva, e os contextos e ou situações em que se desenrolam os eventos comunicativos.

Adotamos o entendimento, neste estudo, de que a pragmática é uma disciplina que tem como principal foco a língua(gem) e seu uso nas ações comunicativas que os usuários estabelecem em suas práticas sociais cotidianas e dedica-se a estudar o significado e o efeito que os enunciados têm na comunicação humana e como são interpretados nos seus diversos contextos.

6.1 SIGNIFICADO CONTEXTUAL

Tendo em vista o papel crucial que o contexto e o falante/ouvinte ganham nessa perspectiva de vislumbrar a linguagem, podemos dizer que a pragmática é a ciência que se ocupa do estudo do significado linguístico, ou seja, do significado das palavras ou orações, ou fragmentos de orações, usados em atos de comunicação. Os sujeitos em interação e o 'significado do falante' são o centro das atenções da pragmática, que se caracteriza por ser intencional e depender das circunstâncias em que se realiza o ato.

Quando falamos, conforme a ocasião, produzimos em nossos interlocutores, imagens mentais que ao coincidirem com as que queríamos provocar podemos considerar que nos comunicamos. Nesta perspectiva, portanto, a noção de significado do falante se opõe ao convencional, nível de significado este estudado pela semântica. Deste modo, há expressões que só adquirem significado quando inseridas em um contexto. REYES (1996, p. 8, tradução nossa).

Pronomes como eu e outras expressões similares deixam de referirem-se ao mundo quando são tiradas de seu contexto: sem um ponto de origem (um falante, em determinado lugar e tempo, dotado de intenção comunicativa) perdem significado [...] Outras expressões têm pleno significado, porém tal significado varia segundo aquele que o utilize, quando e com que intenção. Quando dizemos não, às vezes queremos dizer talvez, e inclusive sim. (REYES, 1996, p. 10, tradução nossa).

6.2 A TEORIA DOS ATOS DE FALA

No final dos anos 60 as explicações pragmáticas de alguns fenômenos gramaticais começaram a interessar aos linguistas, precisamente quando se tentava ampliar o modelo da linguística gerativa, centrada na sintaxe. Os linguistas inovadores daquele momento encontraram uma vasta literatura por parte dos filósofos da linguagem que há tempo estudavam os atos da fala. John Austin (1990) foi o pioneiro entre os filósofos em razão de sua teoria sobre a natureza da linguagem como forma de realizar atos de linguagem.

A teoria dos atos de fala está baseada nas doze conferências proferidas por Austin, na Universidade de Harvard, EUA, e publicadas postumamente, em 1962, no livro *How to do things with words* (Como fazer coisas com palavras), cujo título sugere que, ao usar as palavras, não somente transmitimos informações, mas também agimos sobre o interlocutor e o mundo ao nosso redor. Austin (1990) põe em xeque a visão descritiva da língua e mostra que certas ações não servem para descrever, e sim para realizar ações. Enunciados que, quando proferidos em primeira pessoa do singular do presente do indicativo, afirmativamente e em voz ativa, expressam a realização de uma ação. Nesse sentido, dizer algo é fazer algo, constituindo-se os enunciados performativos o maior foco de interesse de Austin (1990).

Segundo Silva (2005), há que se deixar claro que,

O simples fato de proferir um enunciado performativo não garante a sua realização. Para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, ou seja, para que a ação por ele designada seja de fato realizada, é preciso, ainda, que as circunstâncias sejam adequadas. Um enunciado performativo pronunciado em circunstâncias inadequadas não é falso, mas sim nulo, sem efeito, ou em palavras de Austin, “infeliz”. (SILVA 2005, p. 39),

Mais tarde, ao concluir que todos os enunciados são performativos porque, no momento em que são enunciados realizam algum tipo de ação, Austin (1990) retoma o problema em novas bases e identifica três atos simultâneos que se realizam em cada enunciado: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário.

Essas noções são retomadas e sistematizadas por John Searle (1993), discípulo de Austin (1990), primeiramente na obra *Speech acts* (1969) e depois em *Expression and meaning* (1979). Searle distingue

cinco grandes categorias de atos de linguagem: Representativos – mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer; Diretivos – tentam levar o alocutário a fazer algo: ordenar, pedir, mandar; Comissivos – comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir; Expressivos – expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas vindas; Declarativos – produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar. Também postula que toda frase enunciada traz em si dois atos: um ato proposicional, que diz respeito ao conteúdo comunicativo da mensagem, e um ato ilocucional, aquele que se realiza pela linguagem.

Para Searle (1993), é importante lembrar, não existe uma relação unilateral entre um ato proposicional e um ato ilocucionário, pois tudo depende do contexto em que o enunciado está inserido. Assim, com essa caracterização, Searle alarga a teorização dos atos de fala e inclui mais duas categorias, os atos de fala diretos e os indiretos.

Tomando por base os atos de fala diretos e indiretos, tudo o que dizemos tem um significado que depende das expressões usadas e está sujeito a uma análise de suas condições de verdade. O que queremos dizer tem força pragmática, e é a pragmática a responsável por saber quais os princípios que nos permitem interpretar esta força.

6.3 GRICE: O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO E AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Segundo Grice, (1982), nossos intercâmbios comunicativos são caracteristicamente esforços de cooperação, pelo menos em certa medida, e cada participante reconhece neles um propósito ou conjunto de propósitos comuns ou pelo menos uma direção aceita mutuamente. Desta feita, em cada fase, alguns possíveis movimentos conversacionais seriam descartados por ser conversacionalmente inapropriados, razão pela qual se justifica um princípio geral aproximado que se espera que seja observado pelos participantes em iguadade de condições.

Grice, (1982) elaborou uma serie de Máximas às quais chamou Princípio de Cooperação, cujo cumprimento assegurava um alcance ‘ótimo’ dos objetivos que os interlocutores se propõem em suas interações conversacionais. Para Grice, seguir estes postulados seria a maior prova de que os interlocutores desejam conduzir seus intercâmbios rumo a um objetivo comum e de que colaboram para alcançá-lo. Grice marca um importante avanço nos estudos tradicionais sobre a linguagem quando relaciona o significado de um enunciado com

a intenção concreta que os interlocutores outorgam a este significado em suas conversações.

Anteriormente, os estudos da filosofia da linguagem estiveram muito envolvidos por concepções ideacionais e formalistas, tendo a Frege como intermediário entre ambas. (GONZÁLEZ, 1993) Foi a partir de Frege que os filósofos formalistas se interessaram em analisar a oração como principal portador de significado, passando a seguir a preocupar-se com o sentido e se este está determinado pela contribuição semântica de seus elementos constituintes. Este interesse formalista foi muito criticado nos anos cinquenta, sobretudo por Austin e Wittgenstein. Estes teóricos do uso, como foram chamados na época, criticavam o formalismo dizendo que a ambiguidade e a imprecisão são uma parte essencial da comunicação humana e que a linguagem não pode ser estudada isolada de seu ‘imperfeito’ uso cotidiano. A partir desta premissa, os teóricos do uso centraram suas atenções e pesquisas para o papel dos falantes dentro de um contexto amplo da explicação da conduta humana. (GONZÁLEZ, 1993)

Grice, (1982 apud García González, 1993), outorga à intencionalidade dos falantes um papel crucial na explicação da linguagem, apesar de reconhecer a existência de um conteúdo literal do enunciado sujeito às condições de verdade, supondo em certa medida uma herança dos postulados formalistas anteriores. Assim Grice, antes da publicação de seu artigo *Lógica e Conversação* em 1975, ao estudar extensamente o significado, partiu da denominada teoria causal da percepção na qual se pensava que a percepção só pode ser estudada apelando para as causas que a favorecem, ou seja, “afirmar que uma pessoa percebe um objeto M é equivalente a afirmar que essa pessoa recebe uns datos sensoriais causados por M”. (GRICE, apud García González 1993, p.68). Mais tarde estabeleceu as possíveis diferenças entre o significado semântico intrínseco das palavras e o dos enunciados em seu contexto mais imediato, frente a outro tipo diferente de significado: o que essas palavras e orações adquirem no intercâmbio conversacional, respondendo a uma intencionalidade concreta dos falantes. (GRICE 1968 apud GONZÁLEZ 1993). Cabe salientar que para Grice a comunicação efetiva se baseia na busca de uma espécie de subjetividade centrado na criação de inferências por parte do destinatário de maneira que ele identifique de forma adequada que o enunciado possui a intenção do emissor de que seja reconhecido como intencionado e de que produza uma interpretação concreta. González (1993)

Para o autor,

[...] conforme a idéia de Grice, a comunicação se baseia nas expectativas do falante de que seu interlocutor possa descobrir, mediante o uso de um enunciado concreto por parte do falante, quais são as intenções comunicativas do falante. Isto quer dizer que a comunicação inclui tanto as intenções do falante quanto o reconhecimento do ouvinte das intenções do falante. (GONZÁLEZ, 1993, p.17 – tradução nossa)

O problema levantado por Grice (1982), de explicar a partir de uma teoria linguística como a Pragmática a infinidade de significados possíveis de um enunciado e de interpretações dos leitores/ouvintes segundo a ocorrência de certos fatores, seria em outras palavras o estudo do resultado final da emissão do enunciado a partir de parâmetros conversacionais, independentemente das condições de verdade inerente à mensagem emitida, o que tradicionalmente foi objeto de estudo e domínio da lógica e depois da semântica.

Este tipo de diferenciação, se inerente ou intencional, suscitou ao mesmo tempo críticas e adesões à época, havendo, entretanto, o reconhecimento por parte da crítica especializada de que o princípio de cooperação de Grice, 1982, corrobora a necessidade de incluir o contexto extralinguístico na interpretação e análise dos enunciados, o que leva a crer que não é possível analisar as interações comunicativas sem acessar os fatores extratextuais.

O princípio de cooperação, nestes termos, parte do entendimento de que os falantes costumam adotar uma atitude cooperativa na interação cotidiana com seus interlocutores, sendo a própria coletividade ou a vida em sociedade o que nos impõe certos comportamentos que se ajustam aos limites da racionalidade e da convivência passando, por conseguinte a fazer parte dos intercâmbios linguísticos (Dascal, 1994).

Para Grice (1982), os interlocutores em seu intento por cooperar para o bom andamento da interação comunicativa assumem a chamada ‘negociação’ que se trata de tomar certas medidas, direções, na busca por situações e papéis adotados na tentativa de alcançar a compreensão e o sentido. Grice assinala que interação verbal é um esforço cooperativo, onde “cada participante reconhece até certo ponto um propósito ou soma de propósitos em comum ou ao menos uma direção aceita ou um propósito ou soma de propósitos comuns ou ao menos uma direção aceita mutuamente” (1975: 45).

Portanto, Grice (1982) constata na formulação de seu Princípio de Cooperação, uma realidade comunicativa regida por postulados sociais de amplo espectro. Por isso, quando ele estabelece que há princípios racionais cujo cumprimento é necessário para uma efetividade comunicativa, tenta clarificar e corrigir a visão tradicional Austiniana de condições de propriedade discursiva, relacionando as que servem para um determinado ato verbal em um contexto particular com as regras que regem todo o discurso verbal e claro toda a conduta humana cooperativa dirigida a um fim. (Dascal, 1994)

Este princípio geral se desdobra em uma série de máximas que os falantes deverão cumprir se desejam que o intercâmbio comunicativo seja efetivo, mas inclusive quando alguma destas máximas não se cumpre devemos supor que o falante possui uma boa razão para isso e que o princípio de cooperação não foi, em linhas gerais, transgredido. Esta afirmação é importante segundo Grice, porque nos permite estabelecer um princípio explicativo de por que os enunciados costumam expressar muito mais do que de fato dizem se nos detivermos apenas em seu significado proposicional, o que Grice chama de implicatura. Portanto, o incumprimento às máximas gera o que Grice chama de implicaturas conversacionais.¹³

Grice estabelece quatro máximas cujo cumprimento assegura o bom funcionamento das interações verbais, no entanto reconhece que algumas são mais importantes que outras, embora unidas geralmente ao propósito final do intercâmbio comunicativo. O autor fala das máximas não como convenções arbitrárias, mas como formas racionais de conduzir/orientar intercâmbios cooperativos.

- ***Máxima de quantidade:*** faça de sua contribuição tão informativa quanto seja requerida e não faça de sua contribuição mais informativa do que a interação requer. Esta máxima se justifica porque o excesso ou defeito de informação poderia fazer pensar ou fazer com que o ouvinte/leitor pense que há algum tipo de intencionalidade concreta nessa irregularidade informativa.
- ***Máxima de qualidade:*** tente que seu enunciado seja verdadeiro, não diga aquilo que julga ser falso e não diga aquilo que não

¹³ A título de exemplo, autores como Pratt (1977) e Haverkate (1994) demonstraram como os traços da personalidade e a descrição social de Don Quixote e Sancho Pança têm muito a ver com a forma como violam as máximas de Grice. Weber (1982) aplicou as ideias de Grice aos textos narrativos para mostrar que a formação de 'marcos interpretativos' por parte do leitor depende em grande medida da forma como o autor viola as máximas a partir de certos conhecimentos pressupostos ou deixados em suspenso. Eco, 1981

pode demonstrar. Nesta máxima ocultar certa verdade não significa mentir, no entanto, a falsidade deliberada constitui uma violação da máxima de qualidade. Segundo Wardhaugh, os falantes tendem a ser vagos e imprecisos em seus enunciados.

- **Máxima de modo:** seja claro, evite as expressões obscuras e a ambiguidade, seja conciso evitando ser prolixo e seja organizado.
- **Máxima de relevância:** seja relevante em seus enunciados, ou seja, proporcione a informação que julgue de maior interesse e importância para o leitor/ouvinte.¹⁴ Esta máxima possui grande importância porque é uma ferramenta que o ouvinte emprega para interpretar enunciados que não guardam relação aparente com o dito antes no transcurso do ato verbal.

6.4 AS IMPLICATURAS

A teoria griceana da comunicação (Meaning, 1957), torna-se conhecida a partir da introdução dos conceitos de significado natural e significado não natural que passaram a ser fundamentais nos trabalhos sobre pragmática. Entretanto, foi em 1967 com o artigo ‘Lógica e Conversação’ que o autor produziu um grande impacto ao apresentar, em tão poucas páginas, “um sistema conceitual extremamente eficaz para o tratamento das complexas questões que envolvem o problema da significação na linguagem natural.” (DASCAL, 1994, p.37)

O interesse central de Grice (1982) era chegar a

[...] uma forma de descrever e explicar os efeitos de sentido que vão além do que é dito. Em última análise, como é possível que um enunciado signifique mais do que literalmente expresso. Deve haver algum tipo de regra que permita a um falante (A) transmitir algo além da frase e a um ouvinte (B) entender esta informação extra. (GRICE 1982, p.13).

Foi a partir daí que Grice introduziu os termos implicar (*implicate*), implicatura (*implicature*) e implicado (*implicatum*), com o objetivo de organizar ao seu redor um sistema explicativo dessa significação que (A) e (B) podem entender algo que não foi dito.

¹⁴ Nos anos oitenta e noventa o conceito de relevância despertou grande interesse por parte dos estudiosos da pragmática, destacando-se Sperber e Wilson (1994) em sua tentativa de reunir todas as máximas de Grice em uma única teoria de la relevancia a partir da perspectiva da psicologia cognitiva, em oposição ao significado social defendido por Grice.

A e B estão conversando sobre C no emprego. B retruca: oh, muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso. Depois observa que, em diálogos desse tipo se pode perceber duas formas distintas de significação. Uma resposta onde fica dito por B a A que C está bem e ainda não foi preso. E outra resposta onde está implicado que C é o tipo de pessoa que pode ceder às pressões do seu trabalho e fazer algo que o leve à prisão” (GRICE 1982, p.84).

Grice (1982) define o conceito de significado não natural como sendo uma crença que o emissor deseja produzir em sua audiência através do reconhecimento de uma/da intenção, baseando-se na premissa de que às vezes algo não significa naturalmente seu referente ou significado natural. Desta maneira, o significado se produz quando o interlocutor/receptor reconhece a intenção do escritor/falante, pois o significado não natural está relacionado com o que o falante quer dizer.

Nesse sentido, afirma Fiorin que “[...] a maneira de utilizar a linguagem na comunicação é regida por princípios gerais assentados em inferências pragmáticas [...]”, salientando que a contribuição de Grice é dada em “[...] noções de implicatura e o estabelecimento do princípio geral da comunicação, o da cooperação.” (FIORIN, 2003, p. 176). De acordo com Fiorin, Grice formula a noção de implicatura, que compreende as inferências que conseguimos extrair dos enunciados.

Em sua teoria das implicaturas, Grice (1982) distingue dois tipos: as implicaturas convencionais e as implicaturas conversacionais, sendo que das primeiras é possível recuperar o que está sendo dito a partir do próprio significado das expressões linguísticas utilizadas. (ex.: É mulher, mas é forte – que equivale dizer As mulheres não são fortes/Os homens são fortes) já as segundas são subjetivas e provocadas por princípios gerais ligados à comunicação.

Para Grice (1982), em toda interação verbal subjaz uma regra que é aceita pelos participantes, o princípio de cooperação segundo o qual tanto emissor quanto receptor devem cooperar, seguindo ambos um mesmo objetivo: “Faça de sua contribuição à conversa tal qual o exigido, no momento em que se dê o propósito ou a direção do intercâmbio que se deseja manter”(Grice, 1982, p.94).

Portanto, ao ser o princípio de cooperação o princípio geral que rege a comunicação Reyes (1996, p. 39-40, tradução nossa) argumenta que

Devemos nos comportar dessa maneira porque é esse o comportamento esperado. Essa expectativa

é tão forte que se o falante parece não cumprir com o princípio da cooperação, o ouvinte, ao invés de pensar que o falante efetivamente não está cumprindo com esse princípio, vai pensar que o falante quer dizer outra coisa. Essa outra coisa será a implicatura, quer dizer, um significado adicional comunicado pelo falante e inferido pelo ouvinte. Essa pirueta da comunicação (comunicar sem dizer e contar com que o ouvinte irá inferir esse significado adicional) é possível sempre e quando os falantes levem em conta que o princípio da cooperação não foi cumprido (REYES 1996, p. 39-40, tradução nossa).

O Princípio de Cooperação¹⁵ prevê que ao não respeitar-se ou ao deixar-se de cumprir as máximas de quantidade, de qualidade, de relevância/relação e de modo se está dando origem a uma implicatura e o interlocutor, por sua vez, deverá captar essa violação para poder determinar o significado do enunciado.

No entanto, pode ocorrer que o locutor ultrapasse os limites definidos pelo princípio da cooperação e infrinja, intencionalmente ou necessariamente, uma das máximas, cabendo, então, ao interlocutor fazer uma série de cálculos mentais a fim de buscar uma interpretação para tal enunciado e descobrir, assim, qual foi o motivo da violação. A essas infrações, cometidas no ato do discurso, Grice denominou de implicaturas, ou seja, atribuições ou insinuações feitas pelo falante ou inferidas pelo ouvinte e que não se encontram expressas no enunciado e se classificam em conversacionais e as convencionais (MENEGUSSO, 2008, p.06).

Para Grice (1982) esse fato é a igualdade do significado entre os conectores lógicos e os linguísticos, pelo que sua teoria das implicaturas se baseia em uma tese da diferença de significado entre os conectores lógicos e seus contrapontos informais. Essa diferença só se produz porque os teóricos passaram por cima das “condições que governam as interações conversacionais”. (GRICE, 1982, p. 12)

15 “Supondo que um tal princípio seja aceitável, pode-se talvez distinguir quatro categorias sob uma ou outra das quais cairão certas máximas e submáximas mais específicas, que produzirão, em geral, resultados em acordo com o Princípio da Cooperação. Imitando Kant, Chamarei estas categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo.” (GRICE, 1982 p. 86).

Estes parâmetros, dentro da teoria de Grice, somente podem ser explicitados se for estabelecida uma diferença entre o que a pessoa diz e o que quer dizer, indica ou dá a entender com o que diz, sendo que a distinção não exclui conexões entre os aspectos semântico e pragmático, pois para dar a entender algo devo reconhecer antes o que digo, porque as sugestões dependem em parte do significado convencional das palavras e da identidade tradicional dos referentes, entre outros fatores que dependem do contexto.

A partir das implicaturas ou sugestões, conforme define Grice (1982), e seus questionamentos quanto à função que cumprem as condições gerais da conversação em seu processo é que o autor formula o Princípio de Cooperação.

Por analogia com o trabalho de Austin (1990) sobre enunciados, é possível afirmar que em uma interação verbal uma contribuição pode ser considerada inconveniente de várias formas: ou porque é muito ou porque é pouco informativa, ou porque não parece verdadeira, ou está mal fundamentada, ou porque dado o contexto é irrelevante, ou porque o texto é muito prolixo ou foge ao formato padrão, é obscuro, ambíguo. E dependendo da situação, violar alguma máxima pode significar o uso de metáforas, ironia, o que exigirá o domínio de outros elementos do âmbito subjetivo para a compreensão de um enunciado/texto/situação.

6.5 VIOLAÇÃO ÀS MÁXIMAS

Grice (1982) acredita ser impossível e inimaginável que um ato comunicativo possa ser totalmente livre a ponto dos sujeitos em interação verbal perderem o controle do próprio 'jogo'. Ao contrário, é bem provável que as regras do ato comunicativo talvez tenham sido aprendidas paralelamente à aquisição da língua/linguagem de tal forma que um falante competente de determinado idioma também conhece os efeitos de sentido que uma mensagem nessa língua pode adquirir pela ação das regras do jogo comunicacional a que está submetido.

Muito embora acredite o autor que há outras regras envolvidas no circuito da comunicação e ao sistematizar o seu "princípio de cooperação" (PC) através de quatro categorias fundamentais articuladas a máximas e submáximas, Grice entende que existem categorias para explicar o fenômeno da implicatura conversacional. Diz haver três situações em que as implicaturas podem ser produzidas, tendo em vista a relação entre os interlocutores mediante o princípio de cooperação: nenhuma máxima é violada; uma máxima é violada para que outra não o seja; violação de uma máxima para obter implicatura conversacional.

Grice (1982), também descreveu as propriedades que as implicaturas devem ter para que possam ser consideradas como tais. Sendo assim, as implicaturas convencionais são presas à força convencional do significado das palavras, reconhecidas pelo interlocutor mediante a sua intuição linguística e não dependem de um trabalho de cálculo dedutivo. Já as implicaturas conversacionais devem ser calculáveis ou dedutíveis, canceláveis, não separáveis, indetermináveis, externas ao sentido do enunciado - não-convencionais e não determinadas pelo dito.

6.6 A TEORIA DA RELEVÂNCIA

Em 1986, Dan Sperber e Deirdre Wilson, no livro *Relevance: communication and cognition*, expuseram a teoria da relevância a partir do princípio de cooperação e das máximas conversacionais de Grice. Apesar de muitas críticas feitas à época, que continuam valendo nos dias atuais, o modelo foi ganhando aceitação e hoje pode ser considerado, ao lado do modelo neogriceano, uma das teorias mais influentes em pragmática.

Em sua teoria, propõem uma maneira diferente de explicar o processo da comunicação linguística, mas embora a base de inspiração tenha sido Grice, (1975) não deve ser tratada como mera extensão da proposta do autor, havendo inclusive quem a considere superar a teoria de Grice em poder explicativo.

Nas palavras de Reyes, a teoria da relevância “[...] é o princípio que explica todos os atos comunicativos linguísticos, sem exceção alguma: porque ao pressupor que nosso interlocutor é relevante prestamos atenção nele.” (REYES 1995, p. 53, tradução nossa)

Na interpretação de Grice (1975), para que a comunicação seja possível, os falantes devem ter certas expectativas sobre a conduta de seus interlocutores, pois, para ele, os falantes, naturalmente, não levam em conta que na conversação, como em outras atividades que realizamos em companhia de alguém, somos cooperativos. Segundo Sperber e Wilson (apud REYES, 1995), somos cooperativos porque temos algo a ganhar: conhecimento do mundo. Quanto mais efeitos cognoscitivos produzir um enunciado e menos esforço de interpretação exigir, mais relevante será.

Coincidem também, Grice e Sperber e Wilson sobre haver informações que são novas, mas que estão conectadas com as que já temos, ou seja, a informação nova provoca mais informação nova que não teria sido possível inferir sem a conexão estabelecida. Esta

informação pode assim ser considerada mais relevante, pois produz um efeito de multiplicação com menor custo de processamento. De acordo com Reyes (1995)

Os resultados dessa multiplicação se chamam efeitos contextuais. Uma nova informação pode ter efeitos contextuais de duas maneiras: a) a informação nova permite reforçar informação já existente na memória, b) a informação nova contradiz ou debilita a informação anterior. Quando um item informativo tem efeitos contextuais em um determinado contexto, Sperber e Wilson o consideram relevante nesse contexto. Porém o conceito de relevância não é absoluto: há graus de relevância. Para medir a relevância de um enunciado, deve-se calcular a relação entre os efeitos contextuais e o custo do processamento. A relevância pode se representar como uma fração:

Efeitos cognoscitivos

Relevância = _____

Esforço de processamento

(REYES 1995, p. 55, tradução nossa)

Com essa proposta, não somente a noção de contexto ganha força, sobretudo em razão de sua grande importância para a pragmática, independente do ângulo que se escolha para entendê-la, mas também a questão dos movimentos cognitivos que o leitor/ouvinte faz para dar conta de entender a intenção comunicativa de seu interlocutor.

6.7 PRAGMÁTICA E JORNALISMO

Para Motta (2003), há efeitos produzidos pelo relato de um fato que podem gerar surpresa, espanto, sempre e quando os acontecimentos entram em conflito com os conhecimentos institucionalizados. Ou seja, “quanto mais a ocorrência anunciada se contraponha à ordem das coisas, mais chocará e maior o efeito surpresa” (Motta, 2003, p.10)

Segundo o autor, a notícia, tal qual a maioria de nossos enunciados corriqueiros, consegue realizar várias coisas em paralelo à ação de reproduzir e repassar informações, uma vez que “as notícias ativam a imaginação do receptor, tanto quanto a literatura ou o cinema” (MOTTA, 2003, p. 12). E a razão disto é que, segundo ele, a imaginação é estimulada para preencher lacunas, completar as significações parciais das notícias fragmentadas que dão vida ao texto Jornalístico.

A esse respeito, os textos que compõem o corpus desta pesquisa podem bem ilustrar o que diz Motta, 2003, como por exemplo o Título Principal e o Título auxiliar do jornal argentino *Clarín*, que já prenunciam ao leitor haver mais coisas acontecendo no país do futebol e sede do evento além das partidas do campeonato esportivo: “*Um torneo envuelto en un marco político potente*” “*La inauguración de la Presidenta Rousseff anticipó que habrá algo más que fútbol en juego*”

A Pragmática do texto jornalístico ou a Teoria da Ação Jornalística fundamentam-se na ética, técnica e estética da ação jornalística e baseia-se na pragmática a partir de Teun van Dijk (1972) como também de Lamiquiz, quem considera ser “o fenômeno das relações dos elementos discursivos com os usuários, produtor e interpretador do enunciado”. (RUFINO, 2010, p. 6)

Chaparro (1994) elaborou uma teoria da ação jornalística, partindo do seguinte:

Como se manifestam os propósitos que motivam e as intenções que controlam as mensagens jornalísticas? (2) Que interesses estão conectados a tais propósitos e que princípios éticos inspiram? (3) Que influência a explicitação das intenções exerce no leitor? (CHAPARRO, 1994, p.76).

O autor explica a pragmática sob a ótica de três concepções: as relações entre signos e seus usuários, o efeito dos sinais sobre o comportamento do receptor (lógica funcionalista) e os efeitos comportamentais da comunicação (psicologia). Para ele, “a pragmática juntamente com a com a sociologia, pode ser considerada a ciência-mãe da comunicação. “[...] enquanto processo social de comunicação, o jornalismo situa-se no campo da pragmática” (CHAPARRO 1994, p.12). Além disto, a partir de outros autores que tratam do jornalismo como elo nos processos sociais, construiu conceitos a partir da ideia de que “o jornalismo cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação” Também, a partir da visão marxista de Paillet emprestou a concepção de que o jornalismo deve refletir as estruturas vigentes com análise voltada para as contradições desta ação social no campo da linguagem.

Igualmente importante é a concepção de Chaparro (1994) sobre jornalismo como uma atividade incorporada em um sistema de organizações e como se dá o funcionamento da sociedade com base nesse sistema. A notícia para ele é

(...) o acontecimento que projeta interesses, desperta interesses ou responde a interesses, conforme circunstâncias temporais, culturais e geográficas, [] o interesse é a causa determinante da vontade e a razão persegue interesses, não puramente teóricos, mas práticos (CHAPARRO 1994, p.32).

Chaparro (1994) concebe o jornalismo como um processo social que se desenvolve entre organizações formais e coletividades, “via meios de comunicação, e destinado ao relato verdadeiro e à explicação dos fatos de relevância social”, e considera que somente a descrição pragmática pode especificar que tipos de atos de fala ocorrem em uma dada cultura (CHAPARRO 1998, p.35). Afirma também que o ato de fala próprio do jornalismo é o de asseverar (afirmar com certeza, segurança) e que o acontecimento, do qual o relato faz parte, é uma forma complexa de processo. A intervenção do relato jornalístico em acontecimentos pode ampliar a rota do processo e até desencadear processos derivados nas tramas sociais. Em sua teoria ele aconselha que, para cumprir a função social, o jornalismo agregue ao fazer criativo, a ética, a técnica e a estética, num processo de controle consciente sobre o fazer.

A partir desses conceitos, Chaparro (1998) propõe um modelo para interação no jornalismo com base em três pilares:

- Sociedade: estabelece princípios, costumes, razões éticas e morais;
- Atualidade: representada pelo que acontece e por aquilo que as pessoas querem dizer e saber sobre o que acontece;
- Recepção ativa: (onde se dá o encontro de expectativas e perspectivas)

É preciso reconhecer como o avanço dos estudos linguísticos se aplica a um campo de estudo não muito distante e que é preciso considerá-lo em relação com o fenômeno da tradução, pois quando se fala em pragmática é preciso ressaltar o que não é gramatical, o que é ação e relação entre os falantes, o uso social da interação e seus efeitos. E há que se registrar que existe uma estreita relação entre o componente pragmático e o discurso, aquilo que comunica, mas não em um nível gramatical e sim no uso real da língua, seu funcionamento, os enunciados que são a cultura, a sociedade e a língua como um todo (CHAPARRO 1998).

6.8 ATOS VERBAIS JORNALÍSTICOS

Seixas, (2012) em seu artigo “Os atos verbais jornalísticos” afirma que a atividade jornalística faz asserções não apenas com as quais há o compromisso em adequar o conteúdo proposicional à realidade, senão também produz “atos de conjectura, suposições, opinativos, de abstenção, dúvida e tenta também levar ‘leitores’ a fazer algo (diretivos)”. Segundo ela, os atos verbais jornalísticos são na verdade fazeres que se cumprem através da linguagem, posto que no texto jornalístico encontramos não apenas sentidos mas sim compromissos que significam fazeres e pelos quais o objeto de realidade ganha um estatuto: “Um ato verbal jornalístico se realiza apenas no momento da interação (leitura). Sua realização é o resultado da relação entre as diversas dimensões significativas” (Seixas, 2012, p. 58). Em termos pragmáticos, o tipo de proferimento que se compromete com a fidelidade ao real, que se compromete com a verdade da proposição é o assertivo, no entanto há que se considerar que a atividade jornalística faz uso de inúmeros outros atos de fala.

A pragmática, sobretudo a pragmática da comunicação e em particular a teoria dos atos de fala descrita por John Searle (1995), entende a linguagem como uma prática social concreta. Nesse âmbito, a linguagem é não apenas uma forma de representação ou correspondência com a realidade, mas também uma forma de ação ou de atuação sobre o real. O conceito de verdade, nesta linha teórica, passa a ser substituído pelo conceito de eficácia do ato ou de suas condições de sucesso. Isso equivale a dizer que ao se fazer um proferimento se está fazendo a emissão concreta e particular de uma sentença, procedimento convencionalmente aceito, em um momento determinado por um falante determinado, para determinadas pessoas, para as quais o ato de fala é um ‘fazer’ com efeito prático, que reflete uma forma de comportamento. Seu objetivo é compreender: 1º) quais condições devem ser seguidas para que os atos de fala tenham êxito; e 2º) como se relacionam entre si essas condições: enunciados, intenções dos interlocutores, procedimentos convencionais, disposição de participação dos interlocutores e contexto (Austin, 1990).

Como explica a Teoria dos atos de fala, fazer um proferimento em toda sua dimensão tem sentido não só por seu conteúdo mas sim pela relação do conteúdo com as intenções e posturas dos interlocutores, o contexto e os procedimentos convencionais, além da convenção linguística.

Dentre as doze ‘dimensões significativas’ de Searle, podemos mencionar algumas que têm especial significação no ato verbal jornalístico, que são dimensões que contam na realização do ato verbal no momento mesmo da interlocução: (SEARLE apud SEIXAS, 2010, p.63).

- 1) Instituição Extralinguística;
- 2) Compromisso institucional (condição de sinceridade);
- 3) Estatuto e expectativa dos interagentes;
- 4) Contexto;
- 5) Conteúdo proposicional.

Os atos verbais produzidos pelo jornalismo escrito, os discursos que intermediam a interação entre meio e sujeito, só se realizam, se efetivam no momento da leitura, ou seja, sua força surge na e pela leitura do texto. Leitor e autor são interagentes e responsáveis pela construção do ato verbal jornalístico.

Jauss (1994, apud SEIXAS, 2012), concebe a existência de uma “disposição específica do público que antecede tanto a reação psíquica quanto a compreensão subjetiva do leitor ou horizonte de expectativas”. (JAUSS, 1994, apud SEIXAS, 2012, p.37) Para ele, tratam-se, na verdade, das concepções quanto ao gênero, às relações que se estabeleça com outras matérias no mesmo âmbito, o contexto do lugar, enfim, as expectativas que o agente-receptor tem do agente-emissor, e que influenciam na realização do ato verbal jornalístico no momento de interação, e acrescenta que “o mesmo ato verbal pode se realizar como assertivo para um leitor cidadão-comum e como diretivo para um leitor cidadão-interessado”. (SEIXAS, 2012, p.44)

No caso das notícias em torno à copa das confederações 2013 e o lugar de realização, o leitor local não precisa de muitos elementos para compreender os fatos retratados, uma vez que seu ambiente de convívio, de trabalho, de estudo, de moradia, de atuação e de interação social são os mesmos, estando ele habituado às situações retratadas nas notícias, aos apelos das manchetes, aos retratos do dia a dia. Suas expectativas se atualizam em todo momento, sendo possível captar ainda as sutilezas e subjetividade linguísticas, inclusive as intenções e propósitos.

Ao leitor de outro entorno linguístico, social, histórico, geográfico, cultural, muitos detalhes importantes fugirão, não serão percebidos e captados, por mais que as notícias, os textos relatem com riqueza de detalhes, há elementos que pertencem ao universo individual de cada sujeito. Quem escreve tem sua ótica, sua percepção, suas razões, seu crivo próprio e corporativo para dizer, escrever, descrever, escolher palavras, expressões, estruturas, figuras de linguagem. Quem lê, por sua

vez, tem seu universo de vida, também com sua ótica, sua percepção, suas razões.

Há atos verbais que solicitam instituições extralinguísticas para se realizarem, além da instituição linguística que define regras sintáticas e gramaticais para que aconteçam as enunciações e que não exigem instituições extralinguísticas para sua realização. Ou seja, a instituição jornalística, por trás das notícias, é quem respalda os atos verbais ali expressos, uma vez que tem poder de credibilidade sobre a opinião pública, principalmente se comparado ao poder da mesma enunciação proferida por um cidadão comum. Além do mais, nas instituições jornalísticas ou extralinguísticas há as regras do campo (contratos sociais, regras) que dizem “como vale uma ação realizada no campo, regras ‘não-escritas’ mas que norteiam a ação daqueles que fazem parte do campo (jornalismo)” (FRANCISCATO, 1998, 93, apud SEIXAS, 1999).

Não obstante, a instituição/o jornalismo tem como compromisso ser fiel ao real, entrando aqui a subjetividade de alguns conceitos ou entendimentos como real, realidade, fiel, fidelidade. Sobre este aspecto, Tuchman considera que.

Alguns aspectos do conceito de realidade como a trama de facticidade, dizem respeito ao conjunto de relações e significações sociais objetivadas com as quais os indivíduos lidam na condição de realidade, ou seja, um processo de constituição recíproca, em que um fato justifica o conjunto e o conjunto valida o fato (TUCHMAN, 1983, p.15).

Portanto, para que o leitor interprete os fatos, os reconstrua, os compreenda e construa significados dos fatos narrados é preciso haver conexões aceitáveis, “o que não significa, simplesmente legitimação das relações sociais estabelecidas” (SEIXAS, 2009, p13). Neste sentido, a autora considera que “o conceito de realidade inclui não só fatos ocorridos mas os fatos em continuidade e com graus de probabilidade de realização.” E continua neste raciocínio, dizendo que

A ideia de relato da realidade é refém da concepção de que o jornalismo trata apenas de fatos (passados). Entretanto, o jornalismo, enquanto saber da atualidade trabalha com processos em continuidade e ocorrência futuras possíveis, prováveis ou previsíveis. A realidade inclui também aquilo que é inverificável, como ‘verdades’ e intenções de ações verbais (SEIXAS, 2002, p.12).

Nesta linha, Ardoino (1999) considera que as práticas humanas pertencem ao plano da intersubjetividade, do interconhecimento, já que uma dada realidade, objetiva, constatável, sem pressupor ou envolver nenhum grau de subjetividade simplesmente não existe. Para ele, “Os fatos e estados do mundo não são invariantes e controlados, mas processos dinâmicos, temporais, que se alteram.” (SEIXAS, 2012, p.15).

As coisas, os fatos, os fenômenos existem independentemente do corpo que percebe, da subjetividade que pensa, transcendem todas as perspectivas, mas os encadeamentos que as subjetividades podem fazer dos fenômenos, dos fatos, das coisas, do mundo são temporais e inacabados (MARLEAU-PONTY, 1996 apud SEIXAS, 2012). As coisas, os fatos só podem articular-se uns aos outros para formar um mundo através da subjetividade e a realidade como intersubjetivamente partilhada e não um objeto em si é re-construída discursivamente pela atividade jornalística. O discurso jornalístico opera um recorte da realidade que é formada por objetivações da própria dinâmica do mundo, objetivações de reconhecimento intersubjetivo.

Assim, os atos verbais produzidos pelo jornalismo escrito, os discursos que intermediam a interação entre meio e sujeito, só se realizam, se efetivam no momento da leitura, ou seja, sua força surge na e pela leitura do texto. Leitor e autor são interagentes e responsáveis pela construção do ato verbal jornalístico. (SEIXAS, 1999)

Para Jauss (1994), tratam-se na verdade das concepções quanto ao gênero, as relações que se estabelecem com outras matérias no mesmo âmbito, o contexto do lugar, enfim, as expectativas que o agente-receptor tem do agente-emissor e que influenciam na realização do ato verbal jornalístico no momento de interação, e acrescenta que “o mesmo ato verbal pode se realizar como assertivo para um leitor cidadão-comum e como diretivo para um leitor cidadão-interessado.” (SEIXAS, 1999, p. 16)

No caso das notícias em torno à copa das confederações 2013 e o local de realização, o leitor local não precisa de muitos elementos para compreender os fatos retratados nas notícias, uma vez que seu ambiente, de trabalho, de estudo, de moradia, de atuação e interação social são os mesmos e ele está habituado às notícias, aos apelos das manchetes, aos acontecimentos. Suas expectativas, praticamente, se atualizam a todo momento, em função de serem conhecidos, vivenciados os eventos e de saberem as causas e consequências. Em contrapartida, ao leitor de outro entorno histórico, geográfico, cultural, linguístico, político, muitos detalhes fugirão, justamente lhe faltarem os conhecimentos, experiências, modelos mentais e contextuais, enfim, uma infinidade de

detalhes que redundarão em outra compreensão, gerando uma multiplicidade de sentimentos, desentendimentos, deduções, inferências, interpretando e construindo outro evento, não gerando a significação desejada.

No que se refere à compreensão do texto, o leitor precisa contribuir com seu conhecimento prévio, que é uma das mais importantes dimensões de significado do ato verbal jornalístico, relacionado ao contexto e ao conteúdo da proposição.

Já o contexto é formado por ocorrências atuais e objetos de realidade que mantêm certa relação com objetos de realidade enunciados pelo ato verbal jornalístico. O conteúdo proposicional, correspondente ao objeto de realidade, se forma também pela relação com o contexto, posto que é o contexto, ou seja, a conexão real existente entre os objetos de realidade, que permite compreender a realização de um ato de fala de um político, por exemplo.

Portanto, é no momento em que ocorre a interação entre texto e leitor que um ato verbal jornalístico se realiza, sendo o resultado da relação existente entre as diversas dimensões significativas, e em palavras de SEIXAS, (2012) “muitas proposições que tratam dos mesmos “tipos” (temática) de objetos da realidade podem constituir-se em diferentes ações verbais, assim como as ações verbais podem reconstruir o objeto de realidade por seu fazer” (SEIXAS, 2012, p. 13).

Podemos afirmar que todos os atos verbais jornalísticos estão imbricados no contrato que a instituição jornalística tem com seu público de noticiar apenas fatos ocorridos reais, tendo em contrapartida, a confiança do público de que tudo que está dito é real. Da mesma forma, que o que se pensa de maneira generalizada quanto às notícias que transitam na mídia é que a atividade jornalística é saber da atualidade, envolvendo ligações entre os diversos tipos de objetos da realidade atual, que podem ir desde fatos que realmente ocorreram a acontecimentos prováveis, próximos a dados e saberes da atualidade.

Como afirma Seixas,

O público, entretanto, tem como expectativa o ‘relato’ de acontecimentos verídicos e verificáveis, segundo a ideia de que o acesso à realidade se dá por meio de narradores confiáveis que a experimentam diretamente (SEIXAS, 2009, p.23).

No entanto, o conhecimento da realidade não é espelho e a realidade não consegue, não pode chegar tal qual a cada um dos leitores, visto que o próprio jornalista/tradutor é também um leitor, expectador,

interpretante e tampouco consegue reportar o leitor/ouvinte ao local dos acontecimentos, por mais fiéis que sejam ou pretendam ser os relatos, as imagens, e todos os recursos dos meios de comunicação. Nesse sentido, o discurso jornalístico tem no comprometimento do ato a dimensão mais importante de um ato verbal (GOMES, 1991). Ou seja, a instituição jornalística, na voz do jornalista/tradutor, e o público leitor mantêm um trato de confiança e tudo o que figura nas notícias e no conteúdo jornalístico de maneira geral.

Pode-se dizer que, tanto numa conversa de bar como na produção de um texto jornalístico, fazer um enunciado é se comprometer com a verdade do que é dito. No entanto, numa conversa de bar não existe a expectativa entre os interlocutores de que eles devem ou têm o dever, uma relação contratual implícita de falar apenas aquilo que é verdade, cujas razões devem ter como comprovar, que é o caso de uma agência de notícias, um jornal, etc. Se uma instituição jornalística faz uma afirmação, como por exemplo “termina a greve dos bancários” e se esta proposição é falsa a produção deste ato verbal não muda a realidade fazendo com que a proposição se torne verdadeira, a proposição continua falsa, porém se o público leitor reproduz este enunciado como uma proposição verdadeira, a crença na verdade da proposição pode ter os mais variados efeitos práticos em suas repercussões. Fazer enunciações como neste exemplo é, pelo menos, uma tentativa de adequação de proposições à realidade, cuja eficácia se configura apenas na relação de interação que é a leitura\audição. E é exatamente porque o público leitor legitima a instituição jornalística por sua capacidade de estar presente, através de atores sociais legitimados pela instituição, nos acontecimentos noticiados, que ele tende a reproduzir os enunciados como realidade dada.

Ao fazer a leitura\audição, o efeito prático do ato assertivo jornalístico eficaz é a crença do leitor\ouvinte de estar diante da realidade mesma. A crença, embora não constatável, é fundamental como o fato de alguém ter se casado ou de um ministro tomar posse, e em estados ou ocorrências do mundo, orienta a ação e a ação pode inclusive dar a vitória a um candidato numa eleição para presidente da república, por exemplo. Toda vez que o discurso jornalístico produz um assertivo está reafirmando seu compromisso com a adequação discursiva a uma situação real.

Sendo assim, os atos verbais jornalísticos re-constroem uma situação que, se não é real, passa a ser considerada como real por aqueles que não têm como saber sobre o mundo e suas ocorrências se não através da mídia. Em muitos casos, entretanto, mesmo que o

cidadão-comum pudesse se reportar ao momento de ocorrência dos fatos, ainda assim não compreenderia a dimensão dessa ocorrência na atualidade expressa no texto.

No caso dos assertivos, as proposições podem ser verdadeiras ou falsas. Mas, existem outros tipos de atos verbais jornalísticos em que as proposições não podem ser verdadeiras nem falsas, porque são proposições que tratam de ocorrências impossíveis de serem verificadas ou de realização futura, com determinado nível de probabilidade, como é o caso da previsão do tempo, de catástrofes naturais, etc. O conteúdo proposicional da ação verbal se refere a um objeto e a compreensão do agente-receptor quanto ao objeto lhe dá o parâmetro para crer na ‘verdade’, ou naquilo que via-de-regra é verossímil, (relação entre proposição e realidade), mas quando o objeto aponta para ação futura – e por isso a proposição não pode ser verdadeira nem falsa -, mas há uma ação presente correspondente e que marca um compromisso – a ação verbal é considerada uma previsão – no sentido de antecipar, ver antes de acontecer, já que o futuro da ocorrência é considerado como certo.

A partir deste enfoque, é possível dimensionar que o discurso jornalístico configura-se como atos de fala, embora as dimensões significativas mantenham uma relação diferente porque aqui há um compromisso implícito que se realiza no ato de leitura, na interação estabelecida entre jornalista/tradutor e público/leitor.

Os atos verbais de que fazem uso os jornalistas são, por exemplo, as conjeturas, opiniões, incertezas, ironias, suposições. Seu conteúdo informativo está na dimensão do verdadeiro-falso e seu fazer na dimensão do êxito-fracasso, embora tenhamos a convicção de que a dimensão performativa depende da primeira dimensão.

Além disso, o ato verbal jornalístico, em seu fazer, pode transformar os objetos de realidade que por sua vez se relacionam com outros diferentes atos. No entanto, não se pode esquecer que mesmo que o ato de fala de uma fonte seja um argumento, ainda assim o verdadeiro-falso persiste e será levado em consideração pelos lados-jornal/texto/leitor.

Portanto, tendo-se tudo isto em consideração, foi possível perceber nas notícias que compõem nosso corpus de análise que podem produzir muitos atos verbais, como opinativos, de conjetura, suposições, de abstenção, dúvida, sátira/deboche, desprezo. Estes atos produzem efeitos de real porque os sujeitos, a audiência, têm em mente o ato assertivo de crer no que leem, nas informações impressas no texto jornalístico, através do uso de recursos e estratégias que acabam enredando o leitor/ouvinte.

7 OS CONTEXTOS

7.1 CONCEPÇÕES DE CONTEXTO

Comumente fala-se de contexto sem delimitar esta noção que se apresenta de forma diversa, seja nas distintas teorias linguísticas ou na fala de todos os dias. Nos discursos cotidianos, o termo costuma ser empregado para designar situação, entorno, ambiente, antecedente geográfico, histórico ou político.

O termo contexto tem origem na palavra latina *texere* depois *text*, que significa pano, tecido ou trama: com = junto a + texto = contexto. Assim, a palavra contexto refere-se à trama de significados advindos do meio ambiente ou do entorno social, passando a ter significado na formação de um grupo humano específico e a fazer parte integrante de sua cultura e sua visão de mundo. Neste sentido, o contexto é uma arena ativa na qual o indivíduo constrói sua compreensão do mundo, do qual participam os contextos culturais tradicionais surgidos do amplo e permanente convívio humano que se atualizam o tempo todo.

Costumava-se pensar que o contexto extra verbal de um enunciado se formava pelas circunstâncias não linguísticas que os interagentes podem conhecer ou perceber diretamente, razão pela qual, distinguam-se vários subtipos de contexto: físico, empírico, natural, prático, histórico, cultural.

Na Pragmática atual distinguem-se três tipos de contexto: linguístico, situacional e sociocultural. O contexto linguístico, também chamado de co-texto, se forma pelo material linguístico que o precede e segue um enunciado; o contexto situacional¹⁶, que trata dos conjuntos de dados que são acessíveis para os participantes em uma conversação e que se encontram no entorno físico imediato; o contexto sociocultural, que são os dados procedentes dos condicionamentos sociais e culturais que regem o comportamento verbal e sua adequação às diferentes circunstâncias. Em razão disto, influi no que dizemos, como dizemos, gerando expectativas e pressuposições nos protagonistas da comunicação. (REYES 1996)

16 O conceito de contexto de situação foi proposto, originalmente, por Malinowski, em 1923, e desenvolvido, posteriormente, por J. R. Firth, em 1950, no trabalho "Personality and Language in Society". Em sua essência, os dois pesquisadores trabalham com a noção segundo a qual a linguagem somente emerge à existência quando funciona em algum meio. O homem não experimenta a linguagem em seu isolamento, mas sempre em relação a alguma situação, isto é, cenário, pessoas, atos e acontecimentos dos quais o dito deriva seu significado.

Nas interações, quanto mais diferentes forem os contextos pessoais dos participantes maiores as probabilidades de confusões, erros, dúvidas, falsas interpretações. Já os contextos compartilhados nos permitem economizar discursos, explicações.

Dan Sperber e Deirdre Wilson (1986) definem o contexto em termos psicológicos para explicar os mecanismos que permitem reconstruir o significado dos signos linguísticos em seu uso, pois para eles, “apesar de todos os avanços da inteligência artificial, apenas nós, humanos, a partir de nossas referências socioculturais podemos estabelecer significados em função do contexto.” (SPERBER E WILSON, 1994, p.68, tradução nossa)

Van Dijk, (1999) em sua teoria do contexto, considera que a noção de contexto é muito vaga e divergente, dependendo da área que o considere e suas perspectivas e interesses. Nos discursos cotidianos, o termo contexto costuma ser empregado para designar situação, ambiente, entorno, antecedente geográfico, histórico ou político. O contexto também é usado para referir-se à situação social da linguagem em geral ou específica, de um determinado texto ou fragmento de texto de conversação, implicados aqui os aspectos não verbais, sociais e situacionais dos eventos comunicativos.

Segundo Van Dijk (1999), os contextos definidos classicamente como ‘o entorno relevante da linguagem’ podem incluir muitos tipos de propriedades das situações sociais, em diversos níveis, os quais podem influir na produção, nas estruturas e na compreensão do discurso, mesmo sem ter a consciência disso ou de que nós, enquanto analistas, nem sempre possamos observá-los ou detectá-los.

Portanto, é preciso delimitar o conceito de contexto como sendo as propriedades da situação comunicativa que são relevantes para o discurso, para depois identificar que isto é assim para os falantes, e, portanto, para a produção do discurso ou para a sua compreensão, concepção que adotamos neste estudo.

Malinowski (Halliday & Hasan, 1989) defendeu uma importante teoria acerca do contexto de uso e para tanto precisou de um termo que expressasse todo um ambiente onde seria analisado, incluindo o ambiente verbal e a situação na qual o texto fosse falado e criou o termo contexto de situação (context of situation). No entanto, precisou ainda de outro tipo de contexto que explicasse não só o que estava acontecendo mas também os aspectos culturais envolvidos que é o contexto cultural. Para ele, esses dois tipos de contexto são fundamentais para se compreender um texto.

Firth (1950), influenciado pela noção de contexto de uso de Malinowski, criou sua própria teoria linguística (FIRTH,1950 apud HALLIDAY & HASAN, 1989). Para ele, o conceito do autor somente adequava-se a textos específicos e ele precisava de uma descrição de contexto de uso que abordasse diferentes textos como parte de uma ampla teoria linguística, sendo os elementos envolvidos os participantes, a ação dos participantes, características da situação e efeitos da ação verbal.

Dell Hymes (1982) mais tarde, passou a trabalhar com a etnografia da comunicação e propôs outros elementos que também descrevessem o contexto de uso: a forma e conteúdo da mensagem, o cenário, os participantes, o efeito da comunicação, a chave, o meio, o gênero e as normas de interação. O seu trabalho procurava englobar as diferentes maneiras para que a língua pudesse ser usada em diferentes culturas.

Halliday (1989) considera que o sucesso na comunicação pode ser explicado pela previsão inconsciente, ou seja, quase nunca é surpresa o que queremos dizer em determinadas situações, sendo que essas previsões são feitas a partir do contexto de uso e propôs que a análise do contexto de uso fosse feita a partir de três componentes que correspondem a três meta funções: domínio do discurso, que se refere ao que está acontecendo, à natureza da ação social, relações do discurso, que se refere à natureza dos participantes envolvidos na interação e ao modo do discurso, que se refere às funções particulares que são determinadas pela língua na situação observada. Sendo assim, o contexto de uso é definido pelo ambiente imediato em que determinado texto está sendo produzido. É a partir do momento em que os participantes leem ou ouvem que eles fazem previsões acerca do que será reproduzido em seguida influenciado pelo contexto da situação.

Assim, portanto, o contexto proporciona os elementos significativos que acompanham uma cultura específica e sendo a cultura uma rede de significados, esta trama humana de sentidos tem existência no contexto de uma geografia, seu clima, sua história e o conjunto de processos e circunstâncias em que se dá essa cultura e que estabelecem dimensões e característica próprias do grupo humano, sendo também importantes fontes de significados específicos do dia a dia para a cultura de cada lugar. Igualmente funciona a história, a qual proporciona a dimensão temporal da significação, ligando os fatos aos significados e valores atribuídos no presente e que se projetam no imaginário futuro.

O contexto cultural é o contexto simbólico do contexto social, ou seja, o imaginário coletivo, os tabus, os padrões comportamentais

generalizados, os estereótipos, as crenças e os rituais de uma determinada população são apenas alguns dos aspectos de uma cultura. Já o contexto histórico cultural compreende os fatores culturais que envolvem os episódios do texto enquanto os contextos sócio culturais designam um conjunto de variáveis contextuais interferindo no desempenho e na atividade e reflete os valores, costumes, tradições da sociedade, influenciando as trocas e os sistemas de intercambio (VAN DIJK 1999).

7.2 MODELOS DE CONTEXTO

Os contextos são também modelos ou representações mentais, são subjetivos, representam as experiências pessoais, ou seja, a experiência do episódio comunicativo em curso, e oferecem instanciações do conhecimento sociocultural que compartilhamos acerca das situações sociais e comunicativas e de seus participantes.

Van Dijk (1999) denomina modelos de contexto ou simplesmente contextos a estes modelos mentais de episódios comunicativos, sendo que para ele o contexto é:

- (1) construto subjetivo dos participantes, embora apresente componente objetivo;
- (2) fruto de experiências únicas, originando discursos únicos;
- (3) modelo mental que atua no controle da produção e da compreensão do texto e do discurso;
- (4) modelo(s) mental(is), baseado(s) na(s) experiência(s) interacional(is);
- (5) esquemático, apresentando categorias compartilhadas e convencionadas;
- (6) capaz de controlar a produção e a compreensão do discurso;
- (7) formado, ao mesmo tempo, por características pessoais (subjetivas) e sociais (partilha com o grupo);
- (8) atualizado e adaptado constantemente, isto é, dinâmico;
- (9) amplamente planejado, não parte do 'zero' por haver lembranças acumuladas de eventos comunicativos prévios;
- (10) imerso em aspectos pragmáticos, pois permite que os usuários adaptem o seu discurso;
- (11) considerado 'não-texto', sendo em geral sinalizado, indicializado, mas não percebido de maneira direta;
- (12) relacionado à relevância pessoal e à interacional por meio das interpretações realizadas pelos interlocutores;
- (13) inserido em interações situadas (microcontextos) e

em situações históricas ou sociais totalizadoras (macrocontextos); (14) egocêntrico, centrado nos pronomes ideológicos ‘nós’ x ‘eles’; (15) referenciação (na perspectiva semântica) e adequação à situação comunicativa (na perspectiva pragmática); (16) culturalmente variável. . (VAN DIJK 1998, p. 40)

Para o autor, a situação social comunicativa em si é uma noção sociocultural e para a sua compreensão se necessita de uma interface sócio cognitiva. Ou seja, não é a situação sócio-comunicativa que influi nas estruturas verbais discursivas e sim a sua representação mental nos sujeitos participantes.

Deste modo, a compreensão das situações e eventos específicos se faz por meio de modelos mentais, sendo um modelo mental uma representação individual, subjetiva de um evento/situação, guardado na memória episódica que por sua vez é componente da memória de longo prazo. (VAN DIJK ,1991).

A estrutura dos modelos mentais consiste em um esquema com algumas categorias gerais, como cenário, participantes e um evento ou ação, sendo que um modelo representa o que informalmente se chama de uma experiência. (JOHNSON-LAIRD 1983)

Portanto, a representação mental da situação é chamada por Van Dijk (1998) de modelo de contexto ou simplesmente contexto, e acrescenta que,

Diferentemente da situação social, o contexto não é algo visível ou fora dos participantes, mas sim algo que constroem como representação mental, e são uma forma específica dos modelos que formamos como nossas experiências cotidianas: desde quando acordamos pela manhã e nos damos conta de quem somos, onde estamos, o que estamos fazendo, etc., e durante todos os atos/eventos do dia até dormir, à noite. Assim, enquanto estamos conscientes, permanentemente construímos modelos mentais da situação na qual nos encontramos, de nós mesmos, de outras pessoas, do tempo, do lugar, dos atores, etc. (VAN DIJK 1998, p. 43)

Segundo Damasio, (2000), esses modelos cotidianos também explicam parte da noção completa da consciência, ou seja, a parte mais alta e cognitiva do estado e dos processos de consciência.

Para Sperber e Wilson¹⁷ (1994), o modelo do contexto, como todos os modelos, não representa todos os aspectos pessoais ou sociais da situação comunicativa, “e sim os aspectos que em certo momento são relevantes para cada participante”, o que equivale dizer que uma teoria dos modelos contextuais é uma explicação (psicológica) da noção de relevância. (SPERBER e WILSON, 1994, p.59 tradução nossa).

Para Van Dijk (1998), por estas mesmas razões, um modelo de contexto é subjetivo e individual: “é a representação pessoal do que é relevante na situação comunicativa.” (VAN DIJK, 1998, p. 98). E argumenta que, em razão dos sujeitos terem biografias diferentes, diferentes experiências e diferentes modelos episódicos anteriores os modelos dos contextos dos participantes são diferentes no entanto, por razões do convívio e da comunicação social, normalmente têm muito em comum para poderem se comunicar sem muitos problemas.

Com este entendimento, um modelo de contexto é também dinâmico, uma vez que muda durante a interação comunicativa, adaptando-se e atualizando-se, permanentemente, em razão da situação social ou da interpretação do discurso, influenciando-se mutuamente o discurso e o contexto. No entanto, segundo o autor, também por razões cognitivas, o modelo do contexto tem uma estrutura mais ou menos fixa, uma vez que os sujeitos têm que construir modelos muitas vezes a cada dia e uma estrutura prototípica ajuda na construção de modelos concretos sobre cada evento. (VAN DIJK, 1990)

Ou seja, as situações mudam claro, mas suas estruturas ou a maneira de compreendê-las é mais ou menos parecida e deste modo os modelos de contexto acabam funcionando como uma representação mais ou menos adequada e relevante de seu entorno. Assim, controlam a produção e a recepção do discurso/texto, pois as estruturas discursivas podem variar com a variação do contexto como o estilo, o formato, a

17 A teoria da relevância parte dos estudos de Fodor sobre a natureza do sistema cognitivo. Para ele, os seres humanos processamos a informação apresentada pelo mundo que nos cerca através da construção de representações mentais, também chamadas proposições. Na hora de interpretar um enunciado, haveria um nível básico, operando processos de tipo convencional, codificação e decodificação e outro mais geral, não convencional, no qual se realizam processos de tipo inferencial. Ambos os níveis funcionariam com total independência em áreas cognitivas diferentes, encarregando-se de a. estabelecer a proposição expressada (o dito) e b. selecionar as proposições complementares, o contexto, que se combinam com a proposição inicial para determinar a intenção do falante (o comunicado). Sperber y Wilson defendem a hipótese de que a compreensão de um enunciado deve se basear em princípios universais sobre a cognição e não na dependência de um contexto estabelecido previamente. O contexto se define como o conjunto de supostos, arbitrário em tamanho e conteúdo, que intervém na compreensão de um enunciado. A mente humana processa os enunciados usando supostos¹⁷, como informação de fundo adicional para melhorar assim a representação que tem do mundo.

diagramação, a seleção do tópico, também chamadas de estruturas sensíveis ao contexto.

Kintsch (1988) considera que o que os sujeitos, nas interações comunicativas, primeiramente formam ou atualizam é um modelo de contexto antes de produzir ou interpretar o enunciado e representa o domínio em ação (educação, política), o ato global (ensinar, legislar), o ato em curso, os participantes e seus papéis, os conhecimentos e os objetivos, entre outras coisas:

A formação do modelo do contexto é estratégica. Se faz rapidamente, em frações de segundos, preenchendo primeiramente as categorias mais relevantes em cada momento: cenário, participantes, objetivos, etc. O modelo pode ser incompleto e os participantes podem cometer erros. Se os modelos dos participantes são diferentes podem ter um conflito.” (VAN DIJK, KINTICH 1983, p.14).

A contextualização dos fatos nas notícias, por sua vez, é possível graças aos modelos mentais dos eventos sociais comunicativos em que há interação entre os sujeitos/participantes. No entanto, como o número de categorias a ser consideradas é infinito, levaremos em conta apenas as categorias macro e micro, ou seja, globais¹⁸ e locais¹⁹

Neste trabalho, não nos deteremos na Teoria do Contexto de Van Dijk, uma vez que o autor tem seu foco de interesse mais voltado para a Análise do Discurso, não sendo nosso interesse adentrar nesse âmbito. Faremos uso apenas de alguns conceitos e explicações que o autor tem, ao elaborar sua teoria e seus estudos sobre os contextos, uma vez que servem como subsídio e nos ajudam a fundamentar e explicar minimamente nossa análise do contexto nos textos do corpus.

18 Representam estruturas sociais globais da situação comunicativa relevante.

19 Representam as estruturas locais da situação comunicativa cara a cara.

8 TEMAS E INTERTEMAS

8.1 O TEMA DO TEXTO

Entende-se por tema o assunto global de que trata o texto, sendo a terminologia empregada muito diversa para referir-se a este conceito. Brown e Yule, 1993, denominam de entidade temática ao elemento mais mencionado ou implicado ao longo do texto. Van Dijk (1998) prefere o conceito de alusividade para dar conta da densidade referencial do tema do texto.

Dentro de determinadas teorias da linguística textual, descobrir o tema e sua referência ou complementação levaram a estudos e ao desenvolvimento de referências teóricas como as noções de macroestrutura e superestrutura de Van Dijk, 1983, para se chegar à coerência de um texto a partir da existência de um tema, concebido como o motor que permite a planificação global ou geral do texto.

Em didática das línguas, a noção de tema implicou no desenvolvimento de habilidades como a compreensão e a produção escritas, consideradas o coração do texto que ajuda na organização da informação tanto na recepção quanto na produção.

8.2 TEMA – REMA

Os conceitos de tema e rema costumam ser empregados para descrever a estrutura de um enunciado do ponto de vista informativo, partindo-se do princípio de que os enunciados podem ser distinguidos entre estes dois componentes, que alguns teóricos e correntes chamam de tópico e comentário. Mas há unanimidade em se considerar que ao tema corresponde o que intuitivamente pode ser expresso como aquilo de que se fala e rema o que se diz do tema.

Assim, portanto, tema e rema estão diretamente relacionados à informação conhecida e à informação nova, respectivamente. No entanto, por conta de críticas ao possível reducionismo à qual acrescenta a existência de elementos transitórios entre tema e rema como também temas e remas secundários, introduzindo-se assim o conceito de dinamismo comunicativo que considera os dois elementos como polos de um contínuo informativo (FIRBAS, 1975, apud GARCÍA MADRUGA, 1993). Para o autor, tema será considerado o elemento portador de menos informação e rema o elemento que faz avançar o texto.

A aplicação da dicotomia tema rema foi amplamente explorada por diversos autores, entre os quais Combettes (1987), se interessam pelo avanço da informação textual a partir da articulação dos dois elementos, por intermédio do mecanismo que denominam progressão temática (COMBETTES, 1987, apud GARCÍA MADRUGA, 1993).

8.3 TEMA – INTERTEMAS

BRONCKART (1997) define o tema ou conteúdo temático de um texto como sendo “o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada.” Nesta concepção, os temas e as informações neles contidas são representações, construídas pelo agente/produzidor, tanto quanto os parâmetros do contexto, sendo conhecimentos advindos da experiência, portanto variáveis, arquivados na memória e ativados no desenrolar da ação de linguagem. (BRONCKART, 1997, p. 07)

A definição de ‘ação de linguagem’, para Bronckart, em nível sociológico trata-se de “uma porção da atividade de linguagem do grupo, recortada pelo mecanismo geral das avaliações sociais e imputada a um organismo humano singular”.

E a define também em nível psicológico, o qual nos interessa especialmente nesta pesquisa, como sendo “um conhecimento disponível em um organismo ativo sobre as diferentes facetas de sua própria responsabilidade na intervenção verbal.” (BRONCKART, 1997, p. 99)

Com este entendimento, para descrever uma ação de linguagem é preciso identificar precisamente os valores que o agente/produzidor atribui a cada parâmetro do contexto, aos elementos do conteúdo temático acionados. Explica BRONCKART, (1997) que

[] o agente constrói certa representação sobre a interação comunicativa em que se insere e tem, em princípio, um conhecimento exato sobre uma situação no espaço-tempo; baseando-se nisso, mobiliza algumas de suas representações declarativas sobre os mundos como conteúdo temático e intervém verbalmente. (BRONCKART, 1997, p. 99)

Nestes termos, a ação de linguagem constitui uma unidade psicológica na medida em que pode ser definida pelas representações disponíveis no agente produzidor. No entanto, a uma ação de linguagem

podem corresponder textos empíricos diversos, o que equivale dizer que a uma unidade psicológica constituída pela ação podem corresponder diferentes unidades comunicativas, constituindo-se assim apenas em uma reformulação da relação de dependência não mecânica entre situações de ação e textos empíricos. Portanto, uma ação de linguagem é uma base de orientação a partir da qual o agente-produtor deve tomar um conjunto de decisões que consiste em escolher, por exemplo, entre os textos disponíveis na intertextualidade ou dentre o conteúdo temático (intertemas) aquele/s que se apresente/m mais eficaz/es em relação à situação de ação específica na construção de seu discurso para alcançar seu propósito., (BRONCKART, 1997)

Cabe lembrar que, citando Bakhtin, “se os gêneros (do discurso) não existissem e se não os dominássemos, e se fosse necessário criá-los pela primeira vez no processo da fala, se nos fosse necessário construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível!” (BAKHTIN, 1986, p.289). No entanto, não há como se conhecer, exaustivamente, os/sobre os gêneros textuais, suas características linguísticas, funções, em virtude das peculiaridades individuais dos sujeitos e ao número de gêneros aos quais estiveram expostos, tendo que aprender a adequá-los a determinadas situações de ação.

BRONCKART, 1997, considera que as produções de linguagem precisam ser consideradas em sua relação com a atividade humana em geral, levando a delimitar “na atividade coletiva as ações de linguagem como unidades psicológicas sincônicas que reúnem as representações de um agente sobre contextos de ação, em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos.” (BRONCKART, 1997, p.118) Para tal, no entanto, é requerido o empréstimo dos construtos históricos (textos) disponíveis no intertexto, que acabam por adaptar-se às interações sociocomunicativas. Assim, pois, os textos, portam indexações sociais que estão organizadas “em nebulosas, com fronteiras vagas e movediças e, conseqüentemente, não podem ser objeto de uma classificação definitiva.” (BRONCKART, 1997, p.125)

Em resumo, todo texto empírico é produto de uma ação de linguagem, seu correspondente verbal ou semiótico, que por sua vez procede de uma adaptação do modelo acrescentando propriedades singulares que acabam por definir seu estilo próprio. Por isto,

[] a produção de cada novo texto empírico contribui para a transformação histórica permanente das representações sociais referentes não só aos gêneros de textos (intertextualidade), mas também à língua e às relações de pertinência

entre textos e situação de ação. (BRONCKART, 1997, p. 129)

O ‘folhado textual’ seriam as camadas que se superpõem em um texto e estão ligadas a sua organização, e são, segundo Bronckart, 1997, a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Para o autor, a distinção destes níveis responde adequadamente às necessidades de descobrir a trama complexa de sua organização e permitir que se possa deixar mais visível como se estrutura o conteúdo temático. Deste modo, o último nível do folhado textual, o enunciativo, que diz respeito à coerência pragmática do texto, pois

[] qualquer que seja a diversidade e a heterogeneidade dos componentes da infraestrutura de um texto empírico, ele constitui um todo coerente, uma unidade comunicativa articulada a uma situação de ação e destinada a ser compreendida e interpretada como tal por seus destinatários. Essa coerência geral procede [] dos mecanismos de textualização e [] dos mecanismos enunciativos . (BRONCKART, 1997, p.259)

Em princípio é em uma perspectiva didática que são úteis as classificações e as análises propostas pelos pesquisadores, para possibilitar conduzir os sujeitos a um domínio das regras-padrão em uso, corrigindo eventualmente as produções que se mostrem em falta desse domínio. Essa ação pedagógica entra em interação dialógica com o sujeito que se transforma em agente e assim, sucessivamente, permitindo a reconfiguração das ações humanas, passando o receptor a agente-produtor pela ‘ação de linguagem’ que se instala no processo através da apropriação e internalização das propriedades sociosemióticas construídas para a ação (BRONCKART, 1997, p.116)

Quanto aos intertemas, consideramos os temas/assuntos que se ligam a outros temas/assuntos e assim sucessivamente, como uma grande teia hipertextual em que os fios da trama se ligam e se cruzam, passando a formar os contextos. O termo não existe na literatura e a concepção que mais se aproxima ao conceito é intertexto.

9 MATERIAL E MÉTODO

Método, para RICHARDSON, 1999, é a união de dois termos do grego: meta significa além de, após de, e ódos significa caminho, costumando definir-se como “o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo” (RICHARDSON, 1999, p. 22).

Segundo Gil, 1999, (apud SILVA, MENES, 2001) método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se deve empregar na investigação, é a linha de raciocínio adota no processo de pesquisa.

Neste capítulo, dedicado aos procedimentos metodológicos empregados na realização desta pesquisa, descrevemos os detalhes julgados importantes para sua configuração enquanto tese de doutorado, desde o surgimento do desejo em empreender o trabalho, passando por várias etapas como a seleção e definição do objeto de análise e do corpus, as categorias e o suporte teórico, a análise dos dados categorizados, até a sua conclusão.

O caminho percorrido, os passos dados e os procedimentos adotados nesta investigação nos orientam no intento de responder nossas perguntas de pesquisas, quais sejam se as notícias, como a tradução do fato ou o relato das situações da vida diária, para serem compreendidas precisam de um contexto informativo muito amplo e se os detalhes neles impressos são suficientemente importantes, para que a audiência consiga situar-se minimamente e reconstruir a cena/episódio? Com base nessas informações contextuais, locais e globais, através das quais os sujeitos acessam e ativam seus arquivos mentais, seu acervo cultural, guardados em forma de modelos mentais, para poderem recontextualizar os fatos e compreendê-los. Quando o entorno sócio cultural e experiencial do fato/sujeito é próximo os eventuais problemas surgidos ao interpretá-los e compreendê-los (contextualizar e recontextualizar) são contornáveis e não chegam a comprometer a compreensão mas quando os entornos sócio culturais/experienciais dos sujeitos, tanto na produção quanto na recepção, são distantes, os seus conhecimentos gerais e locais, quando o texto/tradutor não coopera, há implicações no resultado final de produção e recepção, comprometendo seriamente a compreensão dos fatos, podendo levar a interpretações inverossímeis.

Isto foi possível verificar através da análise dos princípios que guiam a ação jornalística e são empregados na produção da notícia, e que se revelaram a partir de uma perspectiva pragmática. Neste sentido e tendo o entendimento de que os temas e ou assuntos que compõem o texto são consequentemente os responsáveis pela geração do contexto e

que na ausência de informações detalhadas sobre o fato (falta de dados objetivos ou explícitos, muitos outros temas aludidos) que situe a audiência e a ajude a ativar seus conhecimentos e modelos mentais de contexto/situação e ou quando há a presença de expressões e estruturas textuais que violem o princípio de cooperação e quando o evento ocorre em um entorno linguística, histórica, geográfica, social e culturalmente distante do relato a compreensão fica comprometida. Ou seja, quando um fato é deslocado de um entorno para outro entorno, quanto mais distante geograficamente esse ambiente/contexto sócio cultural mais dificilmente se dará a compreensão do evento/texto.

9.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Enquanto investigação organizada da realidade, a ciência procura desvendar a natureza dos seres e dos fenômenos, bem como as leis que os regulam para que se possa aplicar e aproveitar as propriedades das coisas e dos processos naturais em benefício do homem. A ciência, portanto, empreende uma busca permanente de respostas, que por sua vez resultam em conhecimentos na medida em que respondem a muitas de nossas indagações. A partir daí e depois de muita reflexão a respeito do fenômeno em questão e descobrir como ele acontece é que será possível explicá-lo. (PINTO apud RICHARDSON, 1999, p. 21).

Neste sentido, do ponto da forma de abordagem este trabalho insere-se no âmbito da pesquisa qualitativa, na medida em que se considera haver uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, pois interpretar e atribuir significados são etapas básicas no processo deste tipo de pesquisa.

No que se refere aos objetivos, esta pesquisa é exploratória na medida em que busca proporcionar maior proximidade ao problema, procurando desvendá-lo para poder responder nossas perguntas de pesquisa, visando aprofundar o conhecimento da realidade, ao identificar os fatores que determinam a ocorrência do fenômeno em questão. (GIL 1991)

A partir deste entendimento, analisamos a linguagem dos textos jornalísticos escritos, notícias online, e buscamos compreender a partir de elementos subjetivos, não explícitos, espontâneos e intencionais, com base nas percepções e entendimentos sobre a natureza geral de um tema/assunto (tema de fundo/central) que contém muitos outros temas/assuntos (intertemas/intertextos), e que pertencem e geram

contextos, procurando entender se a audiência interpreta, reconstrói e compreende os acontecimentos, o relato e o contexto situacional expressos no texto pelo jornalista tradutor. Ou seja, de forma exploratória e explicativa, queremos compreender se o jornalista tradutor cumpre seu propósito de informar e se cumpre esses propósitos ou não quais são as características/peculiaridades encontradas. A partir de pistas textuais deixadas pelo jornalista tradutor, detectadas nos textos selecionados, pesquisamos e encontramos teorias que contemplam nossos entendimentos e proposta de pesquisa.

9.2 CONTEXTUALIZANDO AS NOTÍCIAS E OS ACONTECIMENTOS

As três notícias publicadas nos três países, por jornais de prestígio e credibilidade, que tratam do tema Copa das Confederações como pano de fundo, apresentam os temas flamantes no Brasil, país que sedia a Copa do Mundo de 2014, a partir dos distúrbios nas ruas de Brasília durante a abertura oficial da Copa das Confederações de 2013.

A Copa das Confederações realizou-se em 2013 no Brasil e trata-se de uma prévia do maior espetáculo da terra, a Copa do Mundo. Assim sendo, os olhos do mundo se voltam para o país que sedia o campeonato e que também é reconhecido e popular no esporte. No entanto, o que se especulava internacionalmente, durante todo o período que antecedeu a competição, e que se referiam à falta de condições do país para abrigar um torneio de tanta importância e com tantos interesses em jogo poderia se confirmar em vista do caos protagonizado por manifestantes e polícia nas proximidades do Estádio Mané Garrincha antes e durante a cerimônia de abertura.

Além disto, as manchetes, dos jornais e revistas, sites informativos, estampavam imagens de terror nas capitais do Brasil, as mesmas capitais que sediariam as partidas do torneio, e isto muito antes da Copa das Confederações, se agravando a cada dia. Havia greves, os transportes públicos parados, os aeroportos inacabados e sem perspectivas de conclusão pelo ritmo e escândalos envolvendo suspeitas de corrupção e superfaturamento, sem estrutura para receber o contingente de turistas e espectadores, que transitariam pelo país acompanhando as seleções. Pese a isto, a imagem do governo da Presidente Dilma estava em xeque, tendo-se em vista as eleições para presidente em 2014, mesmo ano da Copa do Mundo.

Ou seja, a mídia se nutria de muitos ingredientes para lançar e difundir o pavor e preocupações com o torneio e seu âmbito. Noticiava-

se tudo o que rodeava a copa das confederações e a copa do mundo e muito pouco do evento em si. O que deveria estar em primeiro plano passando a pano de fundo para o desenrolar de uma sucessão de acontecimentos que protagonizavam e requeriam o espaço e o interesse da mídia global. Essa imagem negativa saltava aos olhos porque havia o problema dos transportes públicos deflagrado há algum tempo, não só no que respeita ao preço das tarifas mas também no que se refere à eficiência e qualidade dos transportes, que se relacionam e fazem aflorar outros problemas que geram outros sucessivamente.

9.3 A PESQUISA

A mídia internacional, ao noticiar um fato, faz adaptações de cunho ideológico/cultural para que os leitores/receptores de determinado veículo informativo possam interagir com o “texto” e compreendê-lo. Nesse sentido, percebe-se, na maioria das vezes, que as adaptações/traduições não levam em consideração alguns aspectos contextuais, gerando interpretações equivocadas por parte do leitor/receptor bem como desdobramentos de várias ordens do fato em si. Tais desdobramentos podem gerar novos eventos, em virtude da repercussão do fato na mídia.

Segundo Motta (2003), há certas atitudes organizadoras dos discursos narrativos midiáticos que também são chamadas de estratégias comunicativas, nas quais quem as produz recorre a algumas operações, linguísticas e extralinguísticas, para alcançar certas intenções e objetivos. Quanto à organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, realiza-se em contextos pragmáticos, políticos e conseqüentemente produzem efeitos desejados e indesejados, conscientes e inconscientes. O narrador, por sua vez, ao configurar um discurso na sua forma narrativa, introduz uma força ilocutiva, responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (Motta, 2003)

Há, portanto, “uma estratégia textual, na comunicação Narrativa, que interfere na organização do discurso, o estrutura de forma encadeada, e implica na habilidade de usar certos recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas, por parte do narrador/jornalista, que solicitará determinada interpretação por parte de seu destinatário. (MOTTA ,2005,p 65)

Para este autor, as narrativas midiáticas não se limitam a representar a realidade, trata-se na verdade de “uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto.” (Motta

,2005,p 65) Portanto, para ele, são dispositivos discursivos, que se utiliza socialmente, conforme nossas pretensões, “são uma forma de exercício de poder e de dominação nos mais diferentes lugares e situações comunicativas.” (MOTTA, 2008, p. 17)

Pautados por esses entendimentos e movidos pelo interesse em pesquisar o fenômeno, empreendemos a busca para encontrar textos representativos de três países distintos: Brasil, Argentina e Espanha.

Primeiramente, selecionamos os textos jornalísticos, online, de jornais de grande alcance, que noticiam sobre um fato local, que desperta grande interesse no público em geral e também carrega consigo o apelo da mídia e da especulação do mundo. Todas com muita repercussão e entrada em todos os ambientes, idades, nacionalidades, populares, autoridades, enfim, parece adequar-se mais ao perfil de busca traçado: um acontecimento local, de repercussão e interesse internacional, que atrai os interesses e olhares do planeta por tratar-se de assunto e evento representativo tanto no âmbito do esporte quanto das nacionalidades. Portanto, há muito interesse por parte da empresa, do jornalista/tradutor, do público em geral e também gera muita polêmica por envolver muitos assuntos de várias índoles por si e muito mais ao ter como cenário o Brasil, terra de craques, do futebol, de muitas maravilhas e contradições.

O tema A Copa das Confederações 2013, bem como os países e textos selecionados justificam-se pelo seguinte:

1ª O Brasil, por tratar-se do país sede do evento e local dos acontecimentos, nacionalidade, residência e trabalho permanentes do pesquisador.

2ª A Espanha, por tratar-se de país de língua espanhola e do continente europeu, distante geograficamente, consequentemente pertencente a um entorno sócio, histórico cultural bastante diverso e também distante. Linguisticamente falando é próximo e ao mesmo tempo distante, pois há outros idiomas falados no país, que não é muito grande e que faz fronteiras com um país de língua portuguesa e com países de língua francesa, portuguesa, marroquino, entre outros.

3ª Argentina, justamente por ser um país também hispano, por estar ao lado do Brasil, grande e diverso território, mesmo continente, praticamente os mesmos problemas sociais, processos históricos difíceis e em certa medida próximos, parecidos, etc., portanto contextos sociais mais próximos, e pelos intercâmbios e laços comerciais, de amizade, paixão pelo futebol, empréstimos linguísticos de ambos os idiomas a razão das muitas fronteiras que Brasil tem com países hispanos. Países

colonizados, língua e cultura impostas, muitas culturas, muita miscigenação, muitas influências em todos os sentidos.

4ª Finalmente, porém não menos importante, em virtude de ser meu idioma estrangeiro de domínio e de trabalho, configurando-se assim meu interesse pelo par linguístico português e espanhol, ambos originários da mesma língua mãe e que mostram muitas proximidades em muitos aspectos, comumente chamadas de línguas emparentadas.

A partir daí, foram selecionados 3 textos on line de três respeitadas jornais, de grande circulação, de repercussão internacional, nos países Brasil, Espanha e Argentina.

A preocupação inicial foi a de que as 3 notícias versassem sobre o mesmo episódio, do mesmo dia ou dias próximos, tivessem a mesma extensão, contribuindo assim com o cotejamento dos dados, análises e resultados.

A seguir, passou-se à análise dos textos, levando em conta os seguintes elementos: resumo de cada uma das notícias, constatando-se partir daí a existência de muitos temas que se cruzavam, acionando cada vez outros temas/assuntos importantes para a compreensão do evento. Ao fazer o levantamento dos temas/intertemas contidos em cada um dos textos do corpus compreendemos que são elementos fundamentais para se construir um contexto. A seguir, passamos à recontextualização das situações e observamos a existência de lacunas contextuais, dando sequência ao levantamento do respeito ou não às máximas conversacionais de Grice, 1975, passando a seguir ao cotejamento dos primeiros levantamentos, evidenciando os resultados para finalmente chegar às conclusões.

10 ANÁLISE E DISCUSSÃO

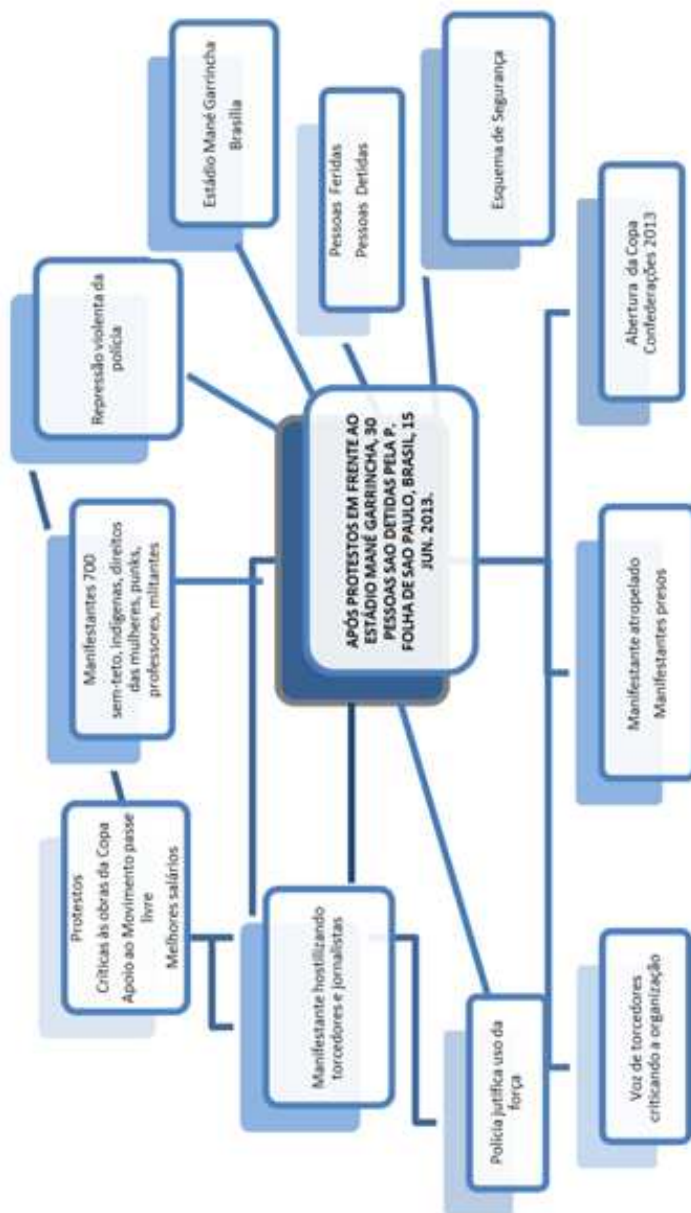
10.1 TEMAS, INTERTEMAS E CONTEXTO

Conforme Bronckart (1997), “o conteúdo temático de um texto pode ser definido como o conjunto das informações que nele são explicitamente [...] traduzidas”, sendo as informações que constituem o conteúdo temático de um texto são representações construídas tal qual os contextos (BRONCKART, 1997, p.46).

Ao iniciar nossa análise, primeiramente nos detivemos nos temas e intertemas das notícias, objeto de análise, pois conforme referido anteriormente, são os temas das notícias que auxiliam a ativação dos modelos mentais de contexto/situação para a recontextualização do texto/evento e sua compreensão.

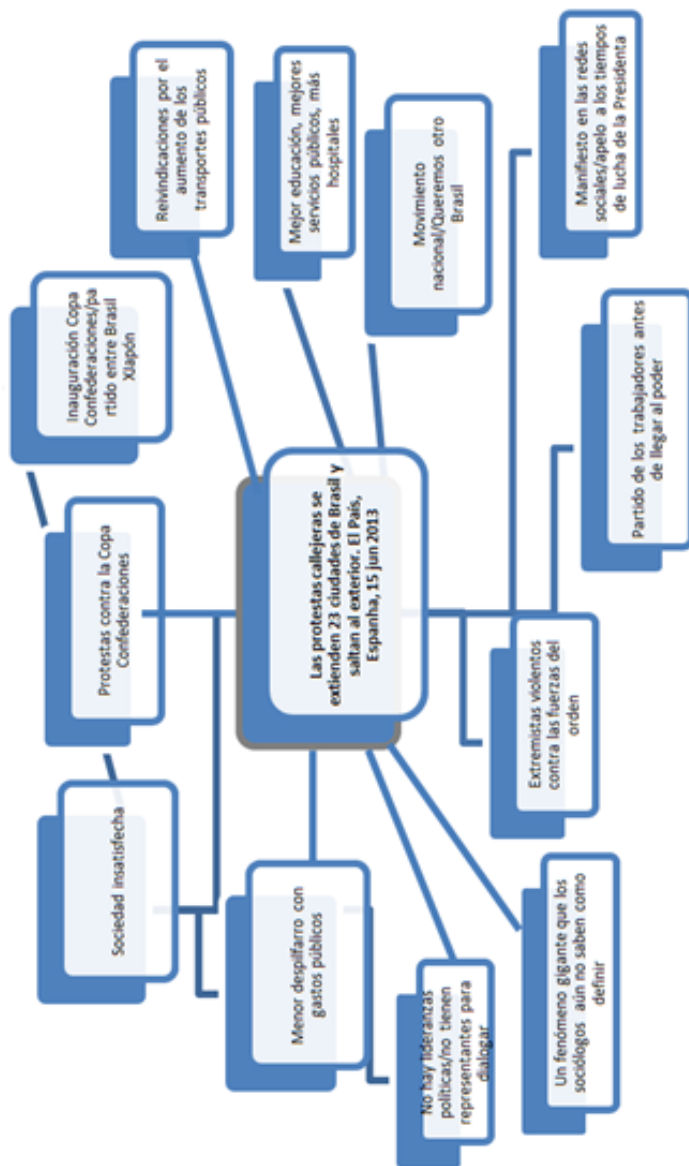
Para ilustrar a conexão entre os temas e intertemas que tecem as notícias e configuram os contextos, apresentamos uma síntese dos mais destacados e que oferecem os elementos necessários para a compreensão textual.

Figura 2. Mapa da notícia no site da Folha



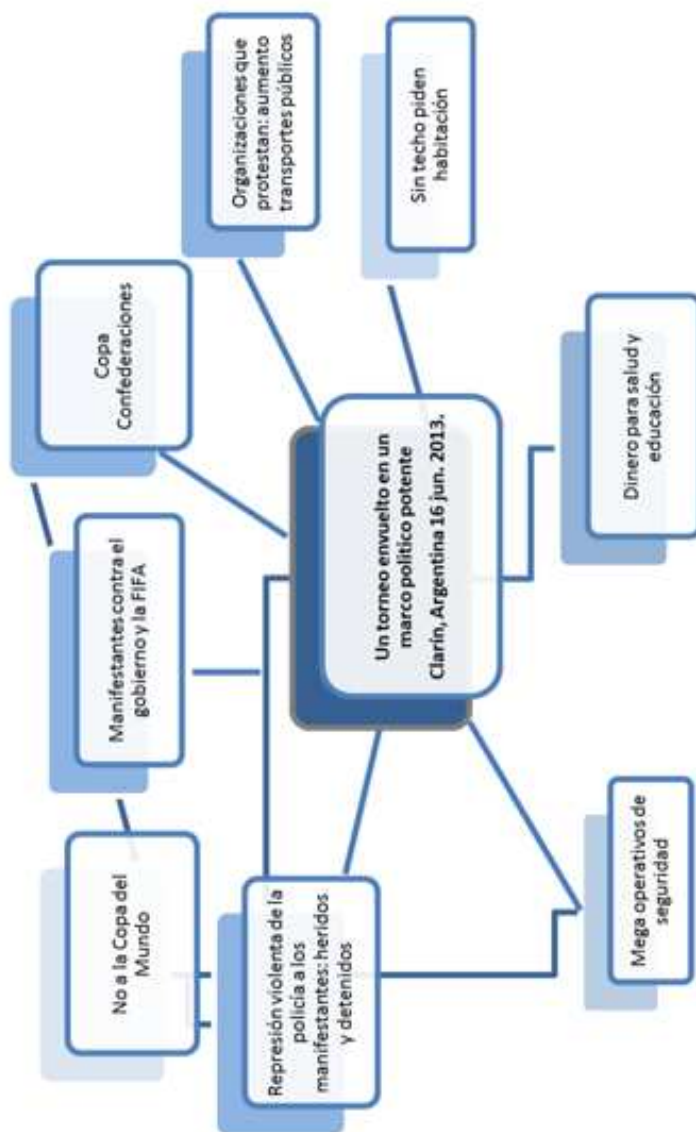
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 3. Mapa da notícia no site do El País



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 4. Mapa da notícia no site do Clarín



Fonte: Elaborado pela autora

Deste modo, ao identificarmos os temas presentes nas notícias que compõem o corpus deste trabalho, confirmamos o quanto os títulos ou manchetes do texto jornalístico constituem-se em núcleos de conhecimento temático e o importante papel que desempenham para a sinalização, orientação e construção do contexto.

A este respeito, Polchlopek (2011, p. 99), em sua tese de doutorado na qual analisa os títulos das notícias em jornais online como narrativas tradutórias, afirma que “o título ocupa lugar de destaque no texto, além de orientar sua leitura, visto que o título circunstancia o fato e agrega o inusitado”, dizendo ainda, ao citar Ward (2006, p.116 apud POLCHLOPEK, 121), que na modalidade online o título exerce uma função adicional de direcionar o contexto para os leitores que acessam uma parte da reportagem através de outro link ou site.

Embora neste trabalho as manchetes/títulos nos interessem especialmente enquanto unidade textual em conjunto com os demais elementos que compõem o texto jornalístico, parece pertinente mencionar o que NORD (2010) diz a este respeito e que se refere a sua importância enquanto informação oferecida ao leitor e que cumpre determinadas funções na cultura de chegada.

Nas três notícias deste estudo, o pano de fundo é a Copa das Confederações, no entanto, participam da ação jornalística outros temas que acabam assumindo o protagonismo da situação.

É o caso do jornal brasileiro A Folha de São Paulo (FSP) que já em sua manchete destaca um conflito em frente ao Estádio Mané Garrincha, local e momento da abertura oficial da Copa das Confederações de 2013, cerimônia oficial que conta com a presença de autoridades políticas do Brasil e do mundo, além de autoridades do futebol, e do esporte em geral, nacionais e internacionais e da Federação Internacional de Futebol (FIFA), promotora do evento.

Figura 5. A notícia no site da Folha (a)

FOLHA na **copa** 2014

SELEÇÕES

HOME ARTILHEIROS RESULTADOS E PRÓXIMOS JOGOS IMPRIMA A TABELA

Bomba

Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM

MÁRCIO FALCÃO
MATHEUS LEITÃO
FERNANDO MELLO
DE BRASÍLIA

15/06/2013 © 15h59 - Atualizado às 20h55

f Compartilhar t g+ in < 193

OUVR O TEXTO Mais opções

A polícia reprimiu com tiros de bala de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta [uma manifestação](#), segundo a Polícia Militar, antes do jogo do jogo entre Brasil e Japão, em frente ao estádio Mané Garrincha.

Pelo menos 29 pessoas (quatro policiais) ficaram feridas, segundo a PM sem gravidade, e 30 manifestantes (dez menores de idade) foram detidos. À noite eles seriam liberados.

Oficialmente, a cúpula da Segurança Pública do DF afirmou haver três feridos com balas de borracha. O critério utilizado pelo governo foi o número de pessoas atendidas nos postos montados no entorno do estádio.

O confronto da polícia com cerca de 700 manifestantes que tomaram conta dos portões de acesso ao estádio começou depois de cinco horas de protesto pela via central de Brasília.

Veja o vídeo do repórter **Rubens Valente**, da **Folha**.

15 DIAS DE FOLHA GRÁTIS
Assine grátis aqui
FOLHA

Fonte:Folha de São Paulo, 2013

Figura 6. A notícia no site da Folha (b)

tvfolha

PROTESTO

A manifestação tinha como objetivos principais as críticas às obras da Copa e o apoio ao movimento pelo passe livre em São Paulo. Mas outros participantes se juntaram, como grupos de sem-teto, indígenas e de defesa de direitos das mulheres, além de punks, professores pedindo melhores salários e militantes do PSTU.

A PM não conseguiu impedir que os manifestantes chegassem próximo ao estádio e agiu depois que manifestantes começaram a hostilizar torcedores que estavam na fila para acompanhar a partida, chamando-os de "vendidos" e atirando latas de refrigerante.

Uma equipe da Rede Globo de Brasília também foi hostilizada pelos manifestantes, que xingaram os jornalistas.

Os policiais do Bope (Batalhão de Operações Especiais) e da cavalaria tentaram afastar os manifestantes das filas. Quando um dos agentes foi atingido com água no rosto, disparou spray de pimenta, o que provocou uma sequência de bomba de efeito moral, gás lacrimogênio, balas de borracha e prisões.

CONFLITO

Fonte:Folha de São Paulo, 2013

Figura 7. A notícia no site da Folha (c)

CONFLITO

Os confrontos ocorreram quando faltava pouco mais de uma hora para o início da cerimônia de abertura da Copa, e alguns torcedores ficaram no meio dos embates. Os policiais conseguiram dispersar parte do grupo.

Dentro do estádio, a organização aumentou o som da música para minimizar o barulho das bombas. No alto-falante, o locutor parabenizava a PM e afirmava que tudo estava sob controle.

Os manifestantes, no entanto, voltaram se reunir ao lado do estudante Gabriel Germano, que foi atingido por uma bala de borracha na perna e feriu o rosto ao cair no asfalto.

"O policial me chamou de pivete e disse que era para correr. Quando comecei a correr, levei o tiro", disse Germano, que ficou deitado no chão coberto com a bandeira do Brasil antes de ser levado por uma ambulância.

Atingida por gás pimenta, a repórter do jornal "Correio Braziliense", Larissa Garcia, 24, grávida de cinco meses, passou mal e foi levada ao Hospital Regional da Asa Norte na tarde deste sábado. Medicada, passava bem até o início da noite.

Um grupo dos manifestantes resolveu ficar sentado no chão, mas a Polícia Militar mandou dispersar. Como eles não saíram, os policiais marcharam para cima e começaram a atirar balas de borracha para o alto e em direção ao grupo. Atingida por uma bala de borracha na cabeça, Isadora de Alencar, 18, caiu no chão perto de uma árvore e foi socorrida por amigos. Ela foi atendida e levou vários pontos.

Também houve perseguição com carros e motos. Um dos manifestantes, ao tentar fugir, foi atropelado por um policial em uma moto e preso em seguida. Outros integrantes do protesto foram agredidos a cacetadas no momento das prisões.

"O nosso ato era pacífico. Não tinha necessidade do uso dessa força", disse o estudante Marcos Fonseca. "A polícia mostrou que não está aqui para fazer nossa segurança, mas para garantir a imagem da Copa", afirmou Rafaela Cristina, dentista.

O tenente-coronel Zilfrank Antero, comandante de comunicação da PM, disse que não houve erro da polícia para controlar "meia dúzia" de manifestantes. "Quando se esgotaram as negociações, foi usada a força", afirmou.

Segundo o delegado Rodrigo Ribeiro, da 5ª DP, alguns manifestantes foram presos enquadrados na Lei Geral da Copa por causar tumulto e perturbação, além de agressão e desacato.

Escalado pela presidente Dilma Rousseff para cuidar da manifestação, o ministro Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral da Presidência) também foi hostilizado e convidou os manifestantes para uma reunião neste domingo no Planalto. Ele chegou a dizer que viveu dez anos em uma favela, defendendo o potencial da Copa de gerar empregos.

Carvalho foi intimidado e chamado de "ladrão". "Nunca tive medo de contato", afirmou.

Figura 8. A notícia no site da Folha (d)

MANIFESTANTES X PÚBLICO

Servidor público, Ricardo Becker, 47, com dois filhos, de 9 e 14 anos, e mulher enfrentaram a ira dos manifestantes na fila. "Está muito perigoso e vamos ficar distantes dos protesto." Ele ficou 20 minutos na fila. Até achar o assento, 45 minutos. A entrada foi "tensa devido ao conflito com os manifestantes, mas o estádio é muito bonito".

Bruno Oliveira, 29, e Ana Gabriela oliveira, 27, grávida, estava com um sobrinho de oito anos. Eles reclamaram de poucas pessoas para fornecer informações.

"Estou achando desorganizado pela manifestação. Eles estão atrapalhando o evento, apesar de ser direito deles se manifestarem", afirmou Lucas Rubinger, 27.

Protesto em Brasília 2 de 28 < >

Gustavo FonesReulis



• CANAIS

• Acompanhe a Folha no Twitter

Fonte:Folha de São Paulo, 2013

“Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM”

Como vemos já na manchete, o foco da notícia, ‘protestos’, é antecipado, tema que ocupa boa parte do tempo que a mídia nacional dedica ao evento, sobretudo nas semanas que antecedem a data de início por causa da expectativa e especulações que o torneio gera no imaginário brasileiro, em todos os setores da sociedade, e que estão diretamente relacionadas ao momento sócio-político do país e do governo Dilma. Em razão disto, o público ao qual vai dirigido o texto já espera que haja manifestações no momento em que os olhos do mundo se voltam para o Brasil, país sede da Copa das Confederações, 2013, torneio que precede a Copa do Mundo de 2014 do Brasil. Portanto, o público leitor já está certo de que isto rondaria a competição, ou seja, para o público isto que está acontecendo é uma amostra e o prenúncio do que será frequente em todas as cidades sede, nas quais se realizam as partidas e que por sua vez são também as maiores e mais importantes capitais do país.

Nesta perspectiva, Bronckart(1997) afirma que as informações que fazem parte do conteúdo temático são na verdade representações construídas pelo agente-produtor, tanto quanto os parâmetros do contexto e também que são conhecimentos variáveis em razão da experiência e das relações que os sujeitos consigam fazer e ativar para compreender a ação de linguagem.

Já a expressão inicial ‘Após protestos’, dá a ideia de continuidade, de algo já conhecido, trazendo como informação nova o número de detenções resultantes dos protestos e da ação da polícia como de praxe/esperado:

“Após protestos [], 30 pessoas são detidas pela PM”

Ao tomarmos em consideração a população brasileira, as notícias recorrentes na mídia nas últimas semanas, que davam conta de protestos em São Paulo e alguns grandes centros como Brasília, que reivindicavam inicialmente o aumento das tarifas dos transportes públicos, o número de pessoas detidas antecipado na manchete parece mais expressivo que o número total de manifestantes calculado pela polícia:

“[] O confronto da polícia com cerca de 700 manifestantes que tomaram conta dos portões de acesso ao estádio começou depois de cinco horas de protesto pela via central de Brasília.”

Este tipo de estratégia discursiva denota o que Motta (2005)., chama de Jogos de sentido, ou “um jogo entre o que o emissor diz explicitamente e as intencionalidades implícitas” Motta (2005). E o

destinatário, nesta perspectiva interpreta a mensagem parcialmente, através de estímulos implícitos que o enunciado sugere. No entanto, o destinatário acrescenta, recria a partir de suas próprias perspectivas, através de seus ‘modelos de mundo’ (mundos possíveis).

Após o detalhamento da manchete, na introdução, o texto é dividido em tópicos: “Protestos, Conflito e Manifestantes X Público”. Antes da introdução, no entanto, há um vídeo que mostra pessoas correndo, os manifestantes e o público, as tropas de choque da PM em ação, barulho de Sirenes, fumaça das bombas lançadas, gritos de pessoas. Ouve-se, depois, a voz de um locutor, de dentro do Estádio, acalmando aos presentes ao evento sobre o barulho, dizendo que tudo está controlado e que há a atuação da polícia apenas para manter a ordem.

Os elementos extratextuais, neste caso, não acrescentam nenhum dado novo, não dão nenhuma contribuição para a configuração de um contexto, portanto para a contextualização e compreensão do relato. É claro que as imagens são um recurso a mais para a audiência, mas neste caso, enquanto recurso informativo não são representativas.

No tópico ‘Protestos’, há as informações mais pormenorizadas do evento, tentando explicar os objetivos da manifestação e demais movimentos que se juntaram a ela.

“A manifestação tinha como objetivos principais as críticas às obras da Copa e o apoio ao movimento pelo passe livre em São Paulo. Mas outros participantes se juntaram, como grupos de sem-teto, indígenas e de defesa de direitos das mulheres, além de punks, professores pedindo melhores salários e militantes do PSTU.”

A seguir há a tentativa de justificar a ação da polícia, como repressão à ação agressiva dos manifestantes para com os torcedores, enquanto aguardavam na fila de acesso ao estádio, como também as palavras hostis e os xingamentos dirigidos aos jornalistas.

“A PM não conseguiu impedir que os manifestantes chegassem próximo ao estádio e agiu depois que manifestantes começaram a hostilizar torcedores que estavam na fila para acompanhar a partida, chamando-os de ‘vendidos’ e atirando latas de refrigerante”.

“Uma equipe da Rede Globo de Brasília também foi hostilizada pelos manifestantes, que xingaram os jornalistas”.

“Os policiais do Bope (Batalhão de Operações Especiais) e da cavalaria tentaram afastar os manifestantes das filas. Quando um dos agentes foi atingido com água no rosto, disparou spray de pimenta, o que provocou uma sequência de bomba de efeito moral, gás lacrimogênio, balas de borracha e prisões”.

Ou seja, todas estas informações são excessivas e se repetem não acrescentando nenhum elemento novo, servindo apenas para aumentar a redundância.

Há um segundo vídeo com imagens da manifestação, pessoas com cartazes das diferentes reivindicações criticando a polícia e gritando palavras de ordem: “Copa do mundo enganação, quero saúde e educação”; “ordem e progresso só pra quem paga ingresso”; “puta que o pariu, a dita agora tá voltando ao Brasil”; “Não à repressão”. Há autofalantes pedindo para os manifestantes deixarem “a cinta de choque, área de segurança” e também se ouve a voz de autoridades da segurança pública garantindo estar tudo controlado. Aparece, nas imagens o público querendo entrar, manifestantes tentando impedir, policiais sinalizando aos pagantes o caminho a seguir, como em um cordão de isolamento, enquanto o povo das ruas grita “não à repressão”.

Na verdade, enquanto informação adicional ou ampliação do texto escrito, o vídeo não apresenta nem esclarece nada, apenas ajuda a configurar melhor o cenário de caos que as informações precedentes já anunciavam. Portanto, até este ponto do texto, na análise dos temas e intertemas elencados e que se conectam e se cruzam, a audiência brasileira ao ativar seus modelos de contexto e de situação para recontextualizar o fato acessa seus arquivos de conhecimento sem dificuldades, pois seu modelo mental ‘protestos’ poderá resgatar boa parte das informações, dos temas explícitos que constam nesta notícia, e que são críticas às obras da copa do Brasil e cita as entidades que participam do ato público: movimento passe livre, movimento sem teto, movimento indígena, movimento de defesa das mulheres, professores, militantes partidários, confronto polícia versus manifestantes, ocorrências, pessoas feridas, pessoas detidas, uso da força, bombas de gás, balas de borracha, etc. , não configurando problemas reconstruir e compreender o relato, pois são reivindicações, movimentos, enfrentamentos, ações, reações e consequências que fazem parte da maioria dos protestos deste tipo no Brasil, faz parte do repertório de situações desta natureza neste país.

O próximo tópico que a FSP apresenta é “conflito”, e aqui as informações situam o leitor a respeito de quando e onde se desenrolam os confrontos, falando das manobras da organização para dissipar as atenções do público do estádio que havia encontrado dificuldades para manter-se na fila de acesso por causa dos manifestantes que tentavam impedir:

“Os confrontos ocorreram quando faltava pouco mais de uma hora para o início da cerimônia de abertura da Copa, e alguns

torcedores ficaram no meio dos embates. Os policiais conseguiram dispersar parte do grupo”.

“Dentro do estádio, a organização aumentou o som da música para minimizar o barulho das bombas. No alto-falante, o locutor parabenizava a PM e afirmava que tudo estava sob controle”.

A descrição detalhada dos enfrentamentos entre a polícia e os manifestantes continua e faz referência ao barulho da movimentação, à insistência dos manifestantes em permanecer nos arredores do Estádio, ao uso da força por parte da PM, às tentativas das autoridades em discursar e dar continuidade à cerimônia de abertura da Copa das Confederações e faz várias intervenções intercalando a voz de manifestantes e de autoridades da segurança pública. No final do tópico o jornalista faz referência ao ministro encarregado pela presidência para cuidar das manifestações ter sido hostilizado e chamado de ladrão.

O último tópico traz a voz do público que relata a tensão, a insegurança vivida, a desorganização e a falta de informações. E para finalizar há mais um vídeo que mostra novamente pessoas correndo, polícia agindo e tentando controlar os tumultos e os manifestantes próximos às entradas do Mané Garrincha.

O olhar crítico do Brasil e do mundo voltam-se para o cenário brasileiro: terra de contrastes e país do futebol. É neste momento, quando muitos problemas sociais ficam mais visíveis que o próprio evento, como o atraso nas obras pró copa que a mídia internacional vinha noticiando, criando a expectativa internacional de que em virtude disto não seria possível a realização das Copas, Confederações em 2013 e Mundial em 2014.

Portanto, no que respeita à progressão do conteúdo temático, aos vários temas e intertemas que participam do relato do jornalista tradutor foi possível constatar que permitem ao leitor acompanhar os acontecimentos e recontextualizar seu modelo de contexto uma vez que são assuntos que estão na mídia. Conforme já referido anteriormente, o tema ‘protestos’ já carrega em si vários elementos encontrados no episódio que se dá nas proximidades do Mané Garrincha, no dia em que se abre oficialmente o evento que é uma prévia da Copa do Mundo de Futebol de 2014 no Brasil.

Até aqui foi possível comprovar o que se supunha no sentido de que os temas e intertemas presentes na notícia da FSP, enquanto eixos articuladores de contexto oferecem ao público brasileiro suporte para a compreensão, permitindo assim contextualizar e recontextualizar a situação e compreender a notícia.

Figura 10. A notícia no site do El País (b)



Fonte: El País: 2013

O tema ‘protestas’ com a expressão “protestas callejeras” antecipado na manchete ganha mais elementos no subtítulo:

“Unas 600 personas sembraron el caos en Brasilia durante la inauguración de la Copa Confederaciones”.

Este subtítulo, tal qual na notícia da FSP, sugere o número total de manifestantes como pouco representativo ao levarmos em consideração a população brasileira e a capacidade do Estádio Mané Garrincha, para citar apenas alguns elementos que dão conta da pouca representatividade da manifestação, mas que, no entanto, ganha proporção. De forma explícita fica patente que isto se deve ao barulho e à confusão que conseguiram gerar e mostra disto é a expressão ‘sembraron el caos’ que ecoa como algo potencialmente importante. Neste sentido, a expressão ‘sembrar el caos’ leva a crer, por exemplo, que tão poucos conseguiram macular um momento tão esperado que é o início da competição esportiva mais importante do planeta e espalharam, produziram confusão, insegurança, medo.

Isto apenas confirma as palavras de Motta (2010) de que a linguagem jornalística “é ambígua e polissêmica como a própria natureza humana e a realidade que procura apreender e relatar”. Motta (2010, p. 11)

Para Nord,(1991) qualquer texto, traduzido ou não cumpre uma função linguística que serve para concretizar a intenção pragmática, estando normalmente fora dos limites do texto mas sim em seu entono que é o contexto. Seria esta, portanto, a dicotomia funcional da linguagem, que ao mesmo tempo serve para repassar informações acerca do mundo e também para reproduzir sentimentos, emoções ou atitudes de quem enuncia.

Ao tomarmos em conta o pano de fundo da notícia, a Copa das Confederações, os confrontos e sua repercussão na mídia no momento em que se comemora o início de uma festa, um espetáculo, um torneio tão aguardado e assistido em todo o mundo não fazem sentido em seus modelos mentais/esquemas. Neste momento, as indagações são por conta do contrassenso porque por mais que a mídia internacional divulgue os problemas sócio econômicos do Brasil, com destaque para a violência urbana, o que se espera é que durante a competição as notícias sejam sobre os jogos e/em seu entorno esportivo.

Exemplo disto é a foto que estampa a matéria que chama a atenção pelas imagens: dois jovens correndo e saltando fogueiras, pneus queimando no asfalto, muita fumaça que não permite ver muito mais que isto. A imagem tem uma legenda que diz:

Figura 11. Foto extraída do joranal El País



Fonte: El País, 2013

No entanto, os protestos não são contra a Copa mas a Copa das Confederações é uma vitrine para o mundo e a oportunidade atenção da mídia e conseqüentemente dos governos.

O contexto que se desenha para o leitor espanhol o faz perguntar: o Brasil não quer a Copa? Que contradição, o país do futebol, craques, tradição, títulos, como não quer a Copa? Afinal, trata-se do evento esportivo mais importante da terra é festa, emoção e também movimenta a economia, é crescimento, desenvolvimento, como não querer um evento deste porte?

Neste sentido, a audiência encontra dificuldades para recontextualizar as informações da notícia pois, conforme Van Dijk, os temas portam propriedades do significado de um texto, sendo cruciais para o seu entendimento total, sobretudo para situar no âmbito global (Van Dijk 1990).

No entanto, o que o leitor espanhol não sabe é que os temas ‘copa do mundo’ e ‘copa das confederações’, no Brasil, têm outras representações porque implicam muitos outros temas e intertemas, como por exemplo, que o valor das obras para a realização da copa são muito altos e que no nosso modelo, o contexto brasileiro o tema que se conecta e está implícito em ‘obras públicas’ traz consigo muitos outros temas e intertemas que justificam os protestos e o não à copa. Ou seja, obras financiadas pelo poder público, são alvo de críticas e investigações

permanentes em virtude de estarem sob suspeita. Suspeitas de superfaturamento e conseqüentemente desvios de verbas, suspeitas de obras duvidosas quanto a sua garantia de qualidade e segurança e dos padrões exigidos, suspeitas quanto à licitação e às empresas concorrentes e as ganhadoras. Enfim, muitos outros assuntos e detalhes que fogem à compreensão do leitor espanhol. Não que na Espanha não haja manifestações, corrupção, repressão por parte do Estado, confrontos em atos públicos envolvendo a sociedade civil nas ruas, excessos.

Como concebem Van Dijk e Kintch (1983), o(s) tema(s) de um texto é uma macroproposição subjetiva estrategicamente deduzida, transpassando o próprio conteúdo expresso em orações sobre a base do conhecimento geral do mundo e das crenças e interesses pessoais, funciona como resumo e essência e são cruciais para a compreensão total de um texto, uma vez que seria impossível entender do que trata globalmente um texto, posto que “os temas da notícia podem organizar-se, realizar-se ou sinalizar-se de um modo específico”. Van Dijk, (1998, p.66)

O que muda, o diferente é o contexto dos países, inicialmente, pois social, econômica, histórica, geográfica e culturalmente a Espanha e o Brasil são contrastes. Ali os espanhóis têm suas necessidades e direitos básicos atendidos pelo Estado e também têm assegurado pelo estado o direito a manifestar-se com as forças da ordem para protegê-los e estão preparadas para atuar em situações de conflito. Em contrapartida, os brasileiros nas ruas exigem do estado saúde, educação, respeito ao cidadão e não à corrupção. Estes dados aliados, no contexto da copa, produzem um efeito de confusão no imaginário espanhol, em seus modelos mentais de contexto/de situação levando-o a ativar esquemas desconexos que não ajudam a compreender os fatos relatados.

A partir daí, o texto, em sua introdução dá detalhes da manchete e usa o marcador discursivo espanhol ‘mientras’, enquanto, em português, que cumpre a função de permitir estabelecer nexos lógicos entre enunciados espaço temporais. Neste caso, com base no contexto, dá a ideia de que as coisas estão literalmente pegando fogo no Brasil e vão se estender a mais lugares quando os jogos estiverem acontecendo em lugares simultâneos as demais cidades sede terão o mesmo cenário.

“Mientras en Brasilia, durante la inauguración de la Copa de las Confederaciones en la que se enfrentaban Brasil y Japón, la Fuerza de Choque de la Policía militar intentó dispersar una manifestación de unas 600 personas con gases lacrimógenos y balas de goma, para la

semana próxima se esperan nuevas manifestaciones de protesta en 23 ciudades brasileñas.”

Além disto, há um primeiro *hiperlink* que leva para a seguinte manchete e os demais hiperlinks das notícias levam a outras manchetes, conforme é possível visualizar no quadro abaixo. Sobre as manchetes, Polchlopek (2011) afirma que enquanto enunciados que carregam forte carga de intencionalidade acabam por configurar elas mesmas “a arena do discurso no sentido de que são as primeiras a representar o real, delimitando e antecipando o foco principal da notícia, visto que traduzem o posicionamento dos veículos midiáticos”. (POLCHLOPEK, 2011, p. 135)

Quadro 3. Manchetes através dos hiperlinks

	Título do Hiperlink	Título da Manchete
Jornal El País	<u>Copa de las Confederaciones</u>	El sueño de Maracaná fue una pesadilla
	<u>nuevas manifestaciones de protesta</u>	Las protestas por el precio del transporte llegan a Brasilia y rozan el fútbol
	<u>la ola de protestas ha llegado a Brasil “para quedarse”</u>	Brasil se levanta en protesta contra el aumento de los precios del transporte
	<u>los diferentes movimientos de protesta: no estar atados a una organización única</u>	La Fiscalía pide diálogo ante las protestas por el precio del transporte en Brasil
	<u>los diferentes movimientos de protesta: no estar atados a una organización única</u>	Brasil ya tiene sus indignados El inesperado movimiento de protesta de los jóvenes nace a tientas, con los políticos asustados y las fuerzas del orden muy dispuestas a reprimirlo
	<u>O GLOBO</u>	

Fonte elaborado pela autora

As notícias que se abrem ao se acessar os hiperlinks levam a outras notícias, sucessivamente, assim como as imagens, que falam por si e dão a ideia do clima das ruas, mas não esclarecem ou acrescentam nenhuma informação além do que sugerem.

Em seguida fala sobre ‘manifestaciones de apoyo’ em vinte e sete cidades ao redor do mundo, convocadas pelos brasileiros que ali residem, citando as mais importantes e também as cidades brasileiras, sedes da copa das confederações. Fica claro para o leitor atento que a situação é séria, perigosa, preocupante o que pode levá-lo a não ativar seus esquemas ou modelos adequados para recontextualizar e compreender os fatos. Além disto, com as repercussões negativas na mídia internacional, que depõem contra o país sede da copa, como renunciavam as especulações em torno ao Brasil e ao torneio desde sua definição como a sede oficial da copa do mundo de 2014.

A repercussão negativa na mídia internacional tinha sua origem na falta de estrutura física, pois apesar da promessa e do compromisso em realizar obras para viabilizar o evento dentro das exigências da FIFA, a má fama da nação para cumprir prazos, pagar dívidas, levantar altos recursos financeiros, cumprir os cronogramas.

Neste caso particular da copa do mundo, todos os estádios das cidades sede dos jogos tiveram suas obras atrasadas, algumas cidades chegaram a ser cogitadas como suspensas do calendário em razão disto e por causa da proximidade da data de início do torneio nas inspeções da Federação. E não apenas os estádios, que abrigariam as partidas corriam o risco de não estar prontos para a copa das confederações em 2013 e para a Copa do Mundo um ano depois, como é o caso da ampliação e modernização dos aeroportos, com a oferta de maior agilidade, capacidade e conforto para o contingente estrangeiro em trânsito pelo país para assistir aos jogos e para o turismo. Também, a construção de vias de acesso às cidades, aos estádios, construção e ampliação dos serviços de metrô e ampliação do transporte público em todas as cidades sede, segurança pública nas cidades e principalmente nas proximidades e acessos aos estádios, entre muitos outros itens/detalhes importantes.

A seguir, sugere incerteza quanto à duração dos protestos no Brasil, pois como diz o texto, *“Parece que, como afirman los analistas políticos, la ola de protestas ha llegado a Brasil “para quedarse”*. E transcreve a voz de especialistas no assunto, afirmando que a tendência é haver cada vez mais reivindicações desencadeadas pelo aumento nas tarifas dos transportes públicos de São Paulo e que acabaram trazendo para as ruas as exigências e palavras de ordem de sempre como melhores hospitais, mais e melhor atenção à saúde e educação, redução dos gastos com eventos públicos, por exemplo, com palavras de ordem como *“nenhum partido nos representa”*.

Nesta notícia, e à medida que a trama avança, torna-se cada vez mais evidente que cada tema e intertemas surgidos e/ou sugeridos

abrem-se hipertextualmente a outros como resumos de acontecimentos que desencadeados abrem-se a outros, constituindo-se em ‘estruturas hierárquicas’. (MOTTA, 2001). Portanto, o tema ‘protestos’ vai se ampliando e deixando transparecer, nas entrelinhas, o tamanho dos problemas sociais, velhos conhecidos do povo brasileiro, que fazem parte do noticiário nacional diariamente e também da mídia internacional através de outros contornos como violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas, escândalos políticos, corrupção, para citar apenas alguns.

Na sequência, o jornalista/tradutor transcreve depoimentos de manifestantes, ativistas, partes de um manifesto que circula nas redes sociais que apela à Presidente Dilma e ao seu passado de luta contra a ditadura, condenando a repressão violenta às manifestações que já aconteciam e eram frequentes desde o mês de abril. E a seguir, tentando explicar e justificar o contexto brasileiro para a audiência espanhola poder se situar, ativando seus modelos de contexto e compreender os acontecimentos divulgados na notícia, traz à tona informações sobre os anos de ditadura que o Brasil viveu na década de 70, insistindo um pouco nisto ao dar voz a um jurista que recrimina a falta de preparo da PM de hoje, que é a mesma que atuava nos tempos da repressão e perseguição política que vivemos na época da ditadura militar. Aliás, há a informação sobre as manifestações na época em que o Partido dos Trabalhadores (PT), hoje situação, estava na oposição e era ele quem liderava as manifestações e argumente que hoje, os manifestantes, não têm uma liderança e que tampouco querem “cambiar el mundo como en el 68”, apenas exigem austeridade/controle nos gastos públicos e melhores serviços à população.

Com respeito a isto, cabe recordar o que Van Dijk diz ao referir-se aos contextos macro como sendo o pano de fundo do evento e o constituem tanto as bases sociais quanto culturais, os supostos, as crenças e as associações simbólicas que dizem respeito a um grupo específico, cujas bases culturais fazem referência a aspectos como o meio ambiente local, a política, os ritos, usos figurativos e alusivos da língua, história, humor, entre outros. Fala ainda do micro contexto ou imediato, no qual têm lugar as interações entre os participantes da ação comunicativa, os acontecimentos relevantes, o significado do que se diz ou se expressa e as ações.

Parece haver a tentativa, por parte do jornalista/tradutor de situar o leitor espanhol sobre as razões dos protestos, retrocedendo no tempo e na história para encontrar razões que justifiquem tanta violência e por que não à Copa do Brasil. Também é possível perceber o tom amistoso e

simpático do jornalista tradutor/jornal para com o PT, mas isto será retomado quando se tratar da violação às Máximas que regulam o Princípio de Cooperação de Grice (1975).

Nas duas últimas sequências, além de um hiperlink, ***“los diferentes movimientos de protesta: no están atados a una organización única”***, fala das diferentes frentes que protestam e que estão presentes ao ato, fazendo referência ao diálogo que desejam ter os vários grupos e entidades que protestam com as autoridades. Acaba o texto linkando o jornal ‘*O Globo*’, com a coluna de um jornalista daquele jornal, que em tom catastrófico Como ha escrito Gilberto Scofield Jr. en su columna de o Globo, ***“lo que parecía solo ruido de un bando de revoltosos desocupados ha evolucionado hacia un fenómeno que se ha agigantado y que los sociólogos aún no saben como definir”***.

Ou seja, os temas e intertemas que circundam a notícia, se interligam e entrecruzam, revelam um universo difícil de dimensionar e confundem a compreensão da audiência, do entorno sociocultural espanhol, que se distancia muito dos fatos ocorridos e seu contexto, que o jornalista tradutor não consegue transpor para seu texto, deixando assim de cumprir uma das premissas que guiam a ação jornalística “de dizer a verdade, de forma séria, direta, objetiva, sem literatura ou pressuposições” [] e em um contrato implícito os leitores acreditam ser a verdade, produzindo-se o ‘efeito de real’ (MOTTA, 2010, p39). E é a partir e no transcurso desse contrato que o leitor tem com o jornal “que outros efeitos se produzem e ganham uma dimensão estética. (MOTTA , 2010, p39).

Em razão disso, o contexto, que é imprescindível para a compreensão do ato comunicativo e do gênero notícia, desta notícia em especial, fica por vezes difícil acompanhar e ativar modelos/situações, para configurar um contexto que faça sentido. O hipertexto, a mídia online, que conta com tantos recursos como os hiperlinks que levam o leitor a vídeos, textos, informações que deveriam ser adicionais, contribuindo para esclarecer os itens obscuros, auxiliando assim para a ativação de modelos adequados, representativos e poder recontextualiar de forma verossímil não dão conta de fazê-lo, já que nas notícias analisadas os recursos apenas fazem redundar o texto escrito.

Já no jornal argentino a manchete dá a entender que há questões políticas envolvendo a copa do mundo no Brasil e que o momento, os protestos, as manifestações e todas as repercussões podem ser tão quentes quanto as partidas de futebol:

“Un torneo envuelto en un marco político potente”

“La inauguración de la presidenta rousseff anticipó que habrá algo más que fútbol en juego”

“Silbaron a Joseph Blatter y fue una señal de que la protesta social rodeará la competición”

Figura 12. A notícia no site do Clarín (a)

Clarín.com - Deportes - 16/06/13

Un torneo envuelto en un marco político potente

LA INAUGURACIÓN DE LA PRESIDENTA ROUSSEFF ANTICIPÓ QUE HABRÁ ALGO MÁS QUE FÚTBOL EN JUEGO

Silbaron a Joseph Blatter y fue una señal de que la protesta social rodeará la competición.

0 opiná 6 shares 1 5 +

“El que no salta es de la FIFA”, cantaban cientos de manifestantes afuera del estadio Nacional de Brasilia un rato antes del comienzo formal de la Copa Confederaciones. “No a la Copa del Mundo, dinero para salud y educación”, decían varios carteles. Y claro, hubo balas de goma y gases lacrimógenos para acallar las voces de la discordia. Hubo 27 heridos y 16 detenidos. El viernes, un grupo menor, igual había hecho ruido y había llamado lo suficientemente la atención con la quema de neumáticos, también en los alrededores del Mané Garrincha. Se juntaron varias organizaciones, entre ellas los Sin Techo, que reclaman la adjudicación de viviendas ahí en Brasilia. Pero, sabiendo que el fútbol representa una vidriera importante, ahora no dudaron en adherirse también a los reclamos de miles de personas que salieron a lo largo de toda la semana en San Pablo y en Río de Janeiro a reclamar por el aumento de tarifas en el transporte público. Protestas que le dieron paso a una violenta represión, sobre todo en suelo paulista (ver [página 32](#)).

La bronca es mucha y ayer la propia presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, lo comprobó en persona junto al mandamás de la FIFA Joseph Blatter antes que rodara la pelota. “Amigos del fútbol brasileño, ¿dónde está el respeto y el fair play? ¡Por favor!”, explotó el suizo ante los silbidos de la multitud, que tapaban ampliamente su voz a la hora de leer un discurso para la ocasión. Entonces Rousseff, visiblemente incómoda como él, le pidió el micrófono a Blatter y en un segundo declaró formalmente abierta la Copa Confederaciones.

Fonte: Clarín 2013

Figura 13. A notícia no site do Clarín (b)

El gobierno brasileño trabaja desde hace rato en los mega operativos de seguridad para el Mundial. De hecho, días atrás se presentaron en sociedad los drones, esos aviones no tripulados de origen israelí que intentarán monitorearlo todo desde el aire durante esta Copa Confederaciones. Y ayer, en Brasilia, hubo 10 mil efectivos de los 54.950 personas de las distintas fuerzas federales, estatales y municipales que están afectadas al torneo.

Aquí en Río fue precisamente en donde se trazó un panorama de la situación. "En el aspecto de seguridad pública y defensa, el objetivo es brindar un ambiente seguro y pacífico. Lo que buscamos es optimizar los esfuerzos y lograr una sinergia de cooperación entre todas las instituciones", dijo el general Jamil Megid, que ostenta el conspicuo cargo de Jefe de la Asesoría Especial para la Seguridad de Grandes Eventos del Ministerio de Defensa.

Según datos de la Secretaría Extraordinaria de Seguridad para Grandes Eventos del Ministerio de Justicia, el evento cuenta con 3.500 policías federales, 2.800 policías federales de carreteras, 600 integrantes de la Fuerza Nacional de Seguridad Pública, 150 integrantes de la Comisión Nacional de Energía Nuclear, 31.000 policías militares, 5.100 bomberos, 3.400 policías civiles, 6.200 guardias municipales y 2.200 agentes de tránsito. ¿Alcanzará?

VALORÁ LA OPINIÓN

Fonte: Clarín 2013

A partir daí o leitor passa a ter acesso a um relato que descreve o palco e a cena dos protestos em tom *tragicômico*, com **'y claro, hubo balas de goma y gases lacrimógenos para acallar la discordia'**, dirigido a um público leitor que sem dificuldades capta o tom jocoso do enunciado e certamente acha engraçado porque em seu país têm situações de protestos de rua semelhantes, manifestações e repressão violenta dos órgãos de segurança dali. É provável que em um evento igual em seu país os governos enfrentassem os mesmos problemas que se enfrentava no Brasil, até porque a situação socioeconômica de ambos os países tem traços em comum, além da proximidade territorial,

histórica, colonizadora, políticas, ditatoriais, guardadas as devidas proporções de geografia e população. Além desses traços em comum entre Argentina e Brasil pesa o fato de viverem permanentemente em crises sócio econômicas.

Também pesa e fica latente no tom irônico do texto, desde o início até o final, a rivalidade entre as pátrias vizinhas que talvez tenha sua origem na paixão pelo futebol e seus grandes craques que se projetam para o mundo como os melhores jogadores, caso de Pelé, Maradona, Messi, Neymar, pra exemplificar. Depois comenta que dentro do estádio tampouco deram sossego às autoridades que não conseguiam fazer seus discursos inaugurais porque a plateia vaiava sem trégua, abafando qualquer tentativa de pronunciamento, como esperado em um evento tão ilustre.

“La bronca es mucha y ayer la propia presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, lo comprobó en persona junto al mandamás de la FIFA Joseph Blatter antes que rodara la pelota. “Amigos del fútbol brasileño, ¿dónde está el respeto y el fair play? ¡Por favor!”, explotó el suizo ante los silbidos de la multitud, que tapaban ampliamente su voz a la hora de leer un discurso para la ocasión. Entonces Rousseff, visiblemente incómoda como él, le pidió el micrófono a Blatter y en un segundo declaró formalmente abierta la Copa Confederaciones”.

Para Grice, quando se transgride uma máxima de certa forma se está dando uma pista a nosso interlocutor para que desencadeie um processo de interpretação mais complexo que vá mais além do dito de forma explícita. Em seguida o jornalista/tradutor fala das operações preparatórias para a copa:

“El gobierno brasileño trabaja desde hace rato en los mega operativos de seguridad para el Mundial”.

O tom é sarcástico, sobretudo com “mega operativos”. Aliás, culturalmente, sabe-se que argentinos e brasileiros fazem piada uns dos outros. Os argentinos dizem que no Brasil tudo é superlativo, como uma característica do povo daqui de exagerar em tudo, a começar pelo Maracanã que há bem pouco tempo ostentava o título de maior estádio de futebol do mundo.

Pra finalizar o jornalista/tradutor dá detalhes em números de todas as polícias e da força de segurança articulada pela secretaria extraordinária de segurança para grandes eventos, totalizando a estimativa de 54.950 efetivos para lidar com a Copa das Confederações em todas as cidades, e finaliza com a pergunta “¿Alcanzará?”, sugerindo que para a grandeza do país talvez o número não seja suficiente para dar

conta e controlar a situação de manifestações e confrontos que, ao que tudo indica, vai continuar.

Nota-se que a ironia, a comicidade do jornalista tradutor neste caso dissimulam a dramaticidade da situação, que “frequentemente é utilizada pelos editores para lembrar que se trata de um caso verdadeiro sim mas que deve ser lido como um conto divertido” Motta (2002). Isto dá a impressão de que o jornalista tradutor quer descontraír e não necessariamente informar o leitor.

10.2 AS MÁXIMAS

As máximas do jornalismo se orientam no sentido de que o texto repasse ao destinatário apenas os conteúdos proposicionais, pois “em princípio, as notícias não deveriam conter elementos que insinuem quaisquer implicaturas além daqueles significados estritamente proposicionais”, não devendo também sugerir nenhum “efeito de sentido” além dos conteúdos expressos, devendo reduzir o ato comunicativo ao simples repasse de informações concretas. Motta (2005)

Grice (1975) considera que nas interações comunicativas os participantes são cooperativos a fim de reconhecer o/um propósito e ou uma direção mutuamente aceita. Sperber e Wilson, 1994, corroboram as afirmações de Grice de que nas interações comunicativas seria sensato supor que o comunicador está tentando “alcançar certos padrões gerais, sendo convidado a interpretar o significado dado do enunciado, pois o que é expresso pode esconder um significado diferente do que é comunicado” S W p.38

A notícia da FSP apresenta um texto extenso, setORIZADO e bem explicativo, com o fim de cumprir o propósito do jornalismo de ser objetivo, imparcial, o relato dos fatos reais da vida diária. Seu foco centra-se totalmente nos protestos, conforme já falado ao se analisar o contexto, através dos temas e intertemas presentes na notícia. As referências à Copa, à cerimônia de abertura, ao estádio, são para dar conta de que a confusão armada estava atrapalhando o evento e causando muito mal estar às autoridades, em data tão especial, com os olhos do mundo atentos a tudo o que acontecia em solo brasileiro.

No entanto, tudo isso faz parte do dia a dia do povo brasileiro e de seu imaginário, que já espera por isso e não se surpreende com os detalhes do relato jornalístico, que tenta isentar-se e mostrar os vários lados do episódio e dos envolvidos, transcrevendo vozes de manifestantes, público do estádio, polícia e governo.

No que respeita às Máximas de relação/relevância e de modo, as quais nos interessam especialmente neste estudo, pode-se dizer que todo o texto, conforme está organizado, descreve o evento com aparente fidelidade, isenção e imparcialidade. No entanto, viola as máximas de quantidade, que em seu princípio determinam aos interlocutores que façam de sua informação o todo informativo que se requeira. Grice (1975)

Prova disto é que o jornalista/tradutor linka a notícia, já no início, com o vídeo “uma manifestação”, o qual mostra pessoas nas ruas, torcedores uniformizados, manifestantes com faixas e cartazes e policiais em meio à fumaça, sem dar nenhuma informação adicional ou acrescentar nenhum dado novo. Há um segundo vídeo/link, no final da introdução e detalhamento da manchete, que mostra praticamente o mesmo que o anterior, sendo novidade apenas a voz do locutor no estádio que tenta acalmar aos presentes, o que é previsível para o leitor da Folha que sabe que em situações parecidas há a tentativa da organização de driblar os inconvenientes e encobrir ações que possam atrapalhar a imagem do evento e do país que o sedia.

E o que falta nos vídeos sobra no texto, que repete e desdobra detalhes que só fazem aumentar o tamanho da notícia e não contribuem para refinar o contexto do evento. O jornalista afirma e reafirma o dito anteriormente tentando não envolver-se no relato ou manifestar qualquer tipo de opinião, o que é de se esperar em se tratando de uma notícia jornalística.

Porém, exagera nos detalhes que se repetem, reportando as opiniões dos vários setores que protagonizam a cena e conformam o contexto situacional, que se torna excessivo e irrelevante para a audiência. Assim, a máxima de quantidade é violada, uma vez que determina em seu princípio “não faça de sua contribuição mais informativa que se requeira.” (Grice, 1975)

“O tenente-coronel Zilfrank Antero, comandante de comunicação da PM, disse que não houve erro da polícia para controlar "meia dúzia" de manifestantes. "Quando se esgotaram as negociações, foi usada a força", afirmou”.

“Segundo o delegado Rodrigo Ribeiro, da 5ª DP, alguns manifestantes foram presos enquadrados na Lei Geral da Copa por causar tumulto e perturbação, além de agressão e desacato”.

Portanto, como já dito anteriormente ao se analisar os temas e intertemas como elementos fundamentais para a ativação e formação de contexto, no gênero jornalístico em questão, para que a audiência possa ativar seus modelos mentais de contexto ou de situação para conseguir

recriar ou recontextualizar o ato jornalístico/a ação jornalística, o princípio de cooperação e as Máximas de Grice são violadas porque há excesso de informação, passando a ter menos relevância para um contexto facilmente recontextualizável para a audiência que já tem modelos de contexto muito parecidos em seus arquivos mentais.

A este respeito, Motta (2002) diz que nas notícias o que se pretende comunicar é transmitido em parte pelo que dizemos e muitas vezes de forma decisiva pelo que não dizemos, mas subentendida no que dizemos, sendo que as implicaturas conversacionais se formam a partir da combinação do sentido literal e do contexto.

Reyes (1994), por sua vez, afirma que o uso linguístico está de certa forma tão regularizado que aos interagentes fica possível decodificar e inferir a força dos enunciados, pois quase tudo que queremos dizer e não dizemos explicitamente depende do princípio geral da cooperação, permitindo aos sujeitos em interação dar conta de significados não expressos no texto.

Neste sentido, o texto da FSP é bastante dramático, pois seu discurso/relato é redundante, ficando patente nas palavras do jornalista/tradutor:

“Os manifestantes, no entanto, voltaram se reunir ao lado do estudante Gabriel Germano, que foi atingido por uma bala de borracha na perna e feriu o rosto ao cair no asfalto”.

“O policial me chamou de pivete e disse que era para correr. Quando comecei a correr, levei o tiro”, disse Germano, que ficou deitado no chão coberto com a bandeira do Brasil antes de ser levado por uma ambulância.

O texto brasileiro viola as máximas de quantidade ao não ser conciso e objetivo, dando muitas voltas para mostrar o óbvio:

“Um grupo dos manifestantes resolveu ficar sentado no chão, mas a Polícia Militar mandou dispersar. Como eles não saíram, os policiais marcharam para cima e começaram a atirar balas de borracha para o alto e em direção ao grupo. Atingida por uma bala de borracha na cabeça, Isadora de Alencar, 18, caiu no chão perto de uma árvore e foi socorrida por amigos. Ela foi atendida e levou vários pontos”.

“Também houve perseguição com carros e motos. Um dos manifestantes, ao tentar fugir, foi atropelado por um policial em uma moto e preso em seguida. Outros integrantes do protesto foram agredidos a cacetadas no momento das prisões”.

“O nosso ato era pacífico. Não tinha necessidade do uso dessa força”, disse o estudante Marcos Fonseca. “A polícia mostrou que

não está aqui para fazer nossa segurança, mas para garantir a imagem da Copa", afirmou Rafaela Cristina, dentista.

Também viola as máximas de relação, uma vez que todas as informações aumentam o tamanho do texto e não seu conteúdo:

"Escalado pela presidente Dilma Rousseff para cuidar da manifestação, o ministro Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral da Presidência) também foi hostilizado e convidou os manifestantes para uma reunião neste domingo no Planalto. Ele chegou a dizer que viveu dez anos em uma favela, defendendo o potencial da Copa de gerar empregos.

Carvalho foi intimidado e chamado de "ladrão". "Nunca tive medo de contato", afirmou".

No entanto, essas violações não chegam a interferir ou a afetar a compreensão, apenas acentuam a dramaticidade da situação de descontrole, principalmente por parte da polícia, dos governos e da FIFA. E neste sentido, as notícias, além de descrever ocorrências, ativam modelos mentais a partir das descrições do ato comunicativo. Em palavras de Motta, "além de descrever algo que ocorre no mundo, as notícias seduzem, afirmam, atribuem funções, realizam muitas tarefas e repassam 'instruções de uso'. Motta (2002) jogos de linguagem, p.09

Na manchete, o destaque é para 'prisões' de manifestantes após protestos em frente ao estádio M.G. A partir desta introdução, que antecipa o tema 'confronto', o texto inicia com '

"A polícia reprimiu com tiros de bala de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta uma manifestação, segundo a Polícia Militar, antes do jogo do jogo entre Brasil e Japão, em frente ao estádio Mané Garrincha".

O texto vai pormenorizando, cada vez mais, o episódio, dando números e detalhes que se repetem nas várias vozes dos presentes que o jornalista/tradutor faz questão de revelar:

"Pelo menos 29 pessoas (quatro policiais) ficaram feridas, segundo a PM sem gravidade, e 30 manifestantes (dez menores de idade) foram detidos. À noite eles seriam liberados".

"Oficialmente, a cúpula da Segurança Pública do DF afirmou haver três feridos com balas de borracha. O critério utilizado pelo governo foi o número de pessoas atendidas nos postos montados no entorno do estádio".

"O confronto da polícia com cerca de 700 manifestantes que tomaram conta dos portões de acesso ao estádio começou depois de cinco horas de protesto pela via central de Brasília".

Já o texto do El País mostra-se ainda mais dramático que o da Folha, deixando claro na manchete que o que se está vendo é só uma amostra do que, parece, será a tônica da copa do Brasil:

“Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior

Unas 600 personas sembraron el caos en Brasilia durante la inauguración de la Copa Confederaciones”

Na sequência, estampando a notícia uma foto em que dois rapazes saltam fogueiras nas ruas, literalmente, levando a crer, em sentido figurado, que o fogo vai saltar de Brasília para as outras capitais do Brasil e para o exterior. A foto revela também o cenário caótico das ruas, constando na legenda da foto ‘protesta em Brasília contra la Copa Confederaciones’, completando as informações anteriores na manchete e entretítulo de que há protestos nas ruas do Brasil hoje, dia da inauguração/abertura oficial da Copa das Confederações, e os prognósticos apontam para o mesmo cenário nas cidades sede do Mundial de Futebol, e prometem ser inflamados.

Para o leitor espanhol, distante dos acontecimentos e com uma visão muito distante da situação e do contexto brasileiro, tanto do dia em questão quanto do período que precedeu o início da competição, é impossível entender a razão de os brasileiros estarem contra a copa.

Neste texto, diferentemente do texto da FSP, o jornalista tradutor cria um clima de suspense e de terror, e à medida que vai relatando os fatos revela as queixas dos manifestantes para tentar explicar para a audiência a contradição: os brasileiros não querem a Copa do Mundo, maior festa do esporte, no país do futebol, e por isto ameaçam o evento, deixando crer que será palco de cenas como as de hoje.

Deste modo, como sugere Grice

os princípios que regulam a interpretação de enunciados, o emissor produz algo por meio de x com a intenção de que a audiência reconheça esta intenção num contexto específico, no qual a audiência possa identificar tais efeitos desejados. As diferentes interpretações do significado decorrem de intervenções de fatores extralingüísticos de tipo conver-sacional, de mecanismos que regulam o intercâmbio comunicativo e que são responsáveis por “significados acrescentados (GRICE, 1982 apud MOTTA, 2002, p.124)

Mantendo o foco nos protestos, tenta explicar as razões das manifestações e das ocorrências, fazendo recorrentes referências a

estudiosos, especialistas no assunto, transcrevendo suas opiniões: ‘Parece que, como afirman los analistas políticos, la ola de protestas ha llegado a Brasil “para quedarse”’. Também transcreve partes de um manifesto que circula nas redes sociais, quando se refere à Presidente Dilma, uma vez que o leitor espanhol, certamente, não conhece seu passado de luta e tampouco os tempos de repressão e ditadura que vivemos os brasileiros:

“Una de las activistas del movimiento ha lanzado a través de Internet un manifiesto en el que pide a la presidenta brasileña, Dilma Rousseff, que hable públicamente, en nombre de su pasado de luchadora política contra la dictadura, para “garantizar” el derecho de manifestación. Según Olivia de Castro y Marilia Persoli no se trata solo de protestar contra el aumento del precio de los transportes públicos. “Es mucho más que eso. Es un movimiento nacional. Estamos en la calle porque queremos otra ciudad y otro Brasil”, reza el manifiesto”.

“Tenemos la misma edad que cuando usted, presidenta, salió a la calle para defender el Brasil en el que creía. Somos mujeres jóvenes, como usted lo era en el Brasil de los años 70. Nuestra generación está ocupando de nuevo la calle. Estamos con miedo y es increíble que sea su generación la que hoy nos reprime”, concluye el documento que corre por las redes sociales”.

Insiste na tentativa de explicar as origens da revolta popular e faz um resgate histórico com a contribuição dos manifestantes, de sociólogos, de juristas:

“Como afirma el jurista Wálter Maierovitch, “la policía brasileña no está aún preparada para actuar en ambientes democráticos”. Y añadió que entre los manifestantes se infiltran extremistas violentos que quieren aprovechar la ocasión para ir contra las fuerzas del orden”.

Algo que chama muito à atenção ao leitor deste texto é a simpatia do jornalista tradutor para com o Partido dos trabalhadores (PT) como liderança enquanto oposição ou o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva.

“Cuando el Partido de los Trabajadores (PT) estaba en la oposición, antes de llegar al poder, era él quien movilizaba a la calle y con su experiencia organizaba las manifestaciones, que siempre estuvieron controladas. Hoy, los grupos que las convocan están pulverizados, son variopintos y no tienen un líder al frente. La sociedad muestra hoy un conjunto de insatisfacciones, pero no exige cambiar el mundo como en el 68, sino mejoras en los servicios

públicos y menor despilfarro en los gastos de los políticos. Precisamente una de las perplejidades y preocupaciones de los políticos es que no tienen un interlocutor con autoridad para dialogar”.

E em tom catastrófico conclui seu texto citando e linkando um texto de um colunista do jornal O Globo:

“Como ha escrito Gilberto Scofield Jr. en su columna de o Globo, “lo que parecía solo ruido de un bando de revoltosos desocupados ha evolucionado hacia un fenómeno que se ha agigantado y que los sociólogos aún no saben como definir”.

Portanto, as Máximas de relação e de modo são violadas quanto aos princípios de relevância, nas ideias e expressões, de brevidade e organização discursivas, apesar de o texto apresentar-se ordenado, expondo sequencialmente os acontecimentos e os sujeitos em interação.

Em contrapartida, o jornal argentino Clarín, já dá o tom de deboche/sátira na manchete com **‘Un torneo envuelto en un marco político potente’**, e antecipa no entretítulo que nem o Presidente da FIFA escapou das vaias e protestos dentro do estádio, prevendo que durante o torneio isto se mantenha:

“La Inauguración de la presidenta Rousseff anticipó que habrá algo más que fútbol en juego”

“Silbaron a Joseph Blatter y fue una señal de que la protesta social rodeará la competición”.

O único dado novo da notícia são as vaias recebidas por Blatter pelo público pagante do estádio, que não tolerou os discursos oficiais em sinal de haver algum desagrado com Governo e FIFA.

“La bronca es mucha y ayer la propia presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, lo comprobó en persona junto al mandamás de la FIFA Joseph Blatter antes que rodara la pelota. “Amigos del fútbol brasileño, ¿dónde está el respeto y el fair play? ¡Por favor!”, explotó el suizo ante los silbidos de la multitud, que tapaban ampliamente su voz a la hora de leer un discurso para la ocasión. Entonces Rousseff, visiblemente incómoda como él, le pidió el micrófono a Blatter y en un segundo declaró formalmente abierta la Copa Confederaciones”.

A violação às máximas, neste caso, certamente não surpreendeu ao povo argentino leitor do Clarín, pois conforme já adiantado e culturalmente recíproco, os dois países não poupam esforços ao fazer qualquer comentário sobre o país e povo vizinhos. Essa troca de farpas se acirra muito mais quando há alguma disputa no meio e principalmente no âmbito esportivo, se agravando se o assunto é futebol

e ainda mais a copa do mundo, como já mencionado ao se analisar os temas e intertemas e contextos:

“El que no salta es de la FIFA”, cantaban cientos de manifestantes afuera del estadio Nacional de Brasilia un rato antes del comienzo formal de la Copa Confederaciones.

“No a la Copa del Mundo, dinero para salud y educación”, decían varios carteles.

“ Y claro, hubo balas de goma y gases lacrimógenos para acallar las voces de la discordia”.

“La bronca es mucha y ayer la propia presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, lo comprobó en persona junto al mandamás de la FIFA Joseph Blatter antes que rodara la pelota”.

Depois dá destaque para o esquema de segurança montado, mantendo a ironia, usando a expressão ‘mega operativos’ e depois quando transcreve as palavras e o tom ‘ que ostente el conspicuo cargo’ evidencia ainda mais o deboche pois, além de os adjetivos excederem, o qualificativo ‘conspicuo’ entra em choque com o cargo do General na ocasião: ‘Jefe de la Asesoría Especial para la Seguridad de Grandes Eventos del Ministerio de Defensa’.

“El gobierno brasileño trabaja desde hace rato en los mega operativos de seguridad para el Mundial.”

“En el aspecto de seguridad pública y defensa, el objetivo es brindar un ambiente seguro y pacífico. Lo que buscamos es optimizar los esfuerzos y lograr una sinergia de cooperación entre toda s las instituciones”, dijo el general Jamil Megid, que ostenta el conspicuo cargo de Jefe de la Asesoría Especial para la Seguridad de Grandes Eventos del Ministerio de Defensa.

E no último parágrafo, para dar ainda mais destaque para algo irrelevante, apresenta o número total de 54.950 pessoas das diversas forças federais, estaduais e municipais que atuariam ‘*están afectadas al torneo*’, antecipado no terceiro parágrafo, agora detalhado em números de cada órgão oficial e conclui com a pergunta “¿Alcanzará?”, deixando claro para a audiência que o contingente destacado é grande numericamente no total da Copa das Confederações e também no número destacado para Brasília, mas talvez não seja suficiente para todas as cidades brasileiras nas quais haverá partidas, ao se considerar o que um reduzido número de manifestantes conseguiu produzir a ponto de se registrarem tantas ocorrências policiais e feridos imaginem a partir de agora com todos os jogos acontecendo em diversas cidades.

“El gobierno brasileño trabaja desde hace rato en los mega operativos de seguridad para el Mundial.

Y ayer, en Brasilia, hubo 10 mil efectivos de los 54.950 personas de las distintas fuerzas federales, estatales y municipales que están afectadas al torneo.

¿Alcanzará?”

Portanto, a Máxima de modalidade foi violada, pois o jornalista tradutor dá preferência a expressões que deixam em suspenso e ou fazem supor que as coisas estão fugindo ao controle das autoridades nos preparativos/previsões da Copa do Mundo, a imagem do país do futebol vai ficar manchada em tom de revanche.

Segundo Koch, (1979) fazer sentido depende do que está explícito em um texto, mas também depende em grande medida do que está implícito, sendo que o que está dito sempre supõe o que não está dito e que está pressuposto ou implicado. Para ela, em uma interação verbal quando há transgressão de uma máxima e não havendo uma indicação explícita de que o produtor textual resolveu transgredi-la o interlocutor está autorizado a interpretá-la como meramente aparente e buscar uma interpretação não literal para o que está dito. Algo a princípio interpretado como não cooperativo pode ser interpretado como cooperativo em um nível de implicatura e com o auxílio de inferências. “operação que consiste em suprir conceitos e relações razoáveis para preencher lacunas (vazios) e descontinuidade em um mundo textual”, buscando resolver problemas de continuidade de sentido. (KOCH, 1989, p.70)

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçarmos a junção de teorias que abarcam amplos conceitos e tantas vertentes, era de supor o desafio que se impunha no trabalho a empreender. De fato, conseguir categorizar elementos de um texto para estabelecer e configurar um contexto não foi tarefa fácil, tendo-se em conta a peculiaridade dos contextos, de serem construídos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados sobre as propriedades relevantes em determinada situação, equivalendo a modelos mentais dos sujeitos engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva online.

Neste sentido, a proposta desta tese, além de voltar-se ao estudo dos contextos para a compreensão dos textos, foi a de entender se o jornalista tradutor consegue transportar para o texto jornalístico o contexto, a situação real dos fatos, para situar sua audiência e se essa audiência consegue preencher as lacunas geradas pela falta de contexto e recontextualizar o episódio para finalmente compreendê-lo. Este trabalho, que une tradução, jornalismo e pragmática, procurou responder aos nossos questionamentos, tendo como foco a análise dos fatores pragmáticos implicados nas práticas sociais dos sujeitos em interação.

Retomando brevemente a análise dos textos deste estudo podemos afirmar que, na tentativa de responder às questões norteadoras deste trabalho, tomou-se como ponto de partida o mapeamento dos textos, na busca por elementos que possibilitassem estabelecer um contexto, qual fosse listar todos os assuntos que participavam da trama que parecessem relevantes para a sua compreensão.

No caso das notícias selecionadas, e que versam sobre a Copa das Confederações de 2013, o leitor deverá atentar-se para os temas periféricos que são fundamentais para poder compreender o texto em sua essência. Estes temas periféricos ou intertemas aos quais se conectam e se referem os textos são:

- Os protestos, os objetivos e a situação na cidade e no país
- O conflito: explica todo o conflito e o que acontecia no Estádio durante os protestos, em frente ao estádio, traz depoimentos de ambos os lados
- Manifestantes x público: sentimento e visão do público do evento

Para facilitar a visualização dos intertemas relacionados presentes na notícia veiculada no Brasil : Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM (*Folha de São Paulo – 15 de junho de 2013*), propomos a imagem abaixo:

Figura 14. A notícia veiculada no Brasil e seus intertemas



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Na imagem encontramos Brasil como foco central - onde ocorre o fato noticioso- e ao redor os intertemas presentes na notícia que devem ajudar a contextualizar e a dar à audiência (público brasileiro) suporte para a sua compreensão.

Já os intertemas selecionados na notícia veiculada na Espanha: *Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior – Unas 600 personas sembraron el caos en Brasília durante la inauguración de la Copa Confederaciones (15 de junho de 2013) são:*

- Força de choque dispersa manifestantes com gases lacrimogénios e balas de borracha

- Haverá mais manifestações nos próximos dias no Brasil e também em cidades estrangeiras com residentes brasileiros
- As razões dos protestos
- Conclama a la Presidenta em nombre de seu pasado de lutas e seu ativismo político para mudar o país e torná-lo melhor nos serviços públicos e menos desperdício nos gastos dos políticos.

Para facilitar a visualização dos intertemas na noticia transmitida na Espanha propomos a imagem abaixo:

Figura 15. A noticia veiculada na Espanha e seus intertemas



Fonte: elaborado pelo próprio au

E, no terceiro corpus de análise, a noticia veiculada na Argentina, “Un torneo envuelto en un marco político potente – La inauguración de la Presidenta Rouseff anticipó que habrá algo más que fútbol en juego” (15 de junio de 2013) identificamos os seguintes intertemas:

- Traz as palavras de ordem de los manifestantes foera do Estádio e tenta contextualizar minimamente a situação (os protestos) e indica uma página no jornal para mais informações necessárias sobre os acontecimentos
- Fala das vaias na hora da abertura oficial do evento
- Fala sobre a segurança, as preocupações preparativos do governo para a Copa das Confederações, com número de efetivos destacados para o torneio.

Abaixo a imagem que ilustra os intertemas presentes na notícia argentina:

Figura 16. A notícia veiculada na Argentina e seus intertemas



Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A presença de tais intertemas, significa, pois, que além de entender as referências ao futebol, tema central das notícias, a audiência

precisa dar conta de entender 1. a situação sócio-política momentânea do Brasil, que apresentava manifestações diárias, deflagradas em maio de 2013, quanto aos gastos exorbitantes em todo o país com os preparativos para a Copa do Mundo de 2014; entender, também, a situação permanente do país nestas questões, como cada um desses itens funciona na prática, como o Estado se reporta aos cidadãos em suas demandas e manifestações; como os sujeitos reclamam, se manifestam e são tratados; se existe a garantia dos direitos cidadãos; se há democracia, enfim.

E em cada uma dessa infinidade de questões e argumentos sobre a situação conflitiva que se vivia no país, retratada nos textos jornalísticos para noticiar o evento esportivo, há uma infinidade de leituras, interpretações e compreensões em virtude dos muitos e diferentes sujeitos e de seus conhecimentos do mundo, experiências individuais, práticas sociais e suas representações contextuais. A ativação de modelos mentais situacionais é fundamental para compreender a notícia e/em seu contexto, e trazer à superfície os arquivos mentais leva a fazer comparações entre o que sabe e o que está desenhado no texto através da ótica de um jornalista tradutor, no momento em que se desenrolam os acontecimentos.

O jornalista/tradutor, nas três notícias analisadas, por mais isenção que deva ou pretenda manifestar no relato dos fatos não consegue deixar de infiltrar suas impressões, preocupações, pressentimentos, conhecimentos, ideologias, oriundos de suas experiências e práticas sociais, e consequentemente seus esquemas ou modelos mentais, contextuais, episódicos, situacionais nas escolhas linguísticas que realiza, nas funções e figuras de linguagem que usa, nas palavras e expressões que seleciona para compor seu texto/discurso e proporcionar ao leitor as informações do evento, para que ele construa suas próprias imagens mentais a partir de sua memória contextual e recontextualize a cena e os acontecimentos.

Os acontecimentos representados e contextualizados nas notícias dizem respeito às circunstâncias sociopolíticas, o que fica patente não só pelos títulos e conteúdo, mas também pelas imagens e pela referência a outros eventos, textos aos quais é remetido o leitor, outras notícias, reportagens e vídeos que tratam do assunto ou têm relação com ele. Por exemplo, o leitor de outro entorno sócio cultural deverá saber, ao se valer das imagens e do texto, a razão de tanta violência em meio a um evento esportivo, ainda mais em um país tão festivo e fanático pelo esporte em questão. Qual o problema com as tarifas de transportes, como funciona o transporte público no país. Em que circunstâncias e/ou

que acontecimentos deflagraram a onda de violência e por que tentam se colocar contra a Copa, por que estão na frente do Estádio, por que não respeitam a Presidente e vão as autoridades presentes para abrir oficialmente o evento esportivo.

Nas manchetes/títulos das notícias selecionadas, fica evidente para o público/leitor o momento sócio político brasileiro e os consequentes distúrbios nas ruas:

- “Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM” (Folha de São Paulo/Brasil – 15 de junho de 2013)
- “*Las proptestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior – Unas 600 personas sembraron el caos en Brasília durante la inauguración de la Copa Confederaciones*” (El País/Espanha – 15 de junho de 2013)
- “*Un torneo envuelto en un marco político potente – La inauguración de la Presidenta Rousseff anticipó que habrá algo más que fútbol en juego*” (Clarín/Argentina – 15 de junho de 2013)

Ao retomar nossas perguntas de pesquisa e ao concluir esta tese é possível afirmar que as notícias, ao serem um retrato dos fatos e acontecimentos da vida diária exigem a participação ativa tanto do jornalista/tradutor quanto da audiência para a sua compreensão. Ao jornalista/tradutor cabe transportar para o texto, de forma verossímil, a situação e seu contexto e à audiência, por sua vez, corresponde o papel de interpretar o texto e situar-se para configurar um contexto possível.

Ambos, portanto, precisam ser cooperativos em suas ações para alcançarem seus propósitos. No entanto, os sujeitos em interação ao não seguirem as pautas do princípio de cooperação comprometem a compreensão. Isto agrava-se muito quando as notícias são levadas a entornos lingüísticos, culturais, históricos, geográficos e e sociais difídiferentes, uma vez que o contexto local envolve elementos e conhecimentos específicos e difíceis de ser traduzidos em palavras e ou imagens. Também, ha que se ter claro que além da ótica do jornalista/tardutor está o veículo ao qual serve, que impõe normas e direções que levam a fazer escolhas lingüísticas e estilos que nem sempre colaboram com a compreensão do texto por parte da audiência.

Neste sentido, ao entendermos o texto como uma trama de significados e que tanto na produção quanto na compreensão passam por vários procesos no nível textual – intratextual, intertextual e extratextual. No que respeita ao nível extratextual ou pragmático tem a ver com a reconstrução do contexto ou situação de comunicação em que se produzem ou aparecem no texto. A compreensão textual, assim, depende da compreensão contextual e também está ligada ao acervo cultural dos saberes construídos e compartilhados pelos sujeitos sociais.

Cabe mencionar que a partir deste trabalho e da dimensão que o tema abrange abrem-se novas propostas de pesquisas, aplicadas a sujeitos de/em entornos lingüísticos, históricos, geográficos, sociais e culturais diferentes para poder obter mais subsidios às questões pragmáticas suscitadas a partir da análise. É o caso das ‘inferencias’ e dos ‘não ditos’ que cohabitam as interações comunicativas e que são de fundamental importancia nos procesos de compreensão e produção de textos e/em contextos.

REFERÊNCIAS

Textos Análise:

Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior. **El País**, Espanha, 15 jun 2013. Disponível em:http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/15/actualidad/1371321612_220649.html . Acesso em 15 set. 2015.

Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM. **Folha de São Paulo**, Brasil, 15 jun 2013. Disponível <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1295821-apos-protestos-em-frente-ao-estadio-mane-garrincha-24-pessoas-sao-detidas-pela-pm.shtml>. Acesso em 15 set. 2015.

Un torneo envuelto en un marco político potente. **Clarín**, Argentina, 16 jun 2013. Disponível http://www.clarin.com/deportes/torneo-envuelto-marco-politico-potente_0_938906293.html. Acesso em 15 set. 2015.

Referencial de apoio teórico

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006, 160p.

ARDOINO, J. **Referencias y notas de lectura. Fragmentos de textos, nociones y definiciones**, Traduzido por la Dirección de Extensión y Difusión Universitaria, México, Universidad Iberoamericana, julho de 1998.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer. Palavras e ação**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira, 1ª ed. São Paulo: 1986.

_____. [1929] (Voloshinov). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **A relação entre a infraestrutura e as superestruturas.** In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 39-47.

_____. **Estética de la creación verbal.** México: Siglo XXI, 2003.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** São Paulo: Cortez, 2006.

BRUNS, Axels. **Gatewatching: collaborative online news production.** New York: Peter Lang, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. _____. *Tempos Líquidos.* Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Campinas: UNICAMP, 1997.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2006.

Bronckart, J.-P. (1997). **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo.** São Paulo, EDUC.

CHAPARRO, M. C. C. . **Pragmática do Jornalismo.** 1. ed. São paulo: Summus, 1994. 132p

CHAPARRO, M. C. C. . **Veracidade, dever maior.** In: Dirceu Lopes Fernandes; José Coelho Sobrinho; José Luiz Proença. (Org.). Edição em jornalismo impresso. São Paulo: ECA-USP/Edicom, 1998.

CHAPARRO, M. C. C. **O jornalismo na estratégia dos conflitos.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 21, p. 19-31, 1999.

ECO, Umberto. *Lector in Fábula.* Barcelona, Ariel 1989.

García González, Javier (1993): **Contribución al estudio de la sintaxis, semântica y pragmática,** Madrid, Ediciones de la Universidad Complutense de Madrid.

GRICE, H. P. **Lógica e Conversação**. In: DASCAL, Marcelo (Org.). Fundamentos metodológicos da Linguística. Tradução de João Wanderley Geraldy. Campinas, 1982

Séré, A. 2000. **Determinantes sociales del lenguaje**, en: Cerebro y Lenguaje, Madrid, Visor

Kintsch, W. (1996). **El rol del conocimiento en la comprensión del discurso: un modelo de construcción-integración**. Buenos Aires: Ed. Lectura y Vida.

Van Dijk, T. & Kintsch, W. (1983). **Estrategias para la comprensión del discurso**. Madrid, SGEL

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A construção da notícia política nos jornais de Sergipe**. Uma análise dos constrangimentos e influências na produção jornalística. Dissertação, Salvador, agosto de 1998.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo. Bases para sua delimitação teórica. Salvador: UFBA, 2003. (Tese de doutorado).

GOMES, Wilson. **Fato e Interesse. O fato jornalístico como problema**”, in: **Revista Textos de Cultura e Comunicação**, nº 26, Vol II, Salvador, julho de 1991.

GOMES, W. **Verdade e perspectiva A questão da verdade e o fato jornalístico**. in: **Revista Textos de Cultura e Comunicação**, nº 29, Salvador, 1994.

GRICE, H. P. **Lógica e conversação**”. In Dascal, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da linguística**, vol. IV. Campinas, 1982.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

HABERMAS, Jürgen. Madrid: **Teoría de la acción comunicativa II. Crítica de la razón funcionalista.** Taurus, 1987.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura. Uma teoria do efeito estético.** Trad: Johannes Kretschmer, São Paulo, Ed. 34, Vol. 1, 1996.

ISER, W. El acto de leer. **Teoría del efecto estético.** Trad. J. A. Gimbernat, Madrid, Taurus Ediciones, 1987.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1995.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo, Ática, 1994.

JOHNSON-LAIRD, P. (**Mental models.** Cambridge, MA: Harvard University Press. 1883

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; **A coesão textual;** ed. Contexto; 12 edição; 1999

KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender - os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Introdução à Linguística Textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **As tramas do texto.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008

KOCH, I, V; BENTES, A, C; CAVALCANTE, M, M.
Intertextualidade: diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia.** Brasília: Editora UnB.,1986.

LAGE, (1979), **A ideologia e a técnica da notícia.** 1º edição

MARCONDES FILHO, Ciro – **O capital da Notícia - jornalismo como produção social da segunda natureza** Ed. Ática São Paulo, 1986

MARCUSCHI, L. A. 2002. **Do Código para a Cognição: o processo referencial como atividade criativa**. Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos. Juiz de Fora, v.6, n. 1, pp. 43-62.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **“Fenomenologia da percepção”**, Martins Fontes, São Paulo, 1996.

MOTTA, L. G. F. . **Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo: construção cognitiva da história do presente**. In: IV Colóquio Espanha-Brasil de Ciências da Comunicação, 2006, Málaga. IV Colóquio Espanha-Brasil de Ciências da Comunicação, 2006.

MOTTA, L. G. F. . **Jogos semânticos, efeitos de sentido e ação cognitiva nas notícias**. In: XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006, Bauru. Cadernos de Textos - GT Produção de sentido nas mídias. Bauru: GT Produção de sentidos, 2006.

MOTTA, L. G. F. . **Narratologia - Análise da narrativa jornalística**. 01. ed. Brasília: Casa das musas, 2005. v. 01. 76p .

MOTTA, L. G. F. . **Jornalismo e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade**. In: Fabio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zelia Leal Adghirni. (Org.). **Jornalismo e Sociedade - Teorias e Metodologias**. 1ed.Florianópolis: Insular, 2012.

NABANTINO Ramos, J. (1970). **Jornalismo** – Dicionário Enciclopédico. São Paulo: Ibrasa.

NORD, Christiane. **La unidad de traducción en el enfoque funcionalista**. In: Quaderns. Revista de traducció, La Rioja, v. 1, n. 1, p. 65-77. 1998.

NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**. Amsterdam: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **El funcionalismo en la enseñanza de traducción**. Mutatis Mutandis, v. 2, 2009.

NORD, Christiane. **Texto Base- Texto Meta**. Universitat Jaume I. Servei de Comunicació i Publicacions. Tradução ao espanhol. Espanha, 2010

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino – UFRJ (Publicado em: VIEIRA, S.R. & BRANDÃO S.(Orgs) **Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas**. R.J. Faculdade de letras, 2004.

PEIRCE, S. Charles. **Escritos Coligidos**. Tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomeranglum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

POLCHLOPEK, S. A. **A interface tradução-jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais sobre textos comparáveis das Revistas Veja e Time**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

POLCHLOPEK, S. A. O Mundo pós "11 de setembro": tecendo fios/textos entre tradução e a narratividade jornalística. 2011, 323f. . Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Tradução e Comunicação**. Revista brasileira de tradutores. N. 22, Ano 2011, p. 133-147 Disponível em <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/viewFile/1832/1740>

RAMOS, Fátima Maria Elias . **Uma análise da concepção de língua e linguagem nas dalas das professoras da Educação de Jovens e adultos**. 2008.

REYES, Graciela. **El abece de la pragmática**, Madrid, Arco Libros 1996

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira, revisão técnica Mônica M. Penha Villela-Petit, Campinas, São Paulo, Papirus, 1997.

RODRIGUES, A. D. **O discurso mediático**, Texto apresentado em curso na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, novembro de 1996.

RUBIM, Albino Canelas. **Mídia e Política no Brasil**, João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 1999.

RUFINO, Diane. **Manuel Carlos Chaparro e a busca de um jornalismo social**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 14 n.14, p. 131-141 jan/dez. 2010

Séré, Arlete. 2000. **Determinantes sociales del lenguaje**, en: Cerebro y Lenguaje, Madrid, Visor

SEARLE, John. **Os actos de fala**. Coleção Novalmedina, 1993.

SEARLE, J. **Expressão e Significado. Estudos da teoria dos atos de fala**. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

SEIXAS, Lia . Os atos verbais jornalísticos - Um estudo dos 'fazer' jornalísticos por editoriais de política. Pauta Geral, Salvador, v. 4, n.9, p. 197-222, 2002.

SEIXAS, Lia . **O lugar da narrativa no hipertexto jornalístico: uma análise do conceito de narrativa na webnotícia**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1671, 2009a.

SEIXAS, Lia . **Por uma outra classificação: gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos**. Galáxia PUCSP, (2009b).

SEIXAS, Lia . **Gêneros Jornalísticos: onde categorias funcionalistas podem chegar e como noções da teorias do jornalismo operam**. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, (2012a).

SEIXAS, Lia . **Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística.** In: 10º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo, 2012, Curitiba. 10º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo (2012b).

SPERBER, Dan y Deirdre WILSON . **La relevancia. Comunicación y procesos cognitivos**, Madrid, Visor , 1994(Traducción de Eleanor Leonetti)

SQUIRRA, S. **Jornalismo Online.** São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

REISS, K.; VERMEER, H. [1984]. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción.** Madrid: Akal, 1996.

TUCHMAN, Gaye. **La produccion de la noticia.** Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1983.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** LabCom, 2012.

VAN DIJK, T.A., Kintsch, W. **Strategies of discourse comprehension.** New York: Academic Pres 1983.

VAN DIJK, Teun. **La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información.** Barcelona, 1ª ed., 1990.

VAN DIJK, T. A. **Discourse, Context and Cognition.** In Discourse Studies. Vol 8(1): 159-177. London, Sage. 2006.

VAN DIJK, Teun. 2000. **El Discurso como Interacción en la Sociedad. In El Discurso como Interacción Social.** Barcelona, Gedisa Editorial, pp. 19-66.

VAN DIJK, Teun. 1998. **Ideología. Una Aproximación Multidisciplinaria.** Barcelona, Gedisa Editorial.

VAN DIJK, Teun. **Discourse, Power and Access.** In Carmem Rosa Caldas-Coulthard e Malcom Coulthard (Eds.) Texts and Practices. Readings in Critical Discourse Analysis. London and New York, Routledge, 1991.

VERMEER, Hans J. **Esboço de uma Teoria da Tradução**. Alfragide: Edições Asa, 1996.

WEEDWOOD, Barbara. História concisa da linguística. Trad. De Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, S. A. **Traduzindo notícias: as possibilidades da tradução em meio jornalístico**. Inventário, Salvador (UFBA), v. 6, n. 6, p. 01-18. 2007.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Curso de Licenciatura em Letras Espanhol na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana; FRENKEL Eleonora. **Estudos da Tradução I**. Curso de Licenciatura em Letras Espanhol na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2009.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. 2002, 274f. Tese (Doutorado em Línguas Estrangeiras Modernas) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – MODELO DE NORD

Modelo Nord (1998/1991)			
Texto	El País	Clarín	Folha de São Paulo
Fatores Externos ao Texto			
Emissor	Jornal El País	Jornal Clarín	Jornal Folha de São Paulo
Intenção	Informar	Informar	Informar
Receptor	Público Espanhol	Público Argentino	Público Brasileiro
Meio	Jornal Online	Jornal online	Jornal online
Lugar	Espanha	Argentina	Brasil
Tempo	15/06/2013	16/06/2013	15/06/2013
Propósito (motivo)	Divulgar sobre os protestos durante a abertura da copa das confederações	Divulgar sobre os protestos durante a abertura da copa das confederações	Divulgar sobre os protestos durante a abertura da copa das confederações
Função Textual	Função Informativa/ Referencial	Função Informativa/ Referencial/ Apelativa	Função Informativa/ Referencial/ Apelativa
Fatores Internos ao Texto			
Tema	Abertura da Copa das Confederações	Abertura da Copa das Confederações	Abertura da Copa das Confederações
Conteúdo	Contextualiza os protestos e a repercussão/ apoio internacional. Dá voz a uma manifestante e a um	Contextualiza os protestos ocorridos, ressalta as violentas repressões policiais. Discurso da	Relata o protesto, cita numero de feridos e manifestantes, 700. Comenta razão deste protesto em

	sociólogo. Contextualiza o partido político PT Cita que a policia tentou <u>dispersar</u> a população com balas de borracha.	presidente. Dá ênfase as questões da segurança. Cita feridos e detidos nos protestos Comenta que <u>obviamente</u> a policia utilizou balas de borracha	específico e quem está la. Focaliza na PM e suas ações, Manifestantes versus público. Entrevistas no corpo do texto com manifestantes, coronel, delegado, pessoas do publico.
Pressuposições	Copa das Confederações/ Protestos		Copa das Confederações/ Protestos Partidos Políticos...
Estruturação	Notícia Online, 1 texto visual grande, 9 parágrafos, utilização de hiperlinks, aponta outras notícias relacionadas. Espaço opinião do leitor (68 comentários)	Online, sem imagem, um único hiperlink, oferece espaço para opinião do leitor (sem comentários)e outro para avaliar a notícia	Notícia Online, galeria de imagens ilustrativas, vídeo, 24 parágrafos, utilização de hiperlinks,. Espaço opinião do leitor (68 comentários)
Elementos não verbais	Foto grande (ver se tem legenda)		Galeria de imagens ilustrativas, vídeo
Léxico	Uso de substantivos, advérbios, adjetivos	Uso de substantivos, advérbios, numerais, adjetivos	Uso de substantivos, advérbios, numerais, adjetivos

Sintaxe	Linguagem (jornalística) informal Utilização de Verbos no passado	Linguagem (jornalística) informal Utilização de Verbos no passado/ presente	Linguagem (jornalística) informal Utilização de Verbos no passado/ presente
Elementos suprasegmentais	Título em Negrito Destaque para Subtítulo Aspas nas citações Hiperlinks em Azul	Título em Negrito Destaque para Subtítulos-azul Aspas para citações Destaque hiperlink (negrito)	Título em Negrito Aspas nas citações 1 Hiperlink em Azul
Efeitos do Texto	Busca influenciar: Importância das manifestações, contra a Dilma e Contra o PT.	Sugere a insegurança no Brasil, a insatisfação com a presidente.	Sugere a insegurança no Brasil, a insatisfação com a presidente, despreparo da policia.

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA NOTÍCIA DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Após protestos em frente ao estádio Mané Garrincha, 30 pessoas são detidas pela PM

MÁRCIO FALCÃO

MATHEUS LEITÃO

FERNANDO MELLO

DE BRASÍLIA

A polícia reprimiu com tiros de bala de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta uma manifestação, segundo a Polícia Militar.

Antes do jogo entre Brasil e Japão, em frente ao estádio Mané Garrincha.

Pelo menos 29 pessoas (quatro policiais) ficaram feridas, segundo a PM sem gravidade, e 30 manifestantes (dez menores de idade) foram detidos. À noite eles seriam liberados.

Oficialmente, a cúpula da Segurança Pública do DF afirmou haver três feridos com balas de borracha. O critério utilizado pelo governo foi o número de pessoas atendidas nos postos montados no entorno do estádio.

O confronto da polícia com cerca de 700 manifestantes que tomaram conta dos portões de acesso ao estádio começou depois de cinco horas de protesto pela via central de Brasília.

Veja o vídeo do repórter **Rubens Valente**, da **Folha**.

Publicidade

PROTESTO

A manifestação tinha como objetivos principais as críticas às obras da Copa e o apoio ao movimento pelo passe livre em São Paulo. Mas outros participantes se juntaram, como grupos de sem-teto, indígenas e de defesa de direitos das mulheres, além de punks, professores pedindo melhores salários e militantes do PSTU.

A PM não conseguiu impedir que os manifestantes chegassem próximo ao estádio e agiu depois que manifestantes começaram a hostilizar torcedores que estavam na fila para acompanhar a partida, chamando-os de "vendidos" e atirando latas de refrigerante.

Uma equipe da Rede Globo de Brasília também foi hostilizada pelos manifestantes, que xingaram os jornalistas.

Os policiais do Bope (Batalhão de Operações Especiais) e da cavalaria tentaram afastar os manifestantes das filas. Quando um dos agentes foi atingido com água no rosto, disparou spray de pimenta, o que provocou uma sequência de bomba de efeito moral, gás lacrimogênio, balas de borracha e prisões.

CONFLITO

Os confrontos ocorreram quando faltava pouco mais de uma hora para o início da cerimônia de abertura da Copa, e alguns torcedores ficaram no meio dos embates. Os policiais conseguiram dispersar parte do grupo.

Dentro do estádio, a organização aumentou o som da música para minimizar o barulho das bombas. No alto-falante, o locutor parabenizava a PM e afirmava que tudo estava sob controle.

Os manifestantes, no entanto, voltaram se reunir ao lado do estudante Gabriel Germano, que foi atingido por uma bala de borracha na perna e feriu o rosto ao cair no asfalto.

"O policial me chamou de pivete e disse que era para correr. Quando comecei a correr, levei o tiro", disse Germano, que ficou deitado no chão coberto com a bandeira do Brasil antes de ser levado por uma ambulância.

Atingida por gás pimenta, a repórter do jornal "Correio Braziliense", Larissa Garcia, 24, grávida de cinco meses, passou mal e foi levada ao Hospital Regional da Asa Norte na tarde deste sábado. Medicada, passava bem até o início da noite.

Um grupo dos manifestantes resolveu ficar sentado no chão, mas a Polícia Militar mandou dispersar. Como eles não saíram, os policiais marcharam para cima e começaram a atirar balas de borracha para o alto e em direção ao grupo. Atingida por uma bala de borracha na cabeça, Isadora de Alencar, 18, caiu no chão perto de uma árvore e foi socorrida por amigos. Ela foi atendida e levou vários pontos.

Também houve perseguição com carros e motos. Um dos manifestantes, ao tentar fugir, foi atropelado por um policial em uma moto e preso em seguida. Outros integrantes do protesto foram agredidos a cacetadas no momento das prisões.

"O nosso ato era pacífico. Não tinha necessidade do uso dessa força", disse o estudante Marcos Fonseca. "A polícia mostrou que não está aqui para fazer nossa segurança, mas para garantir a imagem da Copa", afirmou Rafaela Cristina, dentista.

O tenente-coronel Zilfrank Antero, comandante de comunicação da PM, disse que não houve erro da polícia para controlar "meia dúzia" de manifestantes. "Quando se esgotaram as negociações, foi usada a força", afirmou.

Segundo o delegado Rodrigo Ribeiro, da 5ª DP, alguns manifestantes foram presos enquadrados na Lei Geral da Copa por causar tumulto e perturbação, além de agressão e desacato.

Escalado pela presidente Dilma Rousseff para cuidar da manifestação, o ministro Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral da Presidência) também foi hostilizado e convidou os manifestantes para uma reunião neste domingo no Planalto. Ele chegou a dizer que viveu dez anos em uma favela, defendendo o potencial da Copa de gerar empregos.

Carvalho foi intimidado e chamado de "ladrão". "Nunca tive medo de contato", afirmou.

MANIFESTANTES X PÚBLICO

Servidor público, Ricardo Becker, 47, com dois filhos, de 9 e 14 anos, e mulher enfrentaram a ira dos manifestantes na fila. "Está muito perigoso e vamos ficar distantes dos protestos." Ele ficou 20 minutos na fila. Até achar o assento, 45 minutos. A entrada foi "tensa devido ao conflito com os manifestantes, mas o estádio é muito bonito".

Bruno Oliveira, 29, e Ana Gabriela Oliveira, 27, grávida, estava com um sobrinho de oito anos. Eles reclamaram de poucas pessoas para fornecer informações.

"Estou achando desorganizado pela manifestação. Eles estão atrapalhando o evento, apesar de ser direito deles se manifestarem", afirmou Lucas Rubinger, 27.

ANEXO C – TRANSCRIPCIÓN DA NOTÍCIA DO JORNAL CLARÍN

Un torneo envuelto en un marco político potente

LA INAUGURACIÓN DE LA PRESIDENTA ROUSSEFF ANTICIPÓ QUE HABRÁ ALGO MÁS QUE FÚTBOL EN JUEGOS

Silbaron a Joseph Blatter y fue una señal de que la protesta social rodeará la competición.

“El que no salta es de la FIFA”, cantaban cientos de manifestantes afuera del estadio Nacional de Brasilia un rato antes del comienzo formal de la Copa Confederaciones. “No a la Copa del Mundo, dinero para salud y educación”, decían varios carteles. Y claro, hubo balas de goma y gases lacrimógenos para acallar las voces de la discordia. Hubo 27 heridos y 16 detenidos. El viernes, un grupo menor, igual había hecho ruido y había llamado lo suficientemente la atención con la quema de neumáticos, también en los alrededores del Mané Garrincha. Se juntaron varias organizaciones, entre ellas los Sin Techo, que reclaman la adjudicación de viviendas ahí en Brasilia. Pero, sabiendo que el fútbol representa una vidriera importante, ahora no dudaron en adherirse también a los reclamos de miles de personas que salieron a lo largo de toda la semana en San Pablo y en Río de Janeiro a reclamar por el aumento de tarifas en el transporte público. Protestas que le dieron paso a una violenta represión, sobre todo en suelo paulista (ver página 32).

La bronca es mucha y ayer la propia presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, lo comprobó en persona junto al mandamás de la FIFA Joseph Blatter antes que rodara la pelota. “Amigos del fútbol brasileño, ¿dónde está el respeto y el fair play? ¡Por favor!”, explotó el suizo ante los silbidos de la multitud, que tapaban ampliamente su voz a la hora de leer un discurso para la ocasión. Entonces Rousseff, visiblemente incómoda como él, le pidió el micrófono a Blatter y en un segundo declaró formalmente abierta la Copa Confederaciones.

El gobierno brasileño trabaja desde hace rato en los mega operativos de seguridad para el Mundial. De hecho, días atrás se presentaron en sociedad los drones, esos aviones no tripulados de origen israelí que intentarán monitorearlo todo desde el aire durante esta Copa Confederaciones. Y ayer, en Brasilia, hubo 10 mil efectivos de los 54.950 personas de las distintas fuerzas federales, estatales y municipales que están afectadas al torneo.

Aquí en Río fue precisamente en donde se trazó un panorama de la situación. “En el aspecto de seguridad pública y defensa, el objetivo es brindar un ambiente seguro y pacífico. Lo que buscamos es optimizar

los esfuerzos y lograr una sinergia de cooperación entre todas las instituciones”, dijo el general Jamil Megid, que ostenta el conspicuo cargo de Jefe de la Asesoría Especial para la Seguridad de Grandes Eventos del Ministerio de Defensa.

Según datos de la Secretaría Extraordinaria de Seguridad para Grandes Eventos del Ministerio de Justicia, el evento cuenta con 3.500 policías federales, 2.800 policías federales de carreteras, 600 integrantes de la Fuerza Nacional de Seguridad Pública, 150 integrantes de la Comisión Nacional de Energía Nuclear, 31.000 policías militares, 5.100 bomberos, 3.400 policías civiles, 6.200 guardias municipales y 2.200 agentes de tránsito. ¿Alcanzará?

ANEXO D – TRANSCRIPCIÓN DA NOTÍCIA DO JORNAL CLARÍN

Las protestas callejeras se extienden a 23 ciudades de Brasil y saltan al exterior

Unas 600 personas sembraron el caos en Brasilia durante la inauguración de la Copa Confederaciones

Juan Arias

Río de Janeiro

15 JUN 2013 - 20:40 CET68

Mientras en Brasilia, durante la inauguración de la Copa de las Confederaciones en la que se enfrentaban Brasil y Japón, la Fuerza de Choque de la Policía militar intentó dispersar una manifestación de unas 600 personas con gases lacrimógenos y balas de goma, para la semana próxima se esperan nuevas manifestaciones de protesta en 23 ciudades brasileñas.

En el extranjero también tendrán lugar manifestaciones de apoyo al movimiento, convocadas en 27 ciudades por los brasileños residentes.

En Brasil, las protestas serán en ciudades como Manaus, Natal, Brasilia, Porto Alegre, Belem, Bel Horizonte, São Paulo, Recife o Curitiba, entre otras. Entre las extranjeras figuran ciudades como París, Lisboa, Munich, Berlín, Madrid, Barcelona, México, Argentina, Boston, Chicago, Nueva York, Toronto o Turín.

Parece que, como afirman los analistas políticos, la ola de protestas ha llegado a Brasil “para quedarse”. A las reivindicaciones por el aumento del precio de los transportes, se han unido otras de carácter social como la exigencia de una mejor educación, mejores hospitales o reducción del gasto en eventos públicos como los deportivos. “Ningún partido nos representa” es la consigna.

Una de las activistas del movimiento ha lanzado a través de Internet un manifiesto en el que pide a la presidenta brasileña, Dilma Rousseff, que hable públicamente, en nombre de su pasado de luchadora política contra la dictadura, para “garantizar” el derecho de manifestación. Según Olivia de Castro y Marilia Persoli no se trata solo de protestar contra el aumento del precio de los transportes públicos. “Es mucho más que eso. Es un movimiento nacional. Estamos en la calle porque queremos otra ciudad y otro Brasil”, reza el manifiesto.

“Tenemos la misma edad que cuando usted, presidenta, salió a la calle para defender el Brasil en el que creía. Somos mujeres jóvenes, como usted lo era en el Brasil de los años 70. Nuestra generación está ocupando de nuevo la calle. Estamos con miedo y es increíble que sea

su generación la que hoy nos reprime”, concluye el documento que corre por las redes sociales.

Los sociólogos explican que existe cierta dificultad a la hora de entender la actitud de los manifestantes, así como la de las fuerzas del orden, ambas desacostumbradas desde hace años a este tipo de protestas. Como afirma el jurista Wálter Maierovitch, “la policía brasileña no está aún preparada para actuar en ambientes democráticos”. Y añadió que entre los manifestantes se infiltran extremistas violentos que quieren aprovechar la ocasión para ir contra las fuerzas del orden.

Cuando el Partido de los Trabajadores (PT) estaba en la oposición, antes de llegar al poder, era él quien movilizaba a la calle y con su experiencia organizaba las manifestaciones, que siempre estuvieron controladas. Hoy, los grupos que las convocan están pulverizados, son variopintos y no tienen un líder al frente. La sociedad muestra hoy un conjunto de insatisfacciones, pero no exige cambiar el mundo como en el 68, sino mejoras en los servicios públicos y menor despilfarro en los gastos de los políticos. Precisamente una de las perplejidades y preocupaciones de los políticos es que no tienen un interlocutor con autoridad para dialogar.

Y eso es justo lo que quieren los diferentes movimientos de protesta: no estar atados a una organización única. En el movimiento caben todos y nadie tiene derecho a hablar y pactar en nombre de los otros, aunque sí están dispuestos a dialogar sobre cuestiones concretas. Uno de los movimientos que organizó las protestas de São, por ejemplo, ha sido invitado por el alcalde Fernando Haddad a una reunión con su gobierno. Como ha escrito Gilberto Scofield Jr. en su columna de o Globo, “lo que parecía solo ruido de un bando de revoltosos desocupados ha evolucionado hacia un fenómeno que se ha agigantado y que los sociólogos aún no saben como definir”.